Jean

ANNO VIII
RIO DE JANEIRO, 15 DE N
Preço para todo o B

CINEARTE

Um traço de distinção inconfundivel

PÓ DE ARROZ NOVELLY

De Roger Cheramy

HOLLYWOOD BOULEVARD

(FIM)

Antes de terminar esta minha chronica, quero dedicar um ultimo paragrapho a duas personalidades cuja falta Hollywood está sentindo. O Boulevard não os terá mais entre a sua multidão de transeuntes... Ellas se foram para sempre e como Hollywood e o cinema lhes ficou a dever tanto! Refiro-me, aqui — a Harry Sweet e a Louise Closser Hale. O primeiro, victima de um desastre de aviação, cujo apparelho elle proprio pilotava, é conhecido de todos os velhos *fans*. Recordam-se daquellas comedias impagaveis que Harry Sweet fazia para a Universal? Sempre com um ar de palerma, verdadeiro roceiro — aliás o typo que elle escolhia de preferencia para seus trabalhos — Harry era um dos comediantes mais apreciados, ha uma decada. Ultimamente, dividia o seu tempo entre representar e dirigir comedias para o departamento de *shorts* que Lou Brock dirige no studio da Radio-R.K.O.

Foi Brock quem m'o apresentou, logo que eu aqui chegara. Harry era um homem intelligente, de um bom humor delicioso, mas de uma calma sui-generis.

Nunca vi ninguem dizer uma coisa engraçada, uma optima pilheria com a displicencia com que Sweet o fazia. Varias vezes, assisti á filmagem das comedias que elle dirigia. Parecia mais um dos artistas, um dos proprios extras, do que o director. Nunca o vi gritar.

Emquanto mudavam as luzes, elle chamava á sua roda os extras e punha-se a tocar piano. Contava, fazia *gags*, representava — vivia a brincar. Os extras de suas comedia o adoravam, pois tinham nelle mais do que um amigo, um verdadeiro companheiro. Bom, de coração grande, amavel, delicado e que os tratava de tu para tu.

Caricatura de Maria Helena, especial para CINEARTE.

Na noite e madrugada anterior ao accidente, elle havia trabalhado até ás seis horas da manhã. Era um domingo. Do studio dirigiu-se directamente para Lake Big Bear, logar de recreio de verão. Ali, pilotou o seu avião particular e o accidente fatal veio a succeder. Morreram em sua companhia um dos seus melhores amigos, um rapaz que escrevia e collaborava em suas comedias e uma garota que apparecia em seus films. Assim, perdeu o Cinema uma das suas personalidades mais sympathicas e Hollywood um dos seus velhos amigos... Harry Sweet tambem foi o director e productor de varios films de "avant-garde" só exhibidos em sessões particulares.

Louise Closser Hale tambem se foi e, ao que parece, ella presentia o fim. Dias antes de seu coração falhar, obrigando-a a recolher-se a um hospital, onde dois dias mais tarde, veio fallecer — Louise escrevia a uma amiga. "Sinto-me cançada e sei que nunca mais voltarei ao theatro. Acredito que está bem proximo o dia em que representarei o meu maior papel... e depois descançarei para sempre".

Foram estas as suas proprias palavras em carta escripta pouco mais de uma semana antes do desenlace.

Louise era uma grande figura dos palcos americanos, além de escriptora. Escreveu varios livros, pertencia a varios circulos literarios dos Estados Unidos e era viuva de um illustrador e desenhista de fama. Ambos, ha muitos annos, fizeram viagens pela Europa. Louise escrevia chronicas e historias e o marido as illustrava, com arte. Ella pertencia ao theatro americano, antes de vir para o cinema. Neste, deu varios e notaveis papeis. Tive a alegria de lhe ser apresentado, não faz muito tempo. Estava ella trabalhando em "Aurora de duas vidas", film da Metro Goldwyn-Mayer onde apparecem Kay Francis e Walter Huston.

Louise Closser Hale palestrou longamente commigo.

Lia um livro, o que era parte da sua obrigação diaria. Era um critico severo e a sua palavra era intelligente, agradavel e repassada de bom humor.

Uma grande dama! Recordamos juntos, naquella manhã, seus trabalhos, o esplendido bom humor que injectava em seus papeis — e ella me responde: "Maluquices de gente velha... Estou ficando coróca e perdendo o juizo...!"

E me conta. "Aqui, no studio quando lêm uma historia que diz — "uma velha careteira, excentrica... já sei! Espero que me chamem! E não digo que não. Gosto do cinema, muito mais do que do theatro. Trabalha-se com mais calma e mais conforto, além de que não posso estar sem fazer nada".

Assim era Louise Closser Hale, cujas amizades em Hollywood eram Mae Robson e Marie Dressler. Ambas, appareceram juntas, pela ultima vez, em *Dinner at Eight*.

O derradeiro papel de Louise Closser Hale, ella o teve em *Another Language*, film que Robert Montgomery

e Helen Hayes terminaram, faz pouco para a Metro Goldwyn-Mayer.

Por occasião da sua morte, estava fazendo a parte da velha tia em *Little Womem* para a Radio-R.K.O. A sua morte foi um choque para o elenco, onde, nos poucos dias em que ella trabalhara, soubera conquistar o coração e a amizade de cada um.

Morreu e deixou seus bens para serem distribuidos pelos pobres. Para a Instituição Publica de Hollywood, que soccorre os artistas pobres e os extras necessitados, Louise deixou a somma de mil dollares. Deu ordens ao seu testamenteiro de distribuir seus pertences pessoaes por entre seus amigos — que eram todos, todos quantos a conheceram e a amaram muito...!

PERGUNTE-ME OUTRA...

TRES PRINCEZINSAS DESTRONADAS (Rio) — Robert: M. G. M. — Studios, Culver City, Cal. Sim basta "photograph". Vou pedir ao Gilbert para entrevistar o Robert Young..

OLD FAN (S. Paulo) — 1° — Não me lembro mais. 2° — Se não estou enganado foi "Danubio Azul", de Strauss. 3° — Não me recordo, tambem. 4o — Fox-Studios, Bervely Hilss, Hollywood, Cal. 5° — RKO-Radio-Studios, Gower Street, Hollywood, Cal.

WALAIDA (Pelotas) — 1o — Não sei. 2° — Idem. Os productores europeus não fazem publicidade. 3° — Universal City, Cal. 4° — Escreva directamente á gerencia, rua Sachet, 34. Recebi o endereço, sim. Gosto de possuir o endereço de todos, os bons leitores como você. Até logo, "Walaida". Então Pelotas está reanimando da crise, não...?

RUDY (Rio Claro) — Temos muita satisfação em saber desse facto, tão lisonjeiro para nós. Não sei ao certo, mas Yaconelli existe um só, portanto deve ser elle. Luiz deixou o cinema.

CARIOCA (Rio) — Sim, a Paramount contractou Ida Lupino que aliás é uma inglezinha muito interessante e bonita e já está no elenco de "Search for Beauty", ao lado de Buster Crabbe e Toby Wing.

MARION (Rio) — Os outros films de Elizabeth Allan estão num artigo que deve sahir neste numero ou no proximo. E além delles ella vae fazer agora "Long Lost Father", ao lado de John Barrymore, na Radio. Benita, na Inglaterra, tambem fez "The Wrecker", "Lady of the Lake" e "High Treason".

ROULIEN

(Conclusão)

E Roulien concorda commigo. E o fazendo, mostra outro predicado. Elle sabe dar ouvidos ás criticas sinceras, sensatas, que tem a sua razão de ser.

Fóra deste ligeiro reparo que foi feito sem intuito de achar defeitos, a nova producção da Fox é admiravel, com elementos de exito seguro.

Raul Roulien, neste momento, está trabalhando em *Flying Down to Rio*, a luxuosa super-producção que Lou Brock produz para a R. K. O.-Radio. Elle vive um dos papeis mais *faceis* da sua carreira cinematographica... E' um authentico e genuino *carioca*, interpretando o papel de um rico e elegante jovem da sociedade do Rio.

Neste film, elle canta apenas uma canção — um tango intitulado *Orchids in the Moonlight*, (Orchidéas ao Luar). O seu papel dá grandes e novas opportunidades para mais um desempenho soberbo.

Elle recebeu propostas vantajosas para uma tournée pela Europa, Hespanha, principalmente, onde, é possivel, deverá apparecer no palco de theatros ou cinemas.

E, assim, elle levará ainda mais longe o nome do Brasil, o talento de um artista nosso, tão querido do nosso povo. Provavelmente, elle, muito breve, voltará ao Rio — á sua terra de que elle sente saudades grandes... revendo amigos, sua familia e o seu publico que está sempre prompto a recebel-o de braços abertos, com esse enthusiasmo sincero da nossa gente!

E aqui ficam nestas linhas ligeiras mais um pouco da actividade espantosa que Roulien despende, continuando na sua brilhante carreira e conquistar novos successos — exitos esses que elle sempre encontra meios de dividir com o nome do Brasil...

CINEARTE

O governo americano continua a tratar do caso dos Cinemas de programma duplo. Sim, nos Estados Unidos o governo dá muita attenção a esta "bobagem"... O Cinema. Aliás, na historia do Cinema americano foram muitos os casos e as occasiões em que o governo teve de intervir para o seu progresso. Como entrou Will Hays para Cinematographia senão para prestigiar e moralizar a industria que nesta altura não chegava a soffrer a metade da desorganização e dos methodos illicitos por que passa a nossa?...

Esta gente que propala que o Cinema americano venceu sózinho, não sabe nem da extraordinaria intervenção de Wilson, durante a guerra, que salvou a industria, já neste tempo muito mais apparelhada e preparada do que a nossa, da indecisão, da confusão de idéas, dos "profiteurs", da "cavação" e dos maus elementos, tendo mostrado o caminho certo e decisivo da sua estabilisação, apontando a paralysação dos Studios europeus e aproveitando não só o Cinema como orgão de convicção e propaganda do pensamento americano para os proprios americanos, como tambem os artistas para a venda de "liberty bonds", protegendo-os da traição das trincheiras.

A guerra, foi ponto facultativo para todos artistas americanos. Esculptores, pintores e até... artistas de Cinema.

Agora, Roosevelt está protegendo os comicos. O povo precisa rir, mas as companhias de comedias estavam fallindo. Só Hal Roach se mantinha com difficuldade e muita economia, fazendo comedias em que se aproveita até o seu escriptorio como montagem. O governo americano deseja pôr um fim na constituição de programmas com dois dramas, "features" ou os chamados Films de "grande metragem". Os Cinemas só poderão exhibir um Film de "grande metragem" para dar sahida e apresentação aos "shorts", comedias, jornaes e Films educativos.

O povo precisa rir, vamos aproveitar tambem o Cinema para educal-o. E lá se cogita de obrigar incluir nos programmas um Film educativo que o nosso governo aqui já decretou e nada tem sido cumprido.

Mack Sennett reanimou-se e promette comedias mais bem cuidadas. Muitos technicos que estavam parados, estão cuidando de Films culturaes e os "dramas" vão ser mais procurados e mais valorizados.

No Brasil o actual chefe do governo, diga-se a verdade, foi o unico homem de governo até hoje que deu attenção ao Cinema. Está verdadeiramente interessado em protegel-o em nosso paiz e regularizal-o. O Cinema é um bem e um mal. E' preciso um controle e é preciso aproveital-o para o que o Brasil mais necessita: **Educação!**

Naturalmente pouco senhor da situação, organizou uma commissão no Ministerio da Educação para estudar o assumpto. A commissão era constituida dos senhores Drs.: Roquette Pinto, Venancio Filho, Mario Behring de CINEARTE, Teixeira de Freitas e outros nomes que nos escapam agora. A commissão ouviu exhibidores, importadores e industriaes.

Resultou, como primeiro passo o decreto n.º 21.240 que entre varios artigos ainda não cumpridos, constava a realização de um Convenio, idealizado pelo Dr. Teixeira de Freitas, um dos que mais comprehenderam o nosso problema Cinematographico, encarando-o com optimismo e energia.

O Convenio realizou-se mas não foi comprehendido. Resultou num congresso commum e nada de pratico foi resolvido. O seu autor desilludiu-se, mas os papeis do Convenio com muita cousa aproveitavel, entretanto foram enviados ao Ministerio da Educação onde dormem até hoje...

Para a estabilização da nossa industria, pelo menos, muita cousa podia-se fazer sem nenhum onus para o governo, mas seria absurda uma subvenção bem organizada para uma industria necessaria ao paiz? Com varios aspectos subjectivos, quando a quantia necessaria não chegaria **á terça parte** do que sahe do paiz annualmente para as empresas estrangeiras e afinal elementos subalternos do governo despendem em maior quantidade com os chamados Films de cavação, sem nenhum resultado pratico e onde se protegem ás vezes elementos estranhos á nossa industria e que nem machiinas possuem, não pagam impostos nem mantêm laboratorios ou escriptorios, para fazer Films que envergonham e ficam, sem ser exhibidos, nas prateleiras ou nos porões dos ministerios quando não são vendidos depois a kilo pelos seus proprios "productores"?

Muito se commenta que devemos "começar" pela producção de "shorts" e "jornaes". Mas onde exhibil-os? Como complemento, nada rendem, quando chegam a ser collocados em alguns Cinemas. Apesar de estar prevista no decreto a sua inclusão nos programmas, nada tem sido realizado. Como podemos fazer Films educativos, se os Cinemas não os exhibem? Em geral, esses que aconselham a começar por "shorts", querem ao mesmo tempo que se enfrentem as superproducções americanas. Não comparam as nossas producções com os chamados Films de linha, estrangeiros, em geral inqualificaveis que ahi correm pelo Brasil todo. Emquanto isso, vamos vendo tambem as drogas que nos vêm da Russia (aquelles "shorts" com aquelles bonecos animados!), Portugal e até dos arabes...

Não, Cinema não é apenas um ponto de vista economico. E' propaganda, é escola, é arte, é arma de convicção e precisamos tel-as tambem brasileiras.

Patsy Kelly, a nova companheira de comedias de Thelma Todd, tambem é admiradora de CINEARTE...

Temos que fazer "shorts" (as canções brasileiras perto das canções russas e arabes...) Jornaes (não jornaes de exclusiva propaganda de Mussolini e Hitler que pagam para isso e com todas as partidas de tennis do mundo, etc.,) comedias e Films de grande metragem, dentro do progresso actual do Cinema, falados, grandes, com montagens surprehendentes, argumentos e scenarios das nossas melhores cabeças e com as nossas artistas.

Podemos fazer, temos que fazer. O que é preciso é attenção mais decisiva e pratica do governo, para abreviar tempo.

Alguma cousa que controle esforços esparsos e moralize o meio Cinematographico. Emquanto os exhibidores, os importadores e os porteiros organizam as suas associações e se syndicalisam, a "Associação Cinematographica dos Productores Brasileiros", infelizmente não tem sido comprehendida pelos interessados, pelos que mais della necessitam e mais vantagens teriam. O resultado é a balburdia, a concurrencia desleal que por ahi se vê.

Tratam de engulir uns aos outros, quando precisam de união de vistas e de interesses, já que não é possivel conciliar talentos.

x x x

Lemos na "A Patria" e transcrevemos aqui com a devida venia:

"Não é de hoje que nos batemos pelo desenvolvimento da Cinematographia nacional.

Recente estatistica que nos foi presente, demonstra que em todos os paizes existe uma serie de concessões para as empresas que exploram essa industria. Outros vão além, impondo aos exhibidores condições especiaes, mediante as quaes é obrigatoria a inclusão de uma percentagem de Films nacionaes. A Italia resolveu o assumpto dictatorialmente exigindo a representação de Films falados exclusivamente em italiano.

As empresas estrangeiras que desejam manter os mercados italianos são obrigadas a fazer montagens nesse paiz, afim de poderem, aproveitando os artistas italianos, fazer a substituição dos dialogos. Essa medida de Mussolini é patriotica e tem grandes objectivos: permitte o aproveitamento dos artistas nacionaes, dá trabalho a grande numero de pessoas cujas actividades são necessarias nos Studios e proporciona renda ao governo com a exploração da nova industria. Incentiva, por outro lado, as iniciativas, e permitte que o desenvolvimento da Cinematographia italiana se processe em ambiente de garantias.

Entre nós, nada se fez ainda a favor da Cinematographia nacional. A' parte o heroismo de meia duzia de abnegados, continuamos a ver os Films estrangeiros sem que nossos exhibidores permittam sequer a inclusão de um jornal brasileiro. E' uma luta para conseguir a exhibição de um Film nacional. E' verdade que elles são fracos, comparados com os que nos vêm da America do Norte ou da Allemanha. Mas, como progredir a nossa arte Cinematographica se lhe falham os meios? Não somos a favor do proteccionismo, que julgamos um mal de consequencias graves, mas tambem não vemos por que, nas industrias em que temos meios de realizar producção egual em merito e valor á estrangeira, nos deixarmos apathicos, sem procurar concorrer. Não queremos que se faça aqui o que Mussolini fez na Italia, mas tambem não achamos que se deva deixar ao abandono, como está, a Cinematographia nacional.

E' preciso que se façam concessões justas e que se incentive dentro das possibilidades orçamentarias os que se dispuzerem a arriscar capitaes para a Filmagem de pelliculas brasileiras."

x x x

Alma Lloyd, uma pequena de 19 annos, filha do director de "Cavalcade", trabalha em "Jimmy and Sally", da Fox.

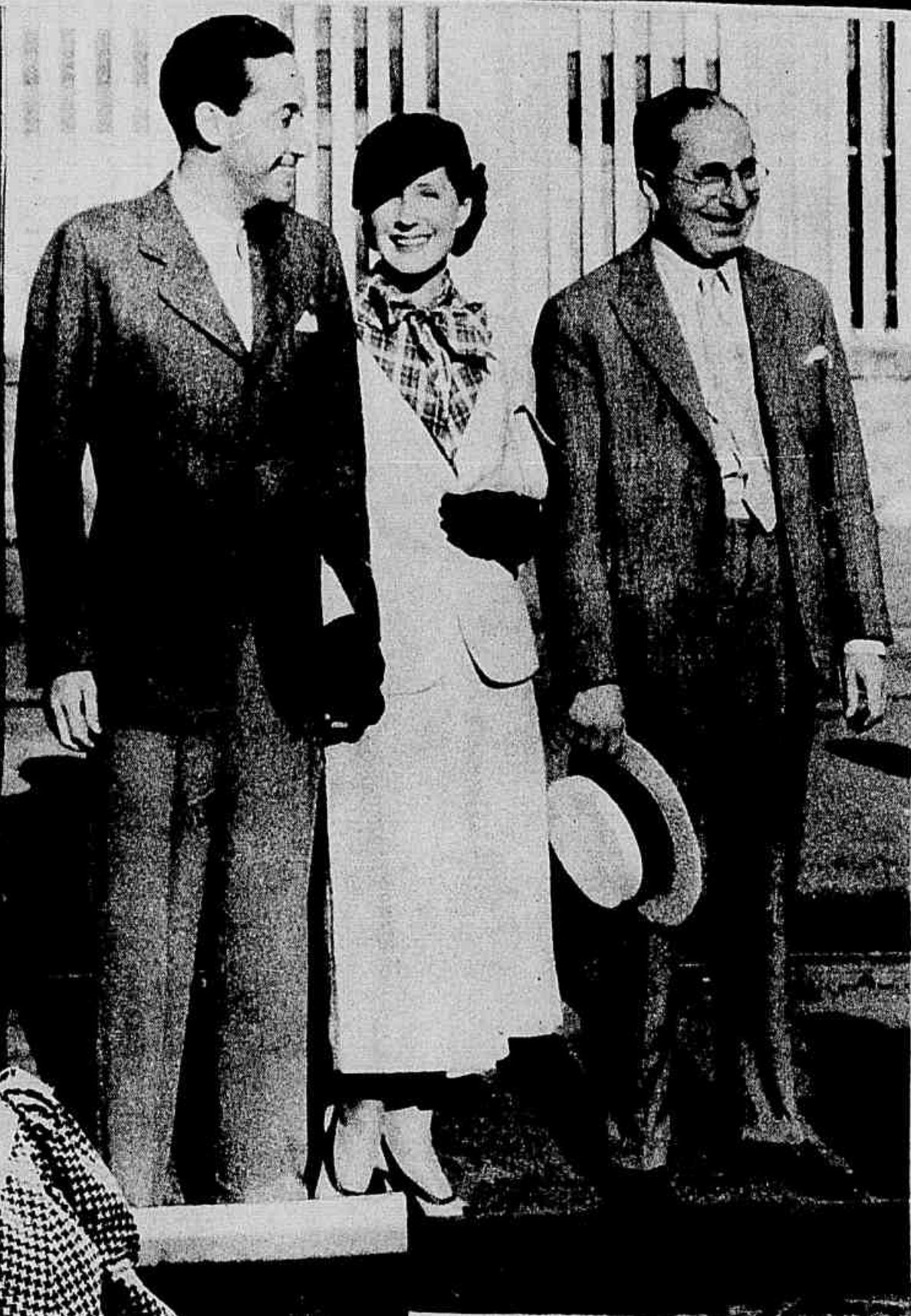
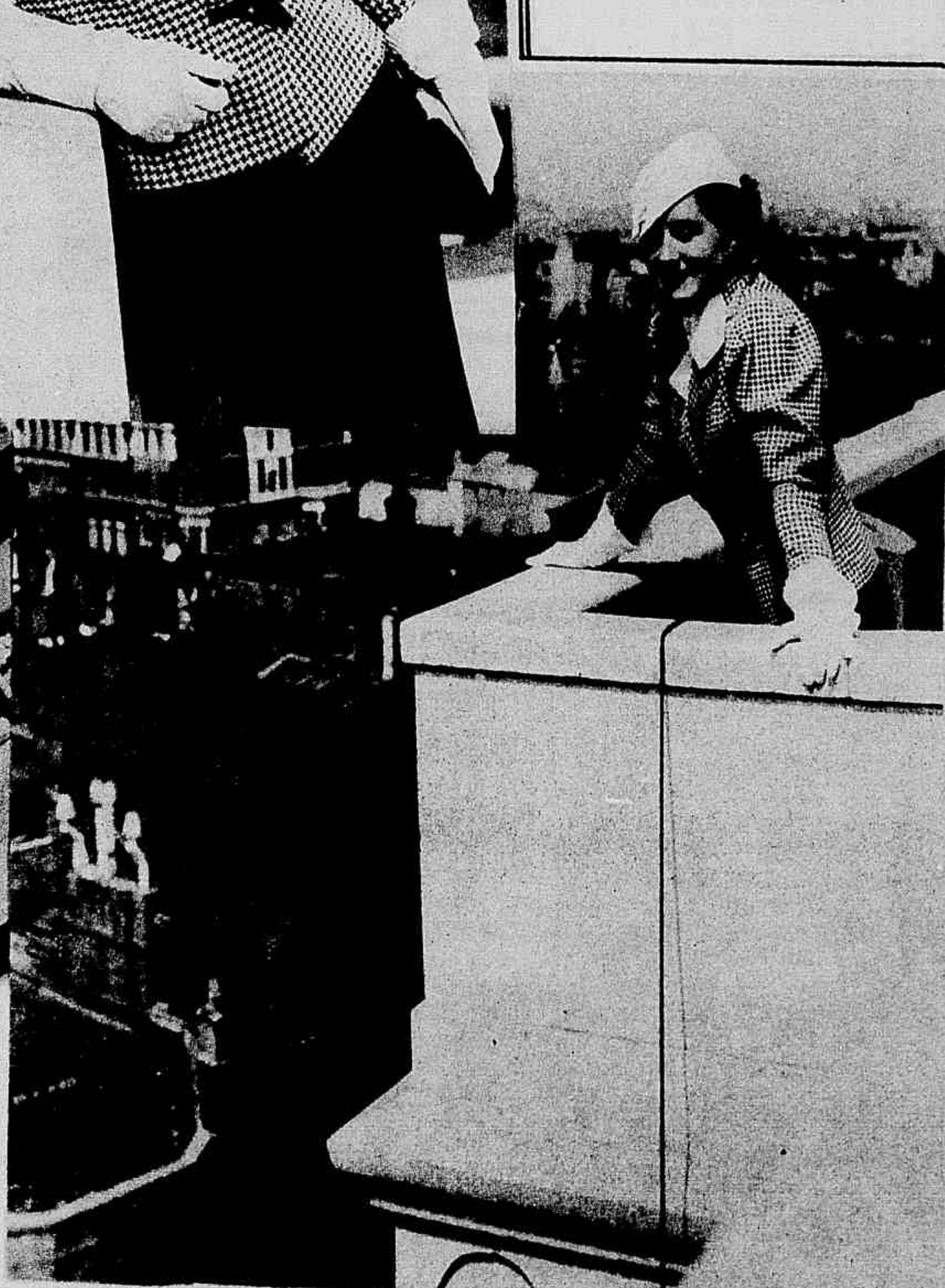
x x x

Towsend Paul tambem bateu a bota.

x x x

George Fitzmaurice vae dirigir "All Men Are Enemies", da Fox.

x x x

Nos funeraes da querida Renée Adorée realizados no cemiterio de Hollywood, estavam presentes muitos artistas conhecidos e amigos da heroina de "The Big Parade", inclusive a irmã de Renée, Myra La Fonte, que reside no Mexico.

O casal Thalberg e Louis B. Mayer

Norma Shearer quando chegou da Europa

Admirando Londres da terrasse do Hotel

CARL
LAEMMLE
apresenta

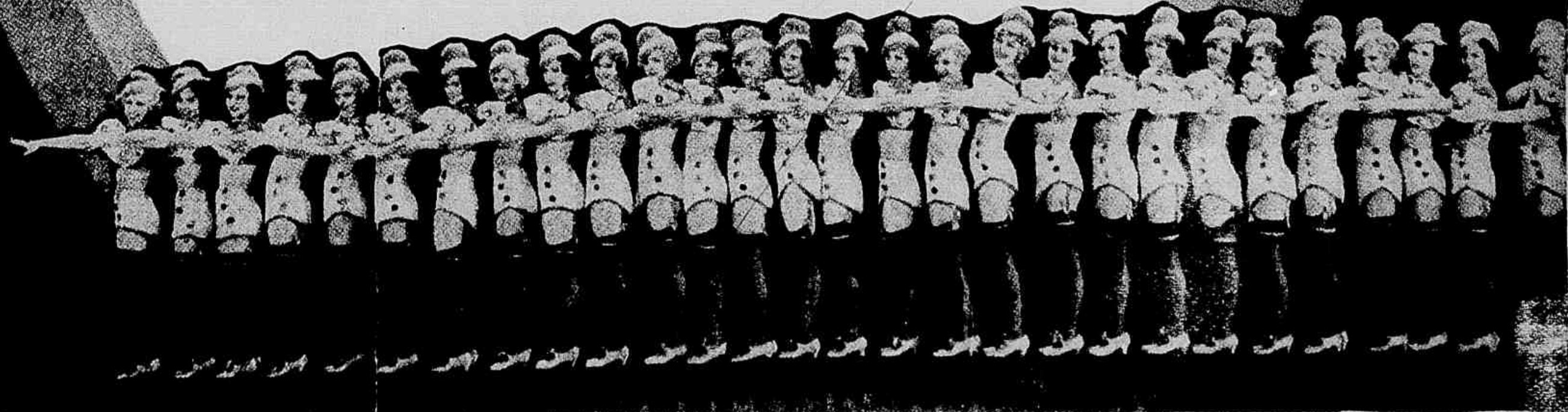
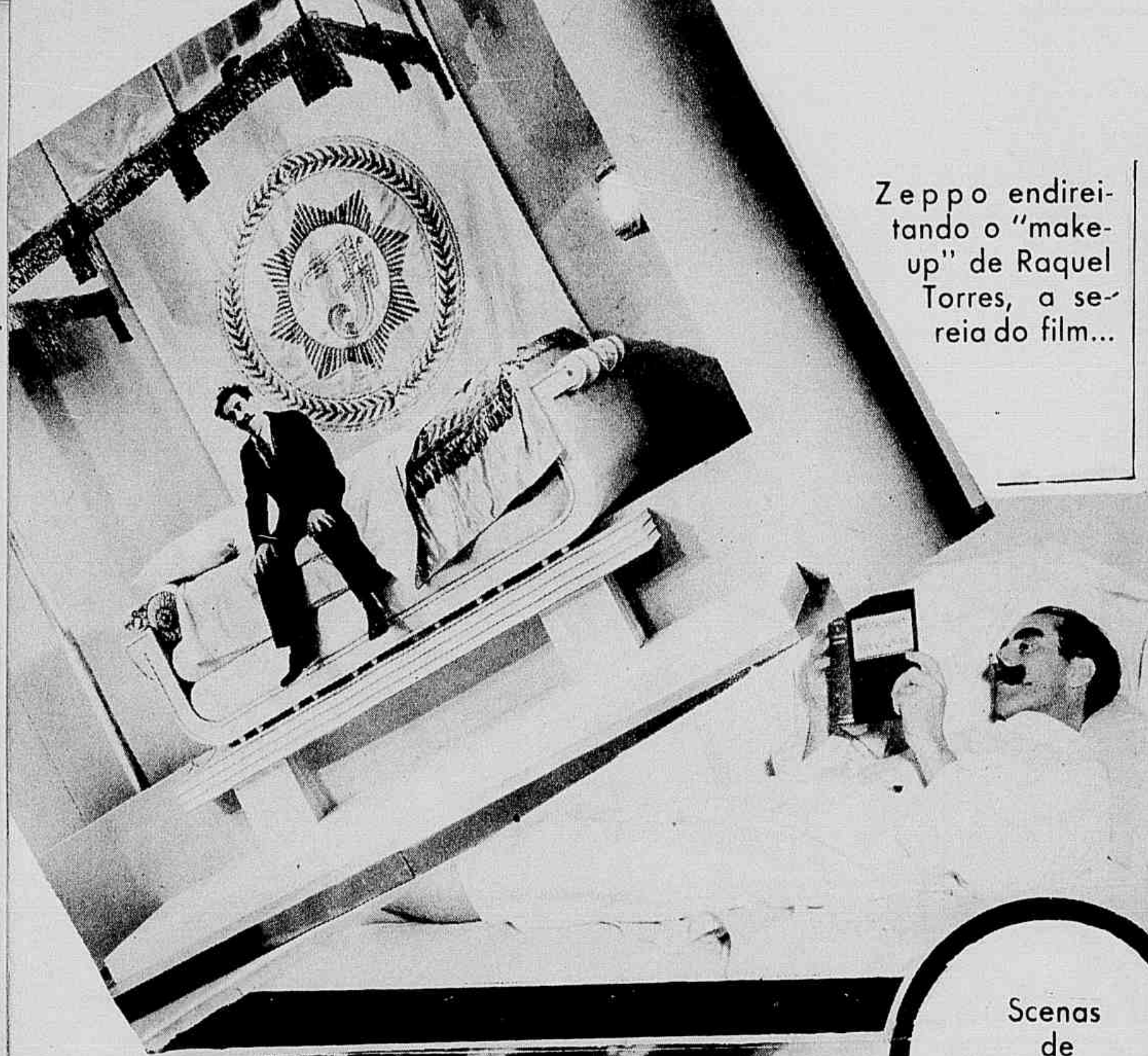
MOONLIGHT AND PRETZELS

Belleza! Musica! Romance! 50 bellas "girls"! Uma duzia de estrellas!

Uma obra prima com Leo Carrillo, Mary Brian, Roger Prior, Herbert Rawlinson, Lillian Miles, Boby Watson, William Frawley Alexander Gray e Bernice Claire

UNIVERSAL PICTURES

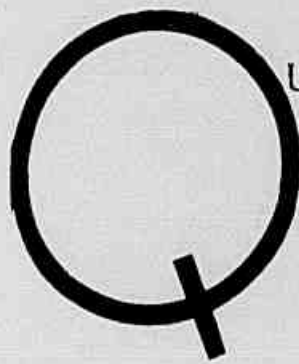
Uma producção William Rowland-Monte Brice - EM 27 DE NOVEMBRO no

Pathé Palacio

Zeppo endireitando o "make-up" de Raquel Torres, a sereia do film...

Scenas de "Duck Soup" da Paramount

A ultima piada dos irmãos Marx...

CURIOSIDADES DE HOLLYWOOD CONTADAS POR MERVYN LE ROY

Lembram-se de Mervyn Le Roy em "Lyrio do lodo", com Pola Negri?

QUANDO Mervyn Le Roy dirigiu o seu primeiro Film em Hollywood, era, naquelle tempo o director mais jovem da America. Ainda hoje elle conserva aquella apparencia e continúa a ser chamado o "director menino." Assim sendo devemos dizer que Mervyn Le Roy é então o menino mais intelligente que dirige Films na cidade do Cinema. Já o consideravamos isto, ha muito, mas ainda ha pouco, "O fugitivo" e "Cavadoras de ouro", fizeram-nos admirar ainda mais o director que amou uma das "gold-diggers" deste ultimo Film citado... Sim, sabiam que o seu ultimo romance foi essa estupenda Ginger Rogers?

Em "Cavadoras de ouro" aquellas liberdades com o theatro, no fim da fita, no numero dos "heroes desconhecidos", foi uma maravilha. Houve quem achasse absurdas aquellas scenas de guerra reaes que appareciam em conjuncto com a representação no palco, mas aquillo marcou uma novidade que estava fazendo falta nas revistas do Cinema.

Mervyn Le Roy é um director que se enthusiasma com quasi todas as estrellas que dirige. Glenda Farrell foi lançada por elle naquelle Film de Edward G. Robinson — "Alma de lodo." Mervyn achou-a uma grande actriz e orgulha-se de tel-a descoberto.

Aline Mc Mahon é outra que elle poz no Cinema e depois de "Sêde de escandalo" tem trabalhado sempre, chegando a "roubar" muitas scenas das "Cavadoras"...

Loretta Young tambem foi "achada" por Mervyn...

E outra cousa de que elle pode orgulhar-se é de ter sido o director que fez o primeiro "test" de Clark Gable, na epoca em que este começou a ter evidencia. Clark ia trabalhar em "Alma de lodo", mas o Studio não quiz, por causa das orelhas de Gable...

Isso é um desgosto de Mervyn Le Roy, porque elle achou um absurdo rejeitarem Clark Gable por causa das orelhas, quando Louis Wolheim tinha o nariz quebrado e fazia successo...

A proposito, Mervyn falando sobre o inesquecivel "Katzinsky" de "sem novidade no front", que despediu-se do Cinema dirigido por Mervyn no Film de John Gilbert — "O destino de um cavalheiro" — Mervyn conta que Wolheim vinha para o "set", pela manhã, já preparado para entrar em scena; apesar de ser um dos homens mais educados de Hollywood, pois foi antes professor de collegio, usava de uma linguagem rude.

Mervyn conta que Wolheim, falava com a esposa pelo telephone, quatro ou cinco vezes por dia, durante os intervallos de Filmagem... Wolheim era doido pela esposa!

Antes de dirigir, Le Roy foi camera-man e elle proprio se considera um dos peores que Hollywood conheceu... Elle conta que certa vez, operando um Film de William De Mille, este lhe chamou de genio porque o achava o responsavel por todas as photographias fóra do fóco, que estavam apparecendo em varios Films. E De Mille lhe disse: — Tudo que você photographa é fóra de fóco e os outros camera-men o estão imitando... Elles pensam que você apresentou uma innovação artistica...

Mervyn Le Roy é um homem engraçadissimo como inventor de anecdotas.

Na sua opinião o melhor director de Hollywood é Al. Green, que muito o auxiliou, para que elle estreasse como director. Mas quem iniciou Mervyn no Cinema foi aquelle velho saudoso dos Films automobilisticos de Wallace Reid — Theodore Roberts. As historias sobre Theodore que Mervyn conta são innumeras:

— Depois do terremoto de S. Francisco eu vendia jornaes, para ajudar a minha familia a recuperar a fortuna perdida. Um dia, quando eu me achava berrando os jornaes á porta do Alcazar Theatre, um homem grande, de olhos bondosos, chegou-se a mim e perguntou-me se eu gostava de ganhar alguns dollars vendendo jornaes no palco. Havia uma peça a ser estreada, que requeria um vendedor de jornaes, em scena.

Era "Deep people", que mais tarde tambem foi Filmada. Foi assim que estreei no theatro.

Na semana seguinte, a peça era "Barbara Fritchie" (tambem serviu para um Film de Florence Vidor) e havia o papel de um menino que devia subir numa arvore e gritar: "Os yankees estão vindo". Foi a minha segunda "opportunidade" no theatro mas na primeira noite, ao subir á arvore, cahi e a quéda provocou muitas gargalhadas. Foi um successo: o publico gostou e tive que cahir da arvore todas as noites... O homem grande com olhos bondosos, na terceira noite deu-me um conselho:

— Se quizer ser actor, represente esta queda de verdade, não a faça propositadamente.

Excusado é dizer que cumpri o conselho, mas no fim da semana estava seriamente machucado.

Theodore Roberts era um brincalhão inveterado. Certa occasião elle pediu-me para ir a Oakland, afim de pedir ao gerente de uma companhia theatral um espelho de mão... Eu fui e o tal gerente, olhando-me solemnemente disse-me que não tinha espelho, porém, tinha doze libras de terra que Mr. Roberts ia precisar na sua proxima peça. E eu carreguei a terra desde Oakland até S. Francisco..

Falando das estrellas antigas, Mervyn diz:

— Boas companheiras que eram! Quando eu era menino, trabalhando no departamento de guarda-roupa do Studio da Paramount e ganhava doze dollars por semana, Wallace Reid tinha o habito de chamar-me ao seu camarim para conversar commigo. Nunca me esqueço disso: Annos mais tarde, fui eu quem encontrou o pobre Wally, cahido na calçada do lado de fora do Studio. Perguntei-lhe o que lhe acontecera e Wallace me respondeu:

— Penso que chegou, finalmente, meu dia...

Levei-o para casa pela ultima vez.

Mervyn elogia Gloria Swanson com estas palavras:

— Ahi está uma mulher ás direitas. Se hoje em dia ella está sem dinheiro, como dizem por ahi, é porque deu tudo o que possuia auxiliando os outros. Eu dirigi o ultimo Film que ella fez em Hollywood, como todos sabem — "Esta noite ou nunca". Estou certo de que não foi a sua melhor fita, nem a minha tambem, mas não tenho culpa disso.

E Mervyn faz então curiosas revelações, explicando por que Gloria nesse Film não foi a mesma Gloria de sempre, expansiva como nos outros Films... Elle diz que o unico culpado é Michele, o marido de Gloria... Só o director e a estrella é que sabiam que a cegonha estava de viagem marcada... Depois de cada scena, Gloria caminhava devagar até o director e perguntava: — "Que tal foi esta scena, Merve?"

— O bêbê estava maravilhoso... segredava-lhe eu — mas você...

— Eu sei... — dizia-me ella, tristemente.

E então tinhamos que repetir, repetir e tornar a repetir a scena.

A estrella de "Casamento liberal" é uma das melhores amigas de Le Roy. Na parede da sala da casa delle existe uma grande photographia de Gloria com esta dedicatoria encantadora: "A Mervyn — Desejaria que você dirigisse todos os meus Films — Sinceramente, Gloria".

E já que falamos em dedicatorias, Mervyn tem um livro sobre a vida de Jack Dempsey, em que o conhecido pugilista escreveu estas palavras: "Ao amigo Mervyn, que é o responsavel pela minha quéda"...

Foi Mervyn Le Roy quem apresentou Jack a Estelle Taylor.

Falando do seu Film "Tres ainda é bom", Mervyn elogia enthusiasmado as tres estrellas do mesmo — Joan Blondell, Ann Dvorak e Bette Davis.

— Joan é uma pequena admiravel para se dirigir. Ella é admiravel em todos os sentidos. Os "fans" deviam conhecer o seu jardim para verem quem é Joan. Ha ali de tudo: todas as qualidades de flores as mais lindas! E' tratado por ella propria e todas as manhãs, quando não está trabalhando, mette-se num macacão e vae tratar das plantas.

— Bette é muito boasinha. Ella ainda não é tão grande artista como Joan, mas ainda o será. Notaram aquellas scenas na praia...?

— Ann Dvorak "roubou" o Film devido ao seu papel, mas a verdade é que ella tem obrigação de ser boa artista, como de facto o é. Sua mãe foi uma das grandes estrellas de outr'ora. Era aquelle moço de olhos pretos que vimos em tantos papeis de india, nos Films de Griffith — Anna Lehr... não se lembram mais?

Esse Film "Tres ainda é bom" tem os seus pontos de contacto com a vida de Mervyn, romanticamente falando. Primeiro houve em sua vida Edna Murphy, com quem elle se casou; depois Mona Munson, com que elle não casou; agora Ginger Rogers..

Mervyn Le Roy é talvez dos directores de Hollywood aquelle que mais paciencia tem para dirigir um artista. Certa vez, no periodo dos primeiros "talkies", durante quatro dias de Filmagem, elle gritou a palavra "silencio", 432 vezes! Os artistas querendo deixar registrado o facto, offereceram a Mervyn um marcador de paginas de livro, com o n.° 432 impresso...

Na sua opinião, James Cagney é o artista que mais se compenetra do papel que desempenha.

— Jimmy, quando trabalha, não pensa em outra cousa mais senão no Film que está fazendo. — diz Mervyn.

Mervyn tem um "fraco" pelas louras, desde que dirigiu o seu primeiro Film, de que Mary Astor era a

(Termina no fim do numero)

Em plenas nuvens

Casamento liberal

Queridinha do coração

Narcissus

Meus labios revelam

POUCO AMOR NÃO E' AMOR (The Animal Kingdom) — RKO.-Radio — Producção de 1932.

The Animal Kingdom (O reino animal) foi uma peça de Phillip Barry que alcançou um enorme successo na Broadway, interpretada por Leslie Howard e William Gargan.

Este Film, baseando-se nessa obra, tem os mesmos interpretes e tem todas as subtilezas, todas as maravilhosas observações que tornaram a peça celebre.

E' um Film finissimo, intelligente, com muito subentendimento e repleto de observações cada qual mais humana e ironica. Cheio de um pensamento profundo, cheio de uma psychologia rara. Typos muito humanos. Situações verdadeiras, reaes. Estados de alma revelados com uma precisão unica.

Só é pena que a adaptação fizesse o Film seguir tão de perto a peça, não lhe dando um cunho mais Cinematographico, apesar de ser bastante photogenico.

Mas isso não chega a prejudicar o seu thema — tão forte e subtil ao mesmo tempo — que vae suavemente pelo Film todo, até surgir forte naquella estupenda sequencia final, quando Leslie Howard compara mentalmente a esposa e a amante. Que sequencia de intensa emoção e extraordinaria subtileza, que momento humano e forte! Tão admiravel, é ahi o motivo, quanto a realisação e a interpretação. E' dessas scenas que perduram por muito tempo devido ás suas qualidades impressivas e ao seu forte poder de suggestão. Admiravel, simplesmente.

O Film tem muitas outras cousas notaveis — um estudo de typos e caracteres estupendo, o entendimento entre Leslie e a amante, a differença entre a esposa pela lei e a esposa pela alma. Repito, só lamento o seu aspecto muito theatral.

Ann Harding surge uma artista deliciosa, fina espiritual. E com uma belleza nova. Seu papel é admiravel. Myrna Loy é um prodigio de fascinação, atravez um desempenho calmo mas estupendo. Leslie Howard trabalha bem, com aquella sua representação toda pessoal. Sua figura é que não apresenta a mesma photogenia que vimos em **Segredos**.

William Gargan como o creado, tem um papel notavel e é um dos melhores do Film. Pena a sua maquillage. Neil Hamilton, Leni Stengel, Ilka Chase, Henry Stephenson e Donald Dillaway, bons.

Adaptação de Horace Jackson. Direcção de Edward H. Griffith que deu ao Film, o cunho de finura e distincção que se esperava delle.

A melhor peça theatral que vimos até hoje. Não tem villão, climax nem grandes emoções. E' só pensamento, alma, psychologia... Algo de humano e admiravel. Não é Film para qualquer platéa.

Cotação: — MUITO BOM

QUERIDINHA DO CORAÇÃO (Peg O' My Heart) — M.G.M. — Producção de 1933.

Pela terceira vez a velha peça de J. Hartley Manners é Filmada, sendo que na segunda vez teve por "estrella" a esposa do autor: Laurette Taylor.

Desta vez é a nossa querida Marion Davies quem anima a edição falada, bem modernisada: vestida por Adrian e adornada com diversos numeros musicaes. Mas é sempre a sentimental e velha historia da sincera irlandezinha Peg.

Marion Davies, cercando-se como sempre de optimos elementos, faz deste argumento, um Film encantador. E pelo seu trabalho, faz de Peg, uma creação notavel em graça e sentimento.

Ella é todo o interesse e só a scena de sua chegada á Inglaterra, já vale o Film. Marion está ahi perfeita na sua caracterisação, perfeita no seu desempenho, falando com um sotaque carregado, desageitada e num acanhamento unico!

O Film todo é uma producção muito cuidada, como os outros trabalhos da intelligente Marion. E' cheio de momentos que encantam pela sua graça, poesia e sentimento. O scenario de Frances Marion, principalmente, é impeccavel. E a direcção de Robert Z. Leonard, que tem dirigido tantos outros esplendidos Films de Marion — é como sempre, optima.

Mas a pellicula traz uma novidade, como um Film de Marion Davies. Combina, como das outras vezes, um pouco de todos os generos: romance, comedia e drama. A novidade é que desta vez a comedia entra em pequenas doses.

Onslow Stevens é um bom typo e um agradavel galã. Juliette Compton — aristocrata, seductora e elegante... J. Farrell Mac Donald, no seu genero, muito bem. Irene Browne, a tia de **Cavalcade,** faz uma velha **lady** com perfeição. Robert Greig (mordomo, naturalmente!) Tyrrel Davis, Doris Lloyd, Alan Mowbray e Nora Cecil são os outros.

Esplendida a photographia de George Barnes, o marido de Joan Blondell. Um Film delicado e simples mas agradabilissimo pela sua poesia e sinceridade. E vejam que vivaz e encantadora Peg, Marion personifica!

Cotação: — BOM.

CASAMENTO LIBERAL (Perfect Understanding) — United Artists — Producção de 1933.

Emquanto passeava pela Europa na sua lua de mel, Gloria Swanson resolveu fazer este Film. Depois de apanhar os exteriores em Cannes, Gloria mandou buscar em Hollywood o resto do elemento artistico e technico, terminando o Film em Londres.

Não se eguala aos passados exitos de Swanson, é logico, mas creio que assim mesmo esta sua producção européa é um Film bastante satisfactorio. O que traz mais fortemente contra si é uma má gravação. O estado da copia que vimos tambem deixa a desejar.

Mas o Film vale pelo seu scenario, pelos artistas e pelo cunho de finura e elegancia que traz. Todo o Film produzido por Gloria, aliás, tem esta parte muito cuidada — um ambiente de bom gosto, luxo e elegancia, cercando a historia.

O scenario apresenta fusões muito interessantes e uma maneira de contar a historia que não aborrece. A historia é que não é lá muito original: liberdade no casamento e entendimento entre conjugues.

Os trechos finaes são um tanto lentos e não correspondem ao inicio do Film — composto de scenas cheias de alegria, bom humor e um espirito fino. Aquelle episodio em Cannes é delicioso e a projecção do Film de amador, tambem é muito interessante.

Ha musica pelo Film todo e bem bonita. Só que ás vezes sahe da surdina para se tornar alta demais.

Gloria Swanson resurge a artista de sempre, um primor de elegancia e finura. E apesar da camera não a auxiliar muito, ainda é dona daquella belleza fina, suave que tanto deliciou aos seus "fans". Que bom seria se ella levasse avante os seus planos de fazer um Film com De Mille! E' o que esta esplendida artista precisa — um grande Film. Apesar deste aqui não ser máu, não é trabalho á altura do talento da interprete de **Queen Kelly**...

Gloria canta e vocês sabem como é linda a sua voz.

Laurence Olivier é um artista agradabilissimo e faz com uma elegancia, uma graça unica, o seu papel. O Film tem ainda a figurinha deliciosamente subtil de Genevieve Tobin em uma pequena parte e Michael Farmer, o marido de Gloria, noutra. Joan Halliday aborrece um pouco e outros artistas inglezes figuram. Historia de Miles Malleson. Direcção de Cyril Gardner.

Cotação: — BOM.

NARCISSUS (Tugboat Annie) — M.G.M. — Producção de 1933.

Marie Dressler e Wallace Beery novamente juntos num bom Film que lembra muito **Lyrio do Lôdo** e bem por isso, perde bastante do seu valor.

Perde, porque não chega á grande belleza daquelle sombrio drama que conferiu a Marie Dressler a medalha da Academia de Artes...

Pareceu-me que o argumento foi a causa disso. E' uma historia um tanto vasia, a que anima **Narcissus** e o scenario não procurou remediar. Marie é commandante de um rebocador e Wally, seu marido, apparece mais embriagado do que em **O campeão**.

Mas a direcção foi de Merwyn Le Roy. E a pellicula tem Wallace Beery. Tem Marie Dressler! Elles elevam o Film.

Merwyn consegue dirigir scenas de grande belleza e sentimento como a bofetada em Robert Young e Marie rasgando o cheque. Ha muita comedia, mas ha momentos que achei palhaçadas demais por parte de Wallace Beery, o que quasi arruina o vibrante e admiravel desempenho de Marie Dressler. Achei tambem um tanto falso aquella historia de Wally estar sempre

A TELA EM

embriagado em todos os momentos culminantes da historia do Film. Felizmente, Beery é o esplendido artista que consegue transformar estes exaggeros do scenario, em esplendida comedia.

O final é um **climax** acceitavel, bem feito e Marie Dressler é a artista que tem a faculdade de emocionar o publico em qualquer momento do Film.

Robert Young e a moreninha Maureen O' Sullivan são os namorados. Frankie Darro, Paul Hurst, Willard Robertson e Vince Barnett figuram. Historia de Norman Reilly com adaptação de Zelda Sears e Eva Greene. Não pensem assistir cousa genero **Lyrio do Lôdo,** pois é sómente um Film para dar opportunidade de dois bons papeis para Beery e Dressler. Mas podem estar certos de que o Film tem diversão e emoção — ao menos por parte de Wallace e, principalmente de Marie.

Cotação: — BOM.

EM PLENAS NUVENS (Parachute Jumper) — Warner Bros. — Producção de 1933.

Não tão bom quanto **Viver na Morte** mas outro interessante e despretencioso Film cujo principal agrado é o trabalho sincero e humano de Douglas Fairbanks Jr.

Aqui elle tem por companheiro Frank Mac Hugh e ambos, como dois aviadores desempregados, combatem a crise atravez scenas cheias de graça e bom humor, que tornam-se deliciosas depois da apparição de Bette Davis.

Rapido, movimentado, bem feito e principalmente bem dirigido por Alfred Green, o Film prende a attenção e faz com que o "fan" se interesse pelas aventuras e complicações em que Douglas, Bette e Frank se vêm mettidos.

E' verdade que não passa de um Film de linha, mas emociona pelos optimos trechos de aviação e diversas sequencias fortes, ao mesmo tempo que diverte muito pelas esplendidas observações comicas que traz. Aquella scena em que Bette e Frank esperam que Douglas accenda a lareira, é esplendida.

E traz tambem a figura agradavel de Douglas Jr., a belleza de Bet Davis (esguia, flexivel e cada vez melhor artista) a graça de Frank Mac Hugh, o **it** de Claire Dodd e a villania sympathica de Leo Carrilo. Sheila Terry, Haroldo Hubter, Reginald Barlow figuram, assim como os veteranos Pat O' Mailey e Walter Miller, fazendo dois pilotos.

Historia de Rian James. John Francis Larkin fez a adaptação. Douglas J., terminou seu contracto na Warner com uma série de Films muito interessantes.

Cotação: — BOM.

MEUS LABIOS REVELAM (My Lips Betray) — Fox — Producção de 1933.

Lilian Harvey foi recebida com tanto barulho e no emtanto o seu primeiro Film, a Fox nem quiz apresentar nos Estados Unidos. Lilian estreou lá, com a sua segunda pellicula: **My Weakness.**

Não faltaram recursos ao Film. Tem montagens, tem musica, tem **toilettes**, tem artistas, tem scenarista — tudo de qualidade. Mas como explicar que a producção não tenha sahido algo esplendido?

Falta de direcção? Entretanto John Blystone já nos deu o **Caçula Heroico**...

Meus Labios Revelam é um Film que encarado como diversão é acceitavel. Mas analysado como Cinema, não resiste. E' todo elle pura phantasia, puro absurdo. A comedia sim, vale a pena.

Lilian Harvey muito viva, muito **chic** e muito bonitinha. Mas não nos pareceu bem aproveitada como já surgiu em outros Films europeus. Naquella scena em que procura emprego está adoravel, mas exag-

REVISTA

gera um pouco em outros trechos. John Boles é o galã. El Brendel, Irene Browne, Maude Eburne, Henry Stephenson e Herman Bing figuram.

Scenario de Hans Kraly e Jane Storn sobre a peça **Der Komet** de Orbok. Muito bôa a photographia de Lee Garmes. Vamos esperar **My Weakness.** Não é dizer que este Film seja um fracasso. Bem ao contrario, agradou muito ao publico em geral. Mas é muito áquem da espectativa, mesmo sendo uma comedia leve e alegre, cheia de divertidos absurdos em suas scenas...

Cotação: — BOM.

PEREGRINAÇÃO (Pilgrimage) — Fox — Producção de 1933.

Depois de ter glorificado o amor materno em um numero enorme de Films, Hollywood desta vez nos apresenta este mesmo thema mas observado sob um outro ponto de vista — mais original e tambem muito mais humano.

E' um drama feito com muito sentimento com scenas ás vezes comicas ás vezes patheticas, mas sempre humanas, sempre trazendo boas emoções. Apesar de ter um desenrolar calmo e um tanto lento, é fortemente impressivo. Creio que concorre bastante para isto a magnifica direcção de John Ford. Ha muito tempo que este director não nos dava um Film assim bonito e humano.

Não lhe faltam pequenas cousas valiosas em Cinema, como aquella fusão entre a guerra e a tempestade. A guerra, felizmente, só apparece ligeiramente. Mas quanta cousa já diz Buddie Messinger assustando-se com uma bala que passa!

As scenas commoventes são muitas e uma das melhores é aquella em que Marian Nixon vae levar o "bouquet" á estação. O accidente do taxi é uma critica muito interessante a certos costumes.

Não me pareceu á altura de outros momentos do Film, e com um pouco de "hokum", a scena em que Henrietta Crosman vem falar a Hedda Hopper. Aliás, as ultimas scenas, já procuram mais a bilheteria.

Como Film de John Ford é quasi certo encontrar-se no elenco, uma serie de artistas veteranos, alguns dos quaes já foram nomes famosos e queridos no passado. Aqui em "Peregrinação", vemos a figura ainda tão bonita de Ruth Clifford, como a professora. Lucille La Verne, Betty Blythe, Robert Warwick Francis Ford, Rosa Rosanova.

Margaret Mann, Duke Lee, King Fisher Jones, o melhor atirador da antiga **troupe** de Harry Carey, e até Ernest Shields o "Conde" da "Moeda quebrada". Para os "fans", é mais uma doce emoção. E o jornal que serviu de complemente ao Film apresentava Steve Clemente no seu numero de facas.

Henrietta Crosman que não é nova no Cinema, pois já fez ha annos um Film na Universal e no inicio dos "talkies", um na Paramount. Ella sahe-se magistralmente no seu papel, com um desempenho forte e sincero.

Marian Nixon é de uma suavidade e um encanto adoravel. E como é linda aquella despedida terminando num "close-up" seu, inesquecivel. Norman Foster tambem está optimo. Heather Angel tem um ligeiro papel mas que é uma figurinha adoravel, isto não resta a menor duvida. Lucille La Verne, com o cachimbo, esplendida. Ella anima com muita graça os trechos desenrolados á bordo.

Hedda Hopper, Maurice Murphy, Louise Carter Marcelle Corday, Jay Ward, Charles Grapewin vão bem. Frances Rich, a filha de Irene Rich, é uma pequena encantadora.

Adaptação de Philip Klein e Barry Conners na historia de A. R. Wyllie. Em todo o Film de John Ford é fatal apparecer uma cerca. Este começa com uma e depois mostra outras enfeitando paysagens lindas, cortadas pela admiravel photographia de George Schneider.

Cotação: — MUITO BOM.

TORRE DE BABEL (International House) — Paramount — Producção de 1933.

Uma comedia perfeitamente maluca tendo por local um "grande hotel" internacional na China, onde um tal doutor exhibe uma invenção phantastica.

O Film é todo elle uma successão de scenas comicas, cheias de extravagancias — uma série de situações exaggeradas é logico, mas engraçadissimas. O final então, torna-se uma confusão tremenda de **slapstick** com **gags** conhecidos, **gags** novos e a maluquice do elenco parece ter attingido o director com o perigo de se transmittir á platéa...

Mas por isso mesmo **é diversão** interessantissima e para rir, **nada melhor** do que os absurdos todos **desta comedia musical**. A invenção, o **auto-gyro e o Austin** provocam gargalhadas **optimas.**

No meio disso, **alguns numeros musicaes** pelo esplendido **Cab Calloway com sua** orchestra, Rudy Vallée, **Rose Marie e um** numero de bailado com a bonita **Lona André** e Sterling Holloway.

Mas apesar de tudo, creio que o Film poderia ainda ser melhor...

No elenco surge Peggy Hopkins Joyce, campeã em casamentos com millionarios, interpretando um papel que é ella mesma e seria curiosissimo se fosse mais aproveitado. Peggy já é nossa conhecida pois ha alguns annos foi a "estrella" de **Skyrocket** da **antiga** Assoc. Exhibitors. E' uma loura bonita, elegantissima, com uma voz fascinante...

W. C. Fields é o chefe das maluquices no Film e realmente está impagavel. Stuart Erwin pouco apparece. Sari Maritza idem. Mas está lindissima... George Burns, Gracie Allen e Franklin Pangborn ajudam a comedia. Bela Lugosi é um russo exaltado e está um numero, assim como Lumsden Hare com os seus esquecimentos, Edmund Bresse figura e a corrida de byciletas de 6 dias, é uma boa piada.

Historia de Neil Brant com adaptação de Francis Martin e Walter de Leon, Ernest Haller operou. Edward Sutherland dirigiu mais ou menos. Nada de extraordinario a não ser as maluquices. Mas se quizerem rir um pouco, não percam.

Cotação: — BOM.

O VENTUROSO VAGABUNDO (Hallelujah I'm A Bum!) — United Artists — Producção de 1933.

Iniciado sob o titulo **The New Yorker,** este Film não teve uma Filmagem das mais calmas. Roland Young foi substituido no elenco, depois do Film prompto. Muitos pontos da historia foram modificados, na refilmagem.

O Film marca a volta de Al Jolson e só isto já diz que traz algo desinteressante, sendo de um genero mais adequado aos **fans** do marido de Ruby Keeler... Elle aqui é o chefe dos vagabundos de Central Park. E' o optimo cantor e o artista soffrivel de sempre, apesar de estar mais passavel.

O Film é que não é máu. A historia é um tanto inverosimil. Mas agrada. A direcção, nada notavel mas agradavel de Lewis Milestone, soube apresentar bem aquelles dialogos cantados, soube rythmar e animar esta comedia musical. Sente-se que ha um esboço de estudo no contraste entre a alegria do vagabundo e a melancholia do millionario. Ha alguma boa ironia no inicio e optimas piadas. O resto do Film tambem não desagrada apesar de uns trechos muito lentos. E' bonito o triangulo formado por Jolson, Madge Evans e Frank Morgan.

Madge Evans está encantadora como ha muito não a viamos. Frank Morgan vae bem, especialmente na scena em que se embriaga. Harry Langdon como o lixeiro communista podia ser mais observado. Chester Concklin, Louise Carver, Tammany Young, Edgar Connor e outros figuram. Historia de Ben Hecht com adaptação de S. N. Bhurman. Lewis Milestone é para dirigir cousas melhores mas como divertimento o Film vale a pena.

Cotação: — BOM.

"VIVER NA MORTE" ou "A VIDA DE JIMMY DOLAN" (The Life of Jimmy Dolan) — Warner Brothers — Producção de 1933.

Gostoso, este Film que nos apresenta Douglas Fairbanks Jr., no papel de um **boxeur.**

E', póde se dizer, um trabalho que tem um pouco de tudo e admiravelmente dosado: bonito romance, drama agradavel, comedia. Tudo numa combinação das melhores e das mais Cinematographicas.

A historia nada tem de importante e é até um tanto conhecida. Mas o Film está tão bem tratado que o assumpto nos surge originalissimo. E como tudo nos parece novo, natural e agradavel!

O inicio é mais um desses que não dizem o que é o Film. Mas depois que Douglas foge da cidade, o Film cresce, intensifica-se e desde então não apresenta uma scena que não traga a sua emoção. E vae desenrolando-se de um modo tal, que prende e interessa vivamente — tanto ao **fan** quanto ao simples espectador.

A transformação gradual do caracter de Jimmy Dolan na fazenda, sob a influencia de Aline Mac Mahon e Loretta Young, é contada em scenas deliciosas e em algumas de grande belleza, como aquella em que Loretta lhe diz que olhe para cima, aquella outra em que os pequenos trazem os presentes e a do idyllio no sofá.

O final, com a decisão de Guy Kibbee, é lindissimo e de muito sentimento. Mas a luta é o **climax** do Film! Elle arranca uma torcida enthusiasta, de qualquer platéa.

Douglas Jr. — que cada vez se torna melhor artista — tem um excellente papel e um trabalho esplendido.

Aline Mac Mahon vale o Film, principalmente na torcida! Loretta Young é a pequena. Fifi Dorsay tem uma pontinha. E Shirley Grey é uma loura linda...

Guy Kibbee, Lyle Talbot, Edward Arnold (detective desta vez!) John Wayne, Harold Huber, George Meeker, David Durand, Arthur Hohl, Mickey Rooney e o novo negrinho Farina são os outros. A historia é de Bertram Milhauser e Beulah Dix. Adaptação de David Boehm e Erwin Gelsey. Operador: Arthur Edeson.

A direcção esplendida de Archie Maio soube fazer do material, uma optima diversão, um Film valioso, emocionante como poucos. E vocês não se esquecerão da vida de Jimmy Dolan.

Cotação: — BOM.

O REI DOS CIGANOS (El Rey de los Gitanos) — Fox — Producção de 1933.

Um reino imaginario. Uma princeza caprichosa. Ministros caricatos. Um cigano apaixonado... isto sôa á Lubitsch, não? Mas nada mais é do que um **hablado** de Don José Mojica...

Não se póde dizer que seja soffrivel, mas tambem não se póde chamar de excellente. E' simplesmente bom e algo divertido.

Um Film que apresente um cantor, é sempre composto de uma série de situações todas ellas dando a este a opportunidade de exhibir a voz. Este que commentamos tem uma qualidade: as canções vêm a proposito bem applicadas.

No mais, é uma farça genero **amo-te odeio-te,** com muitas situações engraçadas, apesar de terem o lado buslesco um tanto exggerado e cousas mais do que artificiaes...

Como todo Film de Mojica, ha um momento de intenso romantismo que tudo desculpa. Aqui, este momento está naquella scena do bosque, quando elle canta para Rosita Moreno a linda melodia **Quando el amor te llama.**

Mojica, a excellente voz e o regular artista de sempre. Rosita Moreno está encantadora e... quando canta, sua voz é completamente differente! Romualdo Tirado quasi rouba o Film, principalmente na serenata. Outros cavalheiros desconhecidos e exaggerados completam o elenco. Frank Strayer dirigiu. Um Film recommendavel para os que vão ao Cinema á procura de diversão, sómente. A musica, como é de prêver, optima.

Cotação: — BOM.

ESPERA CORAÇÃO! (Esperame) — Paramount — Producção de 1933.

Outro Film com Carlos Gardel, mas desta vez inferior á **Luzes de Buenos Ayres.** Tambem não é para admirar sabendo-se que a direcção é de Louis Gasnier, que a Paramount teve a feliz idéa de mandar para Joinville...

Carlos Gardel só tem uma bonita voz e Goyita Herrero não passa de uma viva e boa bailarina... Lolita Benavente, mal apparece. O resto do elenco... não é bom falar...

De Buenos Ayres, o Film só tem uns lindos tangos. O **cabaret** é horrivel e só se salva ahi, a orchestra de Don Azpiazú... Os melhores trechos são aquelles passados na pousada e a scena em que Goyita e Gardel encontram-se de novo no jardim, tambem é bonita. Mas é só.

Cotação: — REGULAR.

HOTEL ATLANTIC (Le Vainqueur) — Ufa — Producção de 1932 — Programma D'Art.

Uma versão franceza bem tratada. Um Film que sem ser grande cousa, tem os seus predicados para divertir.

Kathe Von Nagy deliciosa no seu sotaque... e Jean Murat, um dos mais velhos galãs francezes, são os principaes.

Algumas boas scenas de romance e uma agradavel synchronização, animando o Film.

Tratando-se de uma versão franceza aproveitada naturalmente da versão original, o Film não está limpo em córtes.

Cotação: — REGULAR.

A TRILHA DO TERROR (Terror Trail) — Universal — Producção de 1933.

Apenas mais um Film de Tom Mix, tendo a nova Noami Judge como "leading-lady". Raymond Halton comparece.

Cotação: — REGULAR.

O CASAMENTO CUSTA DINHEIRO A BETTE DAVIS

Poderá uma mulher sustentar o marido, ser feliz e fazel-o tambem feliz? Quasi todas as estrellas e respectivos maridos dizem que não! Bette Davis responde que sim!

HOLLYWOOD, com toda a maldade que o nome possa implicar, não é a ameaça que defronta o meu casamento. O problema com que eu e "Ham" temos de lutar é economico.

Assim respondeu pensativamente Bette Davis ás minhas perguntas a proposito dos seus designios de viver feliz em Hollywood, apesar de casada.

— Muitas vezes se tem accusado Hollywood de desmanchar casamentos e, na verdade, não nego que sejam ali mais difficeis os casaes felizes do que noutras communidades menos equilibradas.

Ha muitas explicações para o phenomeno, desde a posição geographica até Freud. A causa, porém, que mais tem concorrido para a ruina de muitos lares do Cinema é a **situação monetaria.** Geralmente, são os problemas do dinheiro que fazem naufragar o barco matrimonial e não as "louras".

"Não me estou referindo á luta actual pelo pão e pelo tecto. A maioria das pessoas que apparecem nas primeiras dos jornaes como victimas de difficuldades maritaes têm meios bastantes para comer e beber. Mas em Hollywood ha tantos lares onde a esposa ganha muito mais do que o marido!

"O meu é um delles, e ahi é que está o problema".

Reparando na minha surpresa, Bette fez uma pausa para consultar a lista da merenda. De facto, a franqueza della surprehendeu-me.

Já muitas vezes me tenho sentado a merendar com lindas damas do Cinema, que arcam com todos os encargos de familia, mas Bette foi a primeira a expor a sua situação com semelhante naturalidade.

Até aqui, era esse um dos assumptos em que ninguem tocava, embora toda a gente estivesse ao par da coisa, tão evidentes se tornavam os factos. Encontrar uma cidadã da colonia do Film com a franqueza e a sem-cerimonia de Bette era realmente de estarrecer.

Depois de mandar vir um lanche que faria envergonhar todos os fieis de Madame Sylvia, Bette Davis voltou ao assumpto.

— Não é possivel negar a realidade das coisas, continuou ella. Só porque Ham – Marmon O. Nelson, Jr., que costuma achar graça quando o apontam como o "Sr. Davis" — e eu resolvemos encarar a situação e estudal-a em todos os seus aspectos, antes de darmos o passo decisivo, é que esperamos realizar uma feliz e permanente união.

Bette e seu marido H. O. Nelson Jr.

"Como sabe, Ham é musico, e os musicos não ganham tanto como a gente de theatro. Além disso, para se chegar a fazer successo como musico leva tempo.

"Ham e eu consideramos o facto de que durante alguns annos, a minha fonte de renda seria muito maior do que a delle. Mas tambem comprehendemos que o meu exito — se é que se póde chamar exito — é uma coisa das mais relativas. A fama no Cinema tem o costume de acabar depressa.

"A vida cinematographica duma actriz, a sua popularidade com o publico e a sua consequente habilitação para os bons papeis, não passa geralmente de cinco annos. Quando chegar a época da minha estrella começar a dar signaes de declinio, é de suppor que Ham já esteja bem encaminhado na sua profissão e que o exito o bafeje. E o successo delle como musico será permanente.

"Emquanto isso, decidimos adaptarnos ás condições existentes e tirar dellas o melhor partido possivel. Apesar de comprehendermos que essas condições não são ideaes, demoramos o nosso casamento indefinidamente e passarmos os melhores annos separados não nos parecia nada agradavel como solução para o caso". Pensei em muitos outros casaes nas mesmas condições e interrompi Bette, perguntando-lhe:

— Quando diz que essas condições não são ideaes, que quer significar com isso? Apesar de haver a circumstancia de ganhar mais do que o Sr. Nelson, desde o momento que não terá que lutar com difficuldades de dinheiro, porque fala em problema economico no seu casamento?

Bette pareceu ler-me no pensamento.

— As condições presentes e os pontos de vista avançados não podem acabar com a velha tradição de que o homem tem que ser o cabeça da casa. Apesar de nos havermos tornado ultra-modernos, é verdade basica e fundamental que certas coisas pertencem á esphera do homem e outras á da mulher.

"Quando é a mulher que sustenta a casa, o marido corre o risco de perder a personalidade e o respeito a si proprio. Nenhuma mulher póde respeitar um homem que não se respeita a si proprio. E o verdadeiro amor, o amor que torna uma união duradoura, tem por base o respeito mutuo.

"Não foi nada facil para mim e Ham aceitarmos o facto de que seria com o meu dinheiro que teriamos de viver por ora. Comprehendemos bem que se elle entender de comprar um automovel novo, será com o meu dinheiro que o terá de adquirir. Se me comprar flores ou me der um presente, serei eu, em ultima analyse, que me estarei presenteando a mim propria.

"Sei que me saberei dominar sempre e que nunca lhe direi "Não quero que gastes dinheiro assim", se Ham entender de comprar alguma coisa que eu considere escusada.

"Mas temos os olhos no futuro. Não estamos pensando no dia de hoje nem no de amanhã, mas nos dias que virão daqui a cinco, dez annos. Consideramos o presente um empate de capital na nossa verdadeira vida, que começará quando Ham entrar legitimamente na sua. Então, convencer-nos-emos de que elle ganhará muitissimo mais dinheiro do que eu sempre imaginei.

"Mas, agora, o nosso problema é sabermos levar a vida de modo que o facto de ganhar eu o sustento da familia não intervenha de forma alguma nas nossas relações pessoaes.

"Francamente, se não tivessemos dinheiro bastante, nunca teriamos considerado a hypothese de nos casarmos e de corrermos o risco de nos mettermos numa situação talvez humilhante para Ham. Se, por ventura, se desse o caso de Ham perder o respeito a si proprio e o meu, melhor seria que me deixasse. Já lhe disse isso!"

Os olhos de Bette brilhavam de sinceridade. Sentada deante de mim, nos seus aposen-

(Termina no fim do numero)

PERGUNTAS INDISCRETAS A LILIAN HARVEY

1º NAMORA alguem ? Quem ?

— Namoro o Wilhelm Fritsch, actor de theatro e Cinema, na Allemanha. Talvez me case com elle.

— Pensa em ter filhos ?

— Penso. Faço tenções de começar a tel-os, pelo menos daqui a dois annos.

— Que nome dará ao seu primogenito ?

— Se for menino, Wilhelm. Menina Wilhelmina.

— Os taes romances com Gary Cooper, Gene Scott, Maurice Chevalier e outros eram a valer ?

— Qual historia !. Esses cavalheiros são apenas meus amiguinhos. Quem falou em amores, disse um absurdo.

— Do ponto de vista estrictamente moral qual é a differença entre Europeus e Americanos ?

— Os americanos são muito mais subtis. Sempre ouvi dizer, antes de chegar a este paiz, que havia bastante que censurar aos costumes e moralidade dos americanos. Sempre ouvi falar na **"im-**moralidade dos americanos" e na **"a-**moralidade dos europeus". Estou convencida de que é justamente o contrario. Acho os americanos menos **"im-**moraes" que os europeus. E' fora de duvida que a gente deste paiz é muito mais discreta.

— Como se explica que tantos actores e actrizes da Europa, inclusive v. propria, falem diversos idiomas ?

— E' por causa da proximidade dos paizes europeus entre si. A França e a Allemanha, por exemplo, estão uma para a outra, como aqui na America os Estados do Texas e New-Mexico. Os naturaes dessas nações, como os das outras da Europa, estão em constante contacto. Por isso, no Velho Continente, quasi toda a gente fala pelas duas linguas.

— Onde pensa fixar residencia definitiva, na Europa ou na America ?

— Provavelmente em parte nenhuma. Nasci para andar sempre dum lado para o outro. Gosto de viajar e não me agrada permanecer muito tempo num só logar. Quando cheguei á America, a gente dos studios mandou photographar-me para os jornaes Cinematographicos e fez correr que "nascera na Inglaterra, fôra criada na Allemanha e fizera casa na França, mas que, depois de ver New-York, já não havia terra que mais me agradasse do que a America." Nunca disse tal coisa, nem essas palavras exprimem os meus verdadeiros sentimentos. Gosto da America, na verdade, mas tambem gosto de outros paizes. Estou mais do que convencida de que distribuirei a minha vida em partes eguaes por differentes regiões do globo.

— Por que é que tem lampadas guarnecidas de arminho no seu camarim e por que anda num automovel tão exquisito ?

— As lampadas foram feitas nas officinas da Fox, e, quando cheguei, já as encontrei no camarim. Quanto ao automovel, é uma machina velocissima, que comprei na Europa, o carro mais rapido do continente. Trouxe-o commigo para a America, para evitar a despeza de ter que comprar outro em Hollywood.

— Como começou no Cinema ?

— Fazia parte duma companhia de bailados, que foi até Vienna. Uma noite, tropecei no palco e cahi no recinto da orchestra, mas tive a sorte de não me magoar, porque me despenhei sobre o bombo, ficando apenas com as pernas, os braços e a cabeça de fóra. Um empresario de Cinema, que assistia ao espectaculo, achou a situação divertida para uma scena Cinematographica, e contractou-me. E' desde ahi que labuto no Cinema.

(Termina no fim do numero).

Isn't that a friendly moon on [high ?
Isn't the sky of blue ?
Isn't this a gay romance ?
Just to think it came by chance dear
What a lucky break that you passed by [and that I met
Now all the stars are the notes you see [you
In a symphony sublime
Each little sigh forms harmony
With our hearts in time
Isn't this a night of bliss ?
Was there ever one like this [dear ?
Could it sweeter [be in heav'n abo- [ve ?
Isn't this a ni- [ght for lo- [ve? Love?

Theo De Vee uma das pequenas de "Too Much Harmony", da Paramount.

FELICIDADE PROHIBIDA (M.G.M.) — O delicado e sentimental Film de King Vidor, com as figuras agradabilissimas de Miriam Hopkins, Franchot Tone e Lionel Barrymore, traz um **score** musical, composto das seguintes melodias:

Pastorale (de Axt)
The Same as we used to do (de Campbell)
When the moon comes over the mountain [Woods)
When the morning rolls around (de Woods)
There is a fountain (de Mason)
Heart and home (de Axt)

ESPERA-ME CORAÇÃO! (Paramount) — Carlos Gardel canta neste Film, bonitos tangos. Entre elles estão: **Chinita, Muchachita de mi barrio** e o encantador **Por tus ojos negros.**

Mi corazón, barco sin puerto
Por todas las rutas de ilusion
Encontró al fin de su desierto
La estela azul de un viejo amor.

Por tus ojos negros
Qué en una tarde lloraron
Y que se illuminaron
Hoy te vuelvo a cantar.
De lejanos cielos
Todo un rosario de estrellas
Siguieron tras las huellas
De mi hondo penar,
Y ahora ante tu imagen
Cesó mi desventura
La lirica aventura
De mi peregrinar

Por tus ojos negros
Que en una tarde lloraron
Y gue se illuminaron
Hoy te vuelvo a cantar.

VIAGEM DE GALA, — da R.K.O.-Radio passou a chamar-se **Cruzeiro de prazeres.** O fox de maior sensação desta comedia musicada é **Isn't This a Night For Love?** cantado por Phil Harris para a loura Greta Nissen e a morena Helen Mack.

Isn't this a night for love ?
Ins't this just night for love dear ?

O CANTICO DOS CANTICOS (Paramount) — Quem esqueceu as canções de Marlene em **Marrocos?** Pois aqui neste seu novo Film, baseado na historia de Suderman, Marlene canta a exquisita e fascinante canção de Hollander — **Johnny.** Aliás já a ouvimos cantar isto no **Anjo Azul.** E canta ainda **Dornroschen,** de Schubert.

CAVADORAS DE OURO (W. B.) — A canção que Ginger Rogers cantou com tanto **it,** naquelle esplendido numero das moedas, neste fascinante Film musical, é **The Gold Diggers Song.** Eis a letra:

Gone are my blues
And gone are my tears
I've got good news
To shout in your ears
The silver dollar has retur- [ned the fold
With silver you can turn your [dreams to gold.

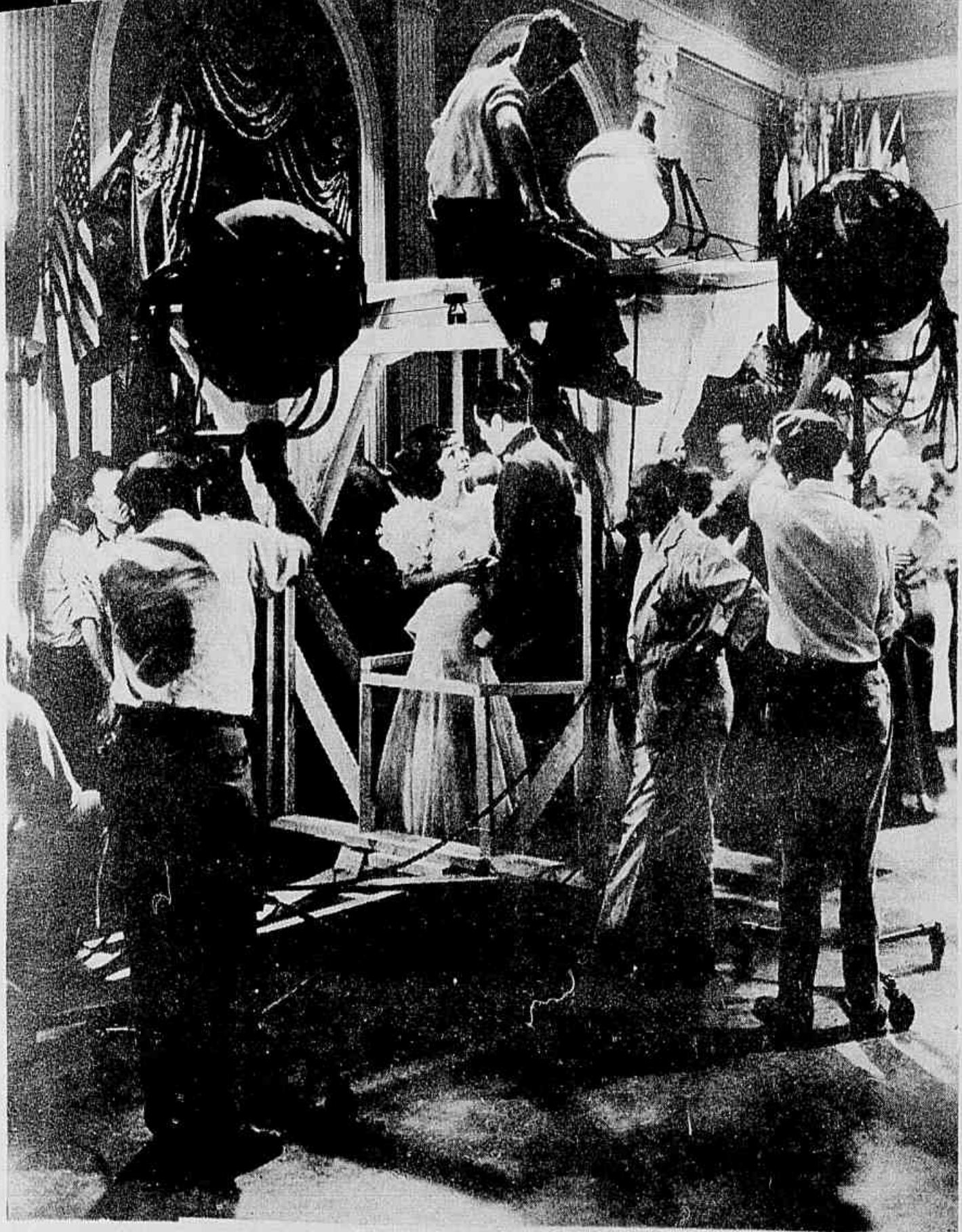
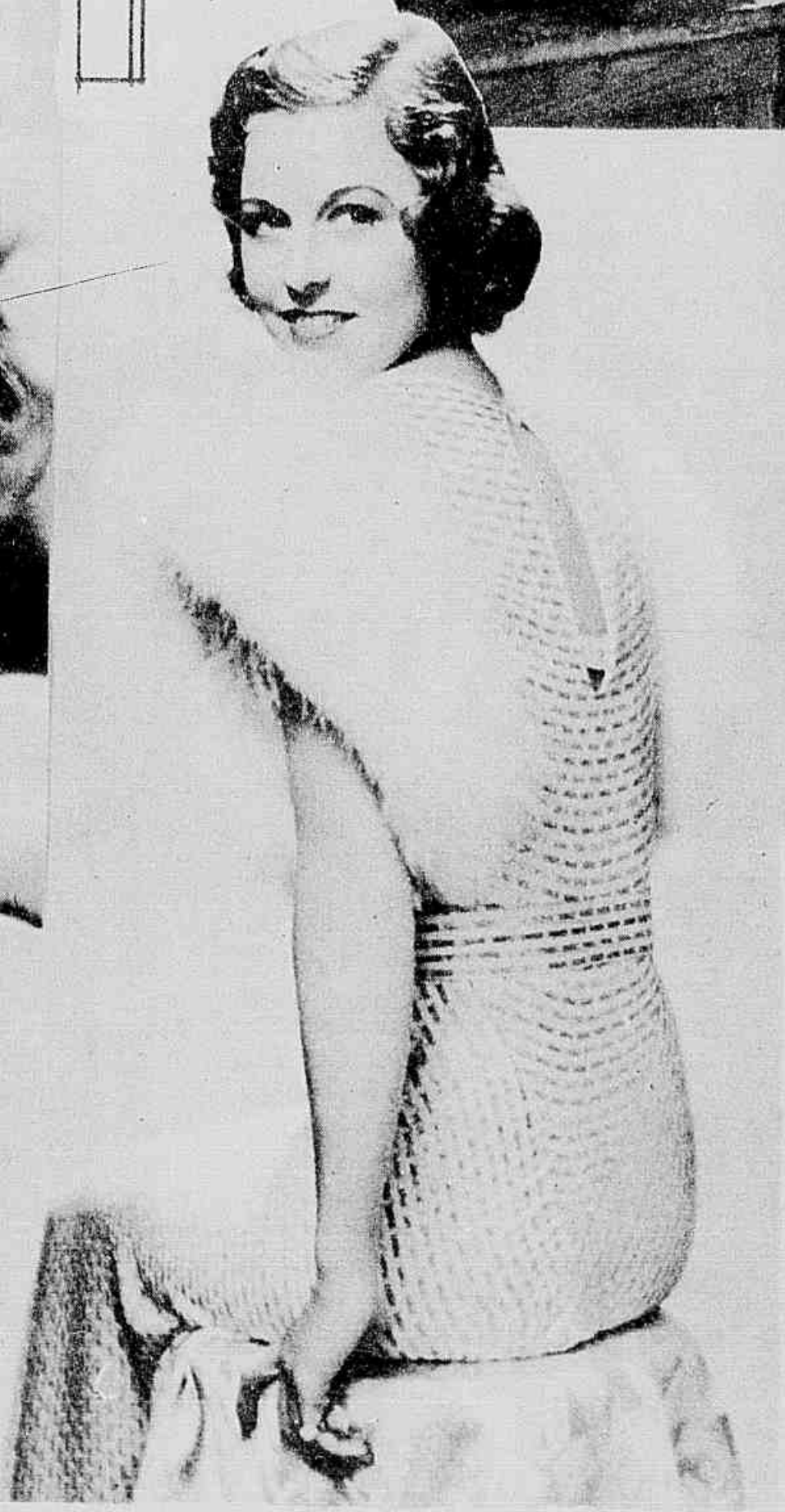
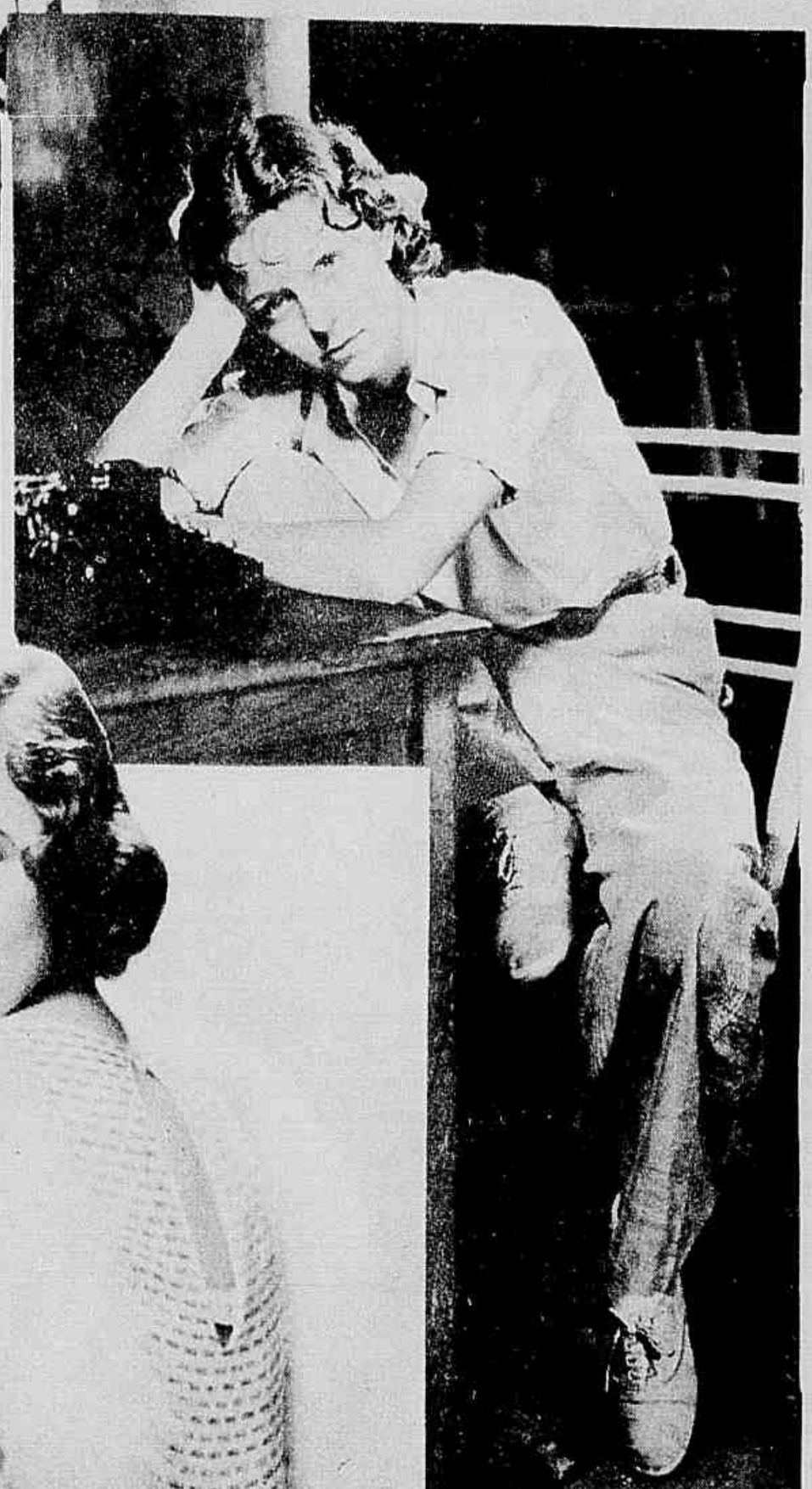
We're in the money
We're in the money
We're got a lot of what it takes to get a ang!
We're in the money
The skies are sunney
Old man depression, you are through, you [done us wrong
We never see a headline but a bread-line to day
And when we see the land lord, we can look [that guy right in the eye
We're in the money
Come on my honey
Let's spend it, lend it, send it, relling a long! [long!

CABELLEREIRO DE SENHORAS (Paramount) — Comedia theatral com Fernand Gravey. Mas trazia uma bonita musica: **Le tour du salon** — que elle cantava quando mostrava o salão para Josyane.

Dans ce grand salon la femm qui danse
Sans impatience
M'attend
Cependant qu'au bar plus d'une oublie
Qu'elle a . . . folie!
. . . . . . ente ans!
Ici l'on coiff' la clientéle
Les manucures osnt lá tout prés
Et lá, pour vous rendre encore
. . . plus belles,

On vous enlaidit tout exprés.
Pour terminer
Le séchoir perfectionné
Car chez moi tout s'fait [maintenant
Mecaniquement.
J'ai des monteurs
De quarante chevaux [vapeur,
Et je fabrique le sex- [appeal
Avec un' pil?
Quand une poitrine
S'incline
Préte á me lâcher

(Termina no fim do numero).

Ruby Keeler, Dick Powell e Joan Blondell em "Cavadoras de ouro"

Filmagem de uma scena de "Only Yesterday"

CARL LAEMMLE

apresenta

Margaret Sullavan

NOVA ESPERANÇA DA UNIVERSAL...

PERDI cincoenta por cento dos rendimentos, diz-me Harold Lloyd, e tive que passar a viver de accordo com os tempos. Mildred e as creanças tiveram que se conformar tambem. Espero não ter que largar a nossa casa aqui. Já ha muito tempo, fiz um fundo de garantia, sobre esta casa, a minha primeira e unica estravagancia, se é que se póde chamar a isso estravagancia. Mas ha muita coisa em que a gente póde poupar, ha muita despesas a cortar.

"Costumava, por exemplo, ter os seus "gag men", no Studio à minha disposição, durante todo o anno. Estivesse a fazer um Film ou não, pensasse ou não em produzir algum, os rapazes flanavam durante o anno todo pelo Studio, recebendo sempre o cobre. Agora, a cantiga é outra. Só os chamo, quando vou dar inicio a alguma producção. E o mesmo succede com o photographo.

"Tenho agora que fazer mais Films do que fazia antigamente, porque preciso do dinheiro. Tenho que trabalhar mais e melhor do que nos outros annos. Trabalho mais, na verdade, mas só lucrarei com isso.

"E preciso tambem de prestar mais a attenção aos argumentos. Já não é só a gargalhada que basta. Os "gags" não bastam. Os oculos sem vidros não bastam. Uma pequena bonita não basta. Naturalmente, sempre gargalhadas nos meus Films. Haverá sempre "gags". Mas temos agora que ir mais além da simples gargalhada. Temos que r mais além dos "gags" e temos que arranjar historias que sejam mais serias.

"O povo tem soffrido muito, tem enfrentado problemas bem terriveis e muitas são as suas angustias para que apenas se contente com simples graçolas, com futeis e superficiaes graçolas. O povo, que tem conhecido a ruina economica, a fome e o desemprego, se eu lhe der só e simplesmente o riso, saberá que lhe deram agua da bica em vez de pão. Muita gente teria que fazer uma força tremenda para entreabrir os labios num sorriso e apenas lhe sahiria uma careta.

"Não que eu queira rebaixar o riso. Não pretendo dar essa impressão. Muito longe disso. Porque entre as muitas coisas que a chamada Depressão me tem ensinado uma dellas é justamente essa: a vital necessidade do riso. E tão vital é ella que nunca me senti tão feliz em ser comico. Agora sinto realmente que não sou um simples palhaço, mas um homem com uma missão a cumprir no mundo: a *grave* missão de ser *engraçado*, de fazer estalar uma gargalhada onde nenhuma gargalhada havia. Sinto que ser comico é uma missão tão vital e importante como ser medico e curar os males dos *outros*.

"E tão profundamente sinto essa importancia de fazer rir o mundo, que enorme o meu prazer seria se meu filho seguisse a mesma carreira do pae. Não posso dizer mais nada. Sentiria assim que meu filho não nascera em vão: que fazia no mundo o papel dum homem. Ainda é muito cedo, aos dois annos e meio, pensar em escolher-lhe a profissão, porque talvez, no fim de contas, o não seduza esse caminho. Mas creio que o seguirá. Porque já é um comico em miniatura. As suas imitações são prodigiosamente engraçadas. Tem "technica" bastante para fazer rir seja quem fôr.

"Gostaria agora de conseguir um argumento, onde o typo que criei fosse para o Congresso ou se visse obrigado, como secretario dum grande capitalista, a conhecer de perto um desses quadros que ultimamente tanto abundam no paiz. Uma historia bem typica, uma historia que envolvesse todas essas coisas que dizem respeito a tanta gente. E' o que queria significar quando disse acima que não basta só a gargalhada. Deve haver gargalhadas, muitas gargalhadas, mas, por traz dellas, qualquer coisa seria que lhes dê significação. (A).

"O mundo mudou violentamente nestes ultimos annos e, com elle, não só o nosso padrão de vida, como o de pensamento. Quasi todos nós, por exemplo, soffremos pesadas perdas de rendimento e tivemos que nos conformar com isso. Perdi cincoenta por cento, como disse, mas, depois da minha viagem á Europa, já não acho a catastrophe tão grande. Descobri e aprendi lá fóra muitas coisas que não sabia.

Uma das que mais me surprehenderam, e que ainda me surprehende, foi capacitar-me de que Hollywood já não desperta o interesse que despertava outr'ora. Não que isso tenha alguma coisa que ver com a perda de metade do meu rendimento, mas, talvez um dia ainda venha a influir nos rendimentos de todos nós.

A crise não abalou a moral de Harold Lloyd, apezar delle ter perdido metade dos rendimentos. Desde que é comico, nunca se sentiu tão contente em ser comico, mas agora não é gargalhadas que quer dar ao leitor. O mundo está mudado, e Harold tambem!

medio. Nós, porém, não nos resignamos.

"E' interessante que a America, paiz novo, ache mais difficil adaptar-se ás circumstancias de que os povos do Velho Mundo. No entanto, a opinião geral é a de que o que é joven tem mais facilidade em adaptar-se a tudo.

"Outra coisa que aprendi ao falar com francezes, allemães, inglezes, italianos, e outros com posições officiaes, é que não ha nem francezes, nem allemães, nem inglezes, nem italianos, mas apenas HOMENS. Todos vizinhos uns dos outros, como os da nossa rua. E bem sabemos o que é isso. A's vezes, critica-se um vizinho, sem o conhecer, por tratar do jardim dum certo modo ou por descompor a mulher, mais tarde, porém, trava-se conhecimento com elle e então é que a gente lhe vem a comprehender os problemas e a ter a explicação de certas coisas que ignorava. Fiquei conhecendo aquelles meus "vizinhos" da Europa. Os meus Films exibem-se por lá e, por um lado, pode-se dizer que tambem trabalho no Velho Mundo. Creio que o profundo sentimento que existe em nossos corações de que as fronteiras não mudam os homens nem os tornam differentes uns dos outros é a verdadeira essencia do desarmamento, a litteral Liga das Nações, das nações que, no fim de contas, não são formadas senão de homens e de mulheres.

"Não creio, voltando ao que mais de perto nos toca, que cheguemos a assistir ao fim do Capitalismo. Haja o que houver contra a Casa de Morgan, acredito ainda que o Capitalismo sobreviverá, pelo menos em nossos dias. A ambição do lucro e do mando está ainda muito enraizada na alma humana para que possa ser eliminada duma hora para a outra. Que se nivelassem todas as coisas hoje e veriamos surgir amanhã uma nova raça de banqueiros e financistas. E' demasiada utopia querer acreditar que os homens apenas trabalham pelo prazer de trabalhar, pelo menos emquanto não forem especialmente educados para esse fim. Seria, de facto, uma coisa linda, mas, por ora, é impossivel.

"Sou de opinião que teremos de adoptar o systema de menos horas de trabalho, afim de se resolver o problema do desemprego. Com as machinas a fazer

VENDO O MUNDO ATRAVEZ OCULOS SEM VIDROS

Seja como fôr, porém, já passou o tempo em que qualquer americano que desembarcasse na Europa era immediatamente interrogado a respeito de Hollywood, fosse elle de que estado fosse. E agora, quando um artista de Cinema vae á Europa, homem ou mulher, já não é festejado e acclamado, apenas por ser artista de Cinema. Tem que fazer qualquer coisa que o habilite ao applauso do publico. (B).

"*Já ninguem ali se preoccupa tanto com os nossos Studios, com as nossas "estrellas" e com os costumes e moralidade da gente do Cinema. E a razão é a seguinte: os europeus agora interessam-se mais pelos seus proprios projectos Cinematographicos. Interessam-se mais pelos seus proprios "Hollywoods". Não ha nenhuma duvida de que Elstree, na Inglaterra, tem feito grandes e rapidos progressos para se tornar a nova metropole do Cinema.*"

(Só no Brasil é que se ri, e se debocha e ninguem auxilia ao seu Cinema).

"Tambem me fez reflectir o modo como os europeus encaram a crise, comparado com o nosso. Lá, os effeitos da chamada Depressão fazem-se sentir com muito maior virulencia, e, no entanto, se formos a aprofundar bem a situação, chegaremos á conclusão de que o drama é, na Europa, "menos" agudo do que na America. E' que a Crise, na minha opinião, é tambem, em parte, um estado de espirito.

"Lá ninguem fala em Depressão. Já estão acostumados com depressões. Ninguem embirra, como nós, que ha de necessariamente possuir um radio, dois automoveis, matricula num "country-club" e escolas particulares para os filhos. Ninguem quer mostrar a vizinhança que anda bem de vida. Tão habituados estão os europeus a ver fomes e estragos produzidos pela guerra, que supportam tudo com a maior resignação. Coisas da vida que é preciso aceitar, dizem elles. Passa-se sem isto ou sem aquillo, porque não ha outro re-

cada vez mais o trabalho que o homem faz, acho que não ha outra solução. E isso implica, sem duvida, na supposição de que os homens terão que aprender a bem empregar as suas horas de folga, o que representa o primeiro grande passo para o ideal de se trabalhar só pelo prazer de trabalhar. Maior attenção se dará ás Artes. Voltaremos á época dos artistas e dum maior desenvolvimento da individualidade. Alguns empregarão bem os seus ocios, outros não os saberão aproveitar, nada fazendo e aborrecendo os demais.

"E' essa uma das maiores missões dos paes de hoje, de todos nós: ensinar os filhos a empregar as horas de lazer com sabedoria e proveito. Devemos ensinar-lhes o que devem fazer nos momentos livres; deviamos explicar-lhes que isso não consiste simplesmente em ser-se "preguiçoso", em andar pelas praias e dansar nos clubs nocturnos, numa eterna vagabundagem. Se os nossos filhos conseguissem assimilar as nossas lições e descobrissem dentro de si o desejo de trabalhar só pela alegria de trabalhar, se quizessem desenvolver dentro de si qualdades e aptidões para a admiração ou a creação da musica, da literatura, ou doutra qualquer arte, então sim estariamos bem perto do ideal da Utopia.

(*Termina no fim do numero*)

(A) — Harold já comprou os direitos Cinematographicos da nova novella de Clarence Budington Kelland "Cat's Paw", que fornecerá o argumento da sua proxima producção, provavelmente com outro titulo. Fará o papel dum joven excentrico, filho dum missionario, que, educado na China, vae para a America enfrentar problemas terriveis com uma visão toda oriental da vida.

(B) — E' interessante observar que varios jornaes europeus publicaram topicos dizendo que a America não podia mandar melhor embaixador de Boa Vontade do Velho Mundo do que Harold Lloyd.

BRIGITTE HELM

BRIGITTE HELM

DOROTHÉA WIECK

MAE WEST

NATALIE MOONHEAD

O Cigarro...

CRUZEIRO DE

ALAN CHANDLER é um millionario joven e alegre, que vive de aventura em aventura, gosando a vida, aproveitando optimamente o seu dinheiro... Para elle nunca ha crise de boas pequenas e por isso mesmo elle tenciona nunca deixar-se prender por um casamento. Casamentos tambem não lhe faltam, porque partidos como elle são muito raros hoje em dia. Elle é o typo do rapaz que "convem" a todas as moças e principalmente ás mamães que querem vêr as suas filhas com um rapaz de posição... Mas o millionario foge de todas as pequenas nas quaes vislumbra a imminencia de ir parar na pretoria. Por isso elle é meticuloso nas suas conquistas, mas, como não existe quem não erre, uma das suas ultimas pequenas jurou por todos os deuses que havia de juntar aos beijos e aos presentes que Alan lhe dava a alliança com o nome do namorado... Alan entretanto era um "bicho" para "desprezar" as suas conquistas quando queria variar de amores... e antes que a tal pequena tivesse tempo de complicar o namoro, elle deixou-a sem ter uma pista com que o encontrasse: emprehendeu um longo cruzeiro maritimo, a bordo de um grande "yacht", levando em sua companhia o seu inseparavel amigo Pete Wells.

Seria um verdadeiro cruzeiro de amores, porque em todos os portos em que o navio tocasse, elle arranjaria uma nova pequena, uma nova aventura galante...

Mas, mesmo assim, com as ancoras do "yacht" promptas a deixar as meninas a vêr navios... quando elle julgasse que era tempo de procurar novos amores... Alan tinha muito receio de que o seu coração — humano como todos do mundo — o trahisse nos seus planos de celibatario supremo... e para garantir-se a si proprio, elle obriga o seu amigo a fazer o juramento de que impedirá a todo o transe um possivel casamento seu. E levando essa sua precaução ás raias da seriedade, Alan escreve uma longa carta á esposa de Pete, na qual pinta em côres vivas e detalhes fartos, as aventuras "donjuanescas" do amigo... E mostrando a carta ao amigo Alan o ameaça:

— Se queres que esta carta nunca chegue ás mãos de tua mulher, trata de impedir que eu me case! No dia em que qualquer pequena ficar minha noiva, tua mulher terá o prazer de conhecer a tua "infidelidade" para com ella...

Pete não achou nenhuma graça naquella "graça" do seu amigo. Aquillo era uma brincadeira, mas Pete sabia que Alan era bem capaz de cumprir o que dissera.

(MELODY CRUISE)

FILM DA RKO-RADIO

Pet Wells	Charlie Ruggles
Alan Chandler	Phil Harris
Anna von Rader	Greta Nissen
Laurie Marlowe	Helen Mack
Hickey	Chick Chandler
Zoe	June Brewster
Vera	Shirley Chambers
Miss Pots	Florence Roberts
Mrs Wells	Marjorie Gateson

Direcção de MARK CANDRICH

Entretanto a viagem começou e o receio que se apoderara de Pete foi se dissipando... principalmente quando Alan o convidou para irem ao "bar" de bordo...

O "yacht" singra agora alto mar. Os dois amigos beberam tanto que já nem sabem o que fazem. Pete já nem se lembra da carta que o transforma na pelle de um conquistador inveterado. Alan, se fosse abordado no momento por uma pequena e intimado a casar, correria o risco de fazer aquillo que elle considerava uma loucura...

Já alta noite, os dois recolhem-se aos seus camarotes. Imaginem que surpresa sensacional estava reservada para o amigo do celibatario: duas pequenas encantadoras, irresistiveis, lindissimas, lá se encontravam na sua cabine! E Vera e Zoe eram o que se podia chamar duas verdadeiras tentações: June Brewster e Shirley Chambers, esta ultima aquella pequena loura que Eugene Palette queria transformar em grande "estrella" theatral na "Verdade semi-nua", lembram-se...?

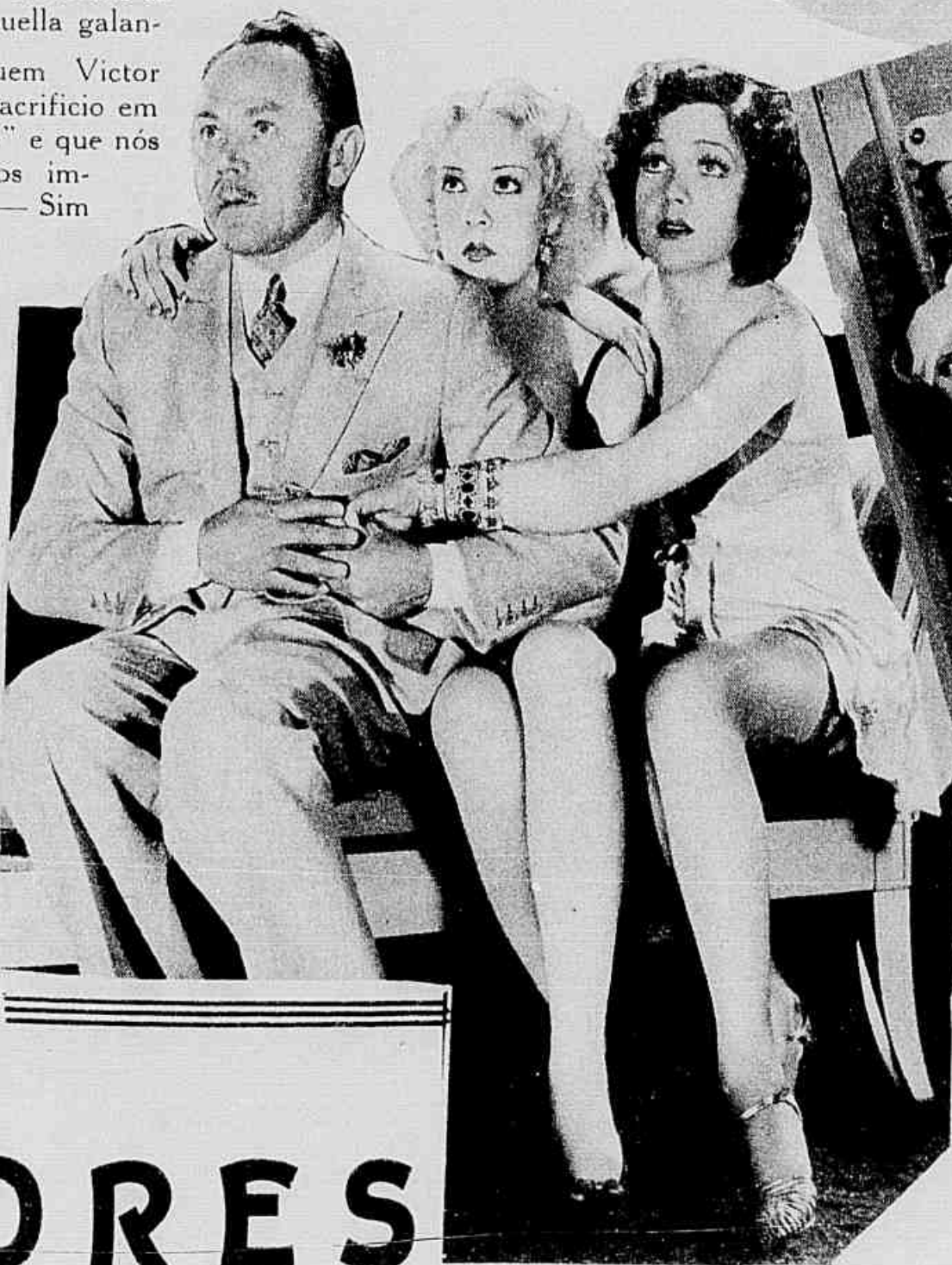
Ellas haviam embarcado escondidas, eram portanto clandestinas. Pete ficou perturbadissimo. Os effeitos do alcool desappareceram como que por encanto... principalmente porque o commissario de bordo, tambem appareceu ali inopinadamente, temendo que Pete cahisse ao mar, bebado como estava...

Mas Pete resolve a situação compromettedora em que se acha, dizendo que aquellas duas moças são suas "sobrinhas" e que estavam arrependidissimas de terem feito a viagem, tamanho era o enjôo do mar de que se achavam possuidas... O diabo é que, desde que partira, o "yacht" ainda não jogára e a calmaria que reina no oceano era simplesmente admiravel...

O commissario entretanto tomou o complemento da desculpa de Pete

como uma "blague" formidavel e a situação estava resolvida.

Zoe e Vera integram-se no ambiente de bordo. No dia seguinte, Alan fazia o seu passeio pelo convéz, quando se encontra com uma mulher como até então elle não conhecera egual. Era uma moreninha pequenita, de olhos sonhadores e um perfil puro e heraldico, que impressionaram vivamente o joven millionario. Alan antes que pensasse na ameaça que aquella mulherzinha poderia significar para elle, já sentira que ella ia ser um caso muito serio na sua vida despreoccupada... Realmente, aquella era a primeira filha de Eva que lhe despertava uma emoção differente de todas as que as suas anteriores amiguinhas lhe haviam offerecido. Mesmo antes de travar conversa com Laurie Marlowe, Alan sentiu que o seu planejado cruzeiro galante ia por agua abaixo... Laurie era aquella mulher fatal que elle sempre temera, a escravidão do amor verdadeiro de que elle julgara sempre poder fugir... Alan em breve estava apaixonado por aquella galante creaturinha por quem Victor MacLaglen foi até ao sacrificio em "Emquanto Paris dorme" e que nós "fans" tambem amamos immenso — Helen Mack! — Sim senhor! Deve ter dito o amigo Pete quando surprehendeu o parzinho mergulhado num beijo que, não havia duvida alguma, era uma prova palpavel de que Alan devia ter enlouquecido... Effectivamente, o millionario estava maluco! Mas maluco de amores pela moreninha, pois elle até já lhe havia promettido casamento...

Mas Pete não tinha obrigação de comprehender a mudança rapida dos sentimentos do amigo... Pete julgava que a ameaça da carta terrivel ainda estava de pé... e "fiel" ao juramento prestado a Alan, elle trata de vibrar o golpe destruidor do amor do millionario com a gentil passageirasinha...

Para tal elle tinha poderes discricionarios: Alan havia dito que Pete podia lançar mão de todos os recursos para afastar delle a primeira mulher que tentasse envenenar o coração bohemio do millionario...

E Pete entra em acção, combinando uma farça com a loura Anna Rader, mulherzinha ideal para desmanchar prazeres... pois ella era a nordica Greta Nissen... O plano foi introduzir Anna no camarote do millionario e depois fazer com que a moreninha visse a "vampiro" na cabine do seu bem amado... Se Pete imaginou o plano, melhor o executou, pois o resultado foi Annie romper o noivado com Alan. Crente de que este não passava de um conquistador barato, apaixonada como estava por elle, Laurie fica desesperada e começa a votar-lhe desprezo. Alan que ignora o incidente do camarote, não comprehende por que a sua amada o evita. E ahi então, é que o millionario comprehende o quanto já amava aquella creaturinha...

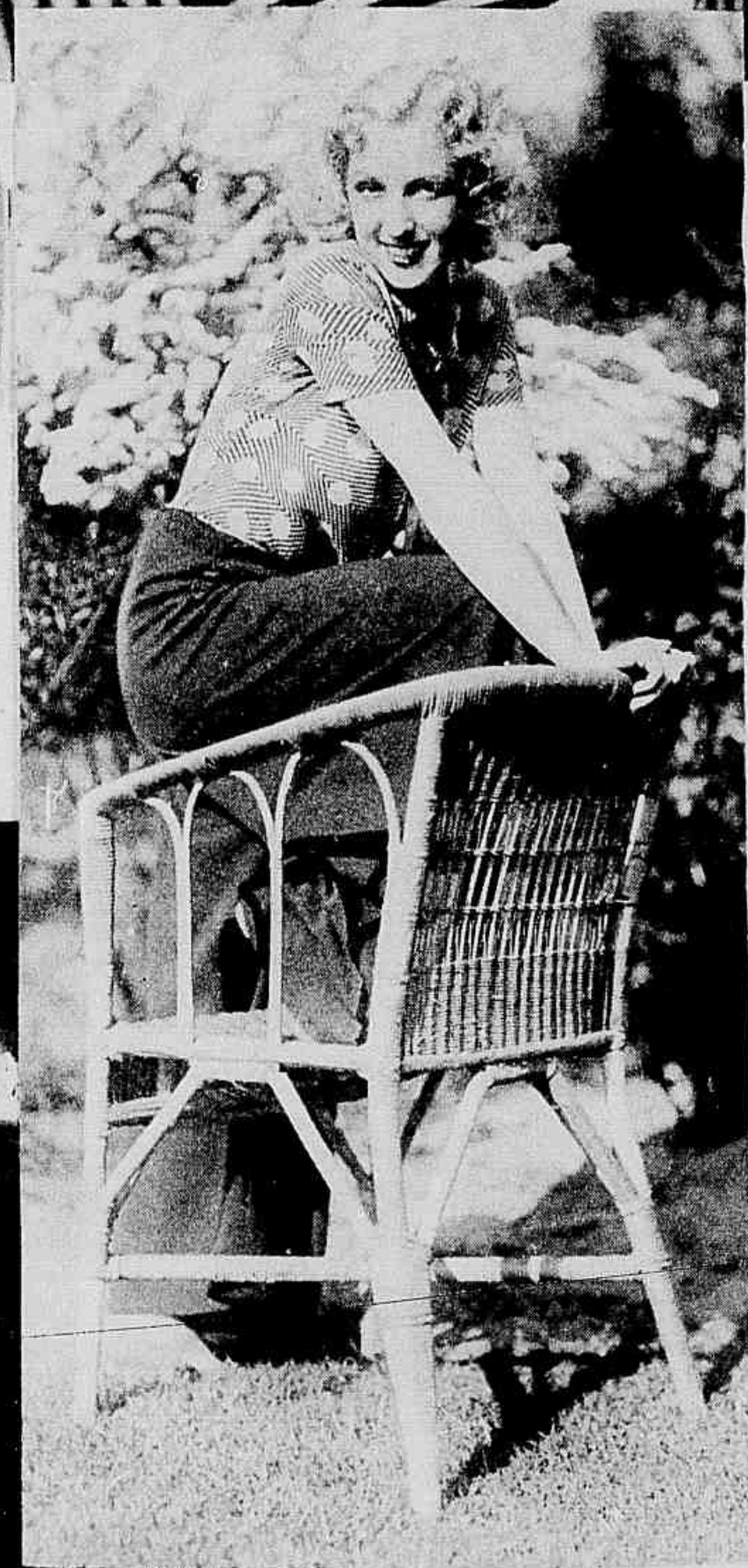
No primeiro porto em que o "yacht" pára, Laurie desembarca e o millionario a segue, na esperança de poder falar com ella e fazerem as pazes. Usando de varios estratagemas, a pequena consegue escapar-lhe no momento em que toma um automovel. Mas Alan toma outro carro e temos uma perseguição interessantissima... O carro de Laurie, perseguido pelo de Alan, passa por Santa Barbara, Riverside, Yosemite, Lake Arrowhead, Los Angeles, Del Monte e Palm Springs...

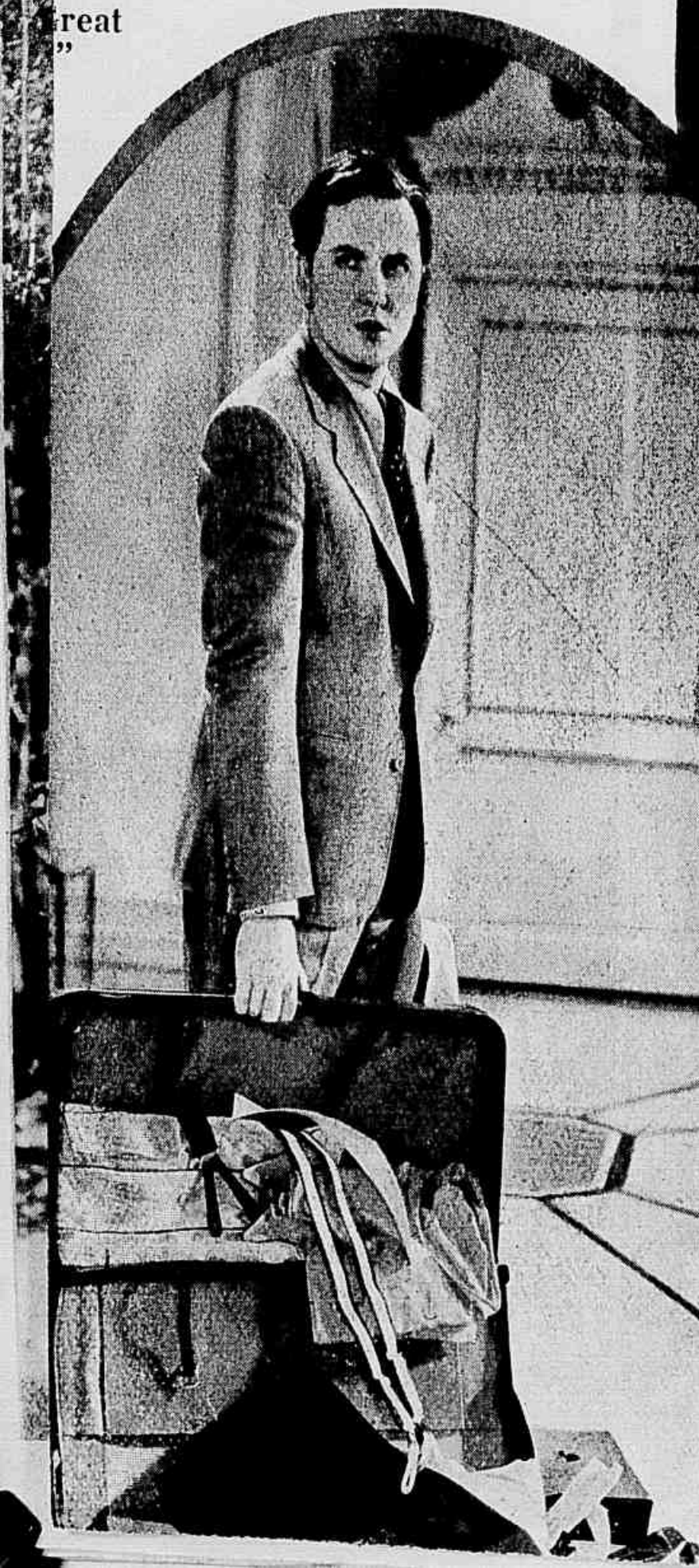
Durante a viagem, Laurie olhando o desdobramento das paysagens maravilhosas, o recorte das praias luminosas e a sombra das cordilheiras azues, começa a recordar-se com saudade dos primeiros idyllios com o millionario e a reflectir... Sente que foi injusta para com elle. E do seu carro, Alan consegue vêr que ella chora! Com isto Alan comprehende de que a sua pequena ainda o ama e mais kilometro menos kilometro, ordenará ao "chauffeur" a parar o carro para esperar o beijo de reconciliação que Alan está ansioso para dar-lhe...

Esse momento não tardou muito... Então Laurie contou a Alan que vira a outra mulher no seu camarote e dahi o julgamento errado que fizera delle. Alan lhe conta que não podia ser outra cousa senão um plano de Pete para evitar que elle se casasse e mostra a Laurie a carta "compromettedora", que ainda trazia no bolso...

Tudo acaba bem, já se vê. Se não foi um cruzeiro de amores, foi uma viagem de amor e mais uma vez fica provado que com o coração não se brinca...

AMORES

UM SORRISO DA UFA...

ROSY BARSONY. NASCEU NA HUNGRIA E PASSOU PELO THEATRO.

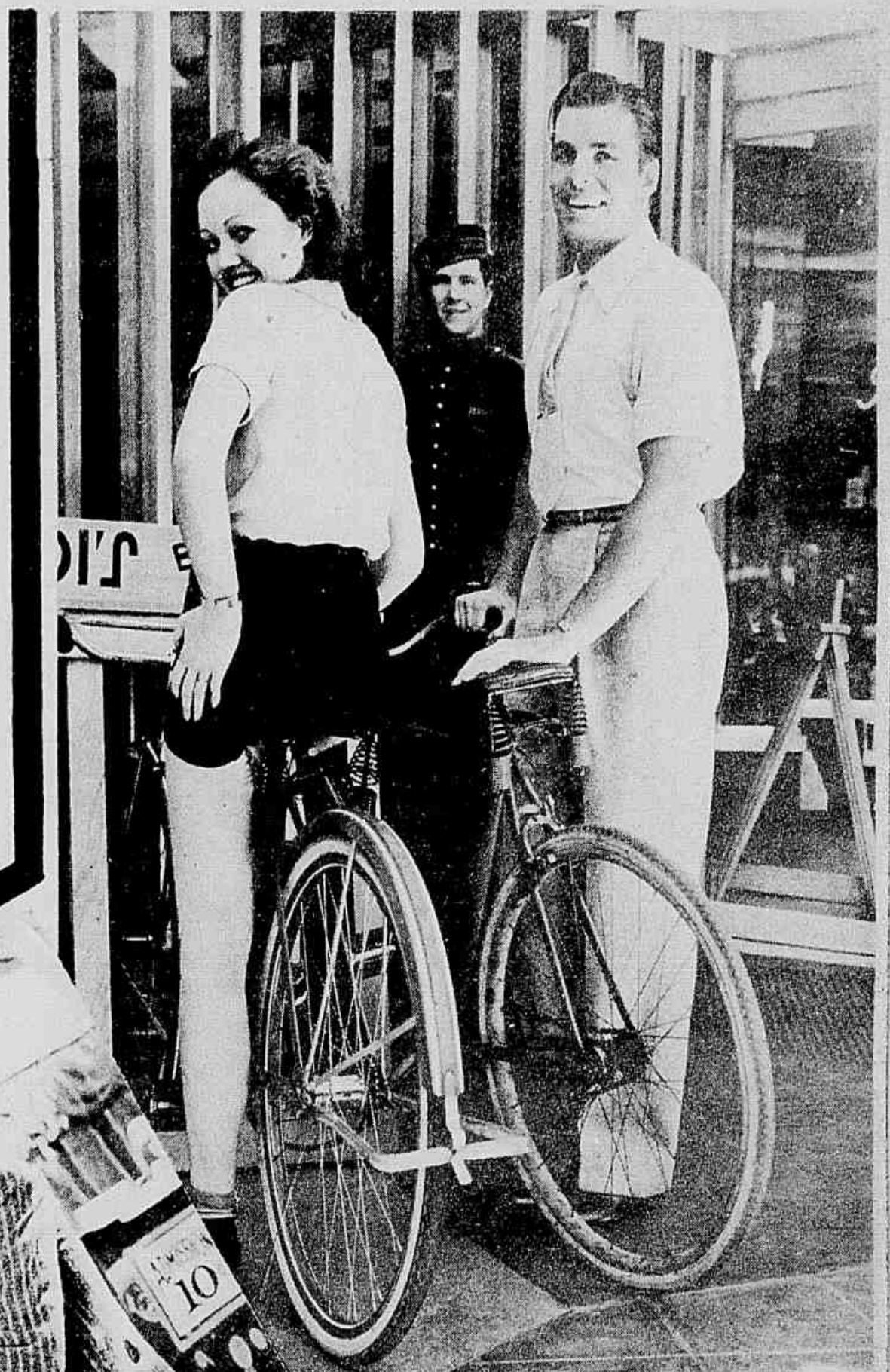
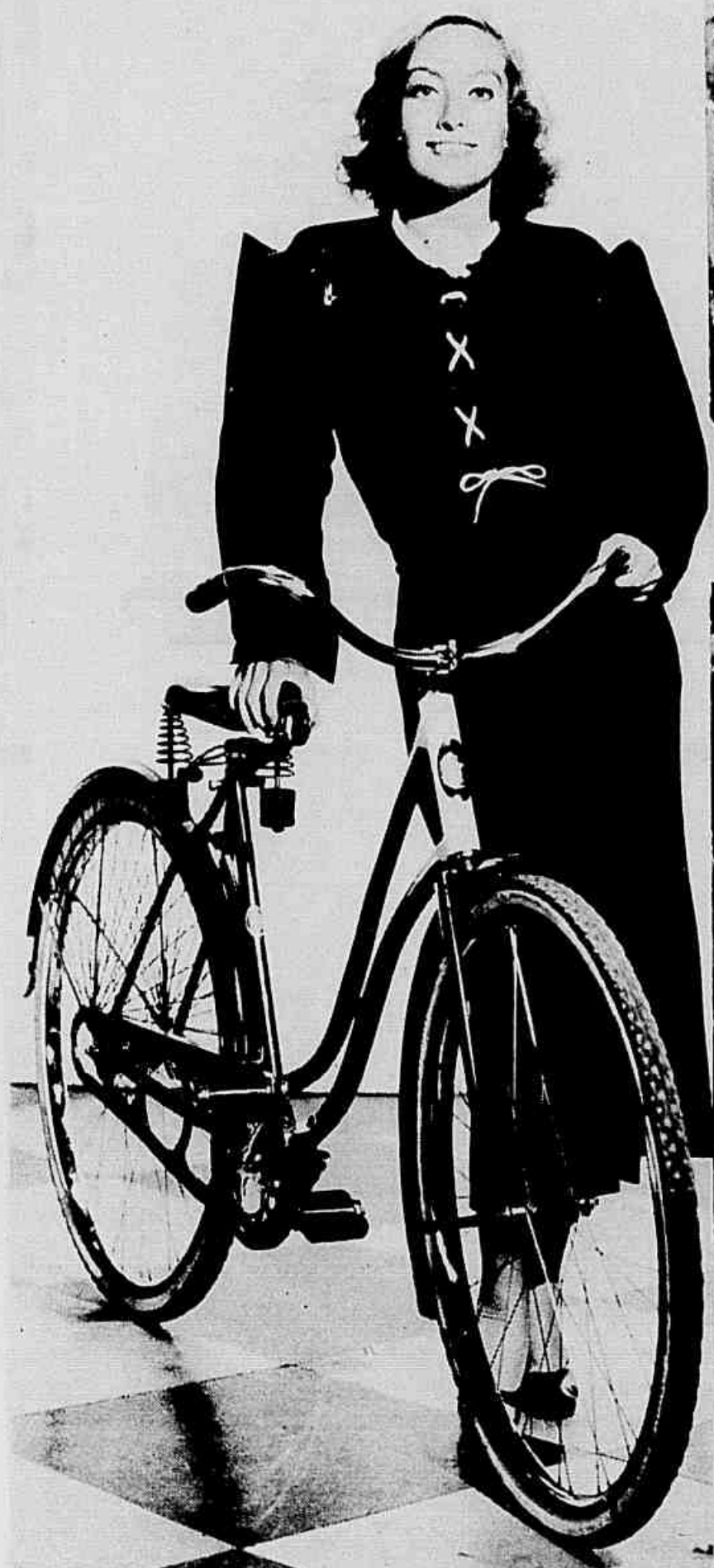
Grace
Bradl

Noutra scena de "It's To Be Great Alive" da Fox

Em "Flying Down to Rio" da RKO-Radio.

Betty Furness
R.K.O. RADIO

Está na moda...

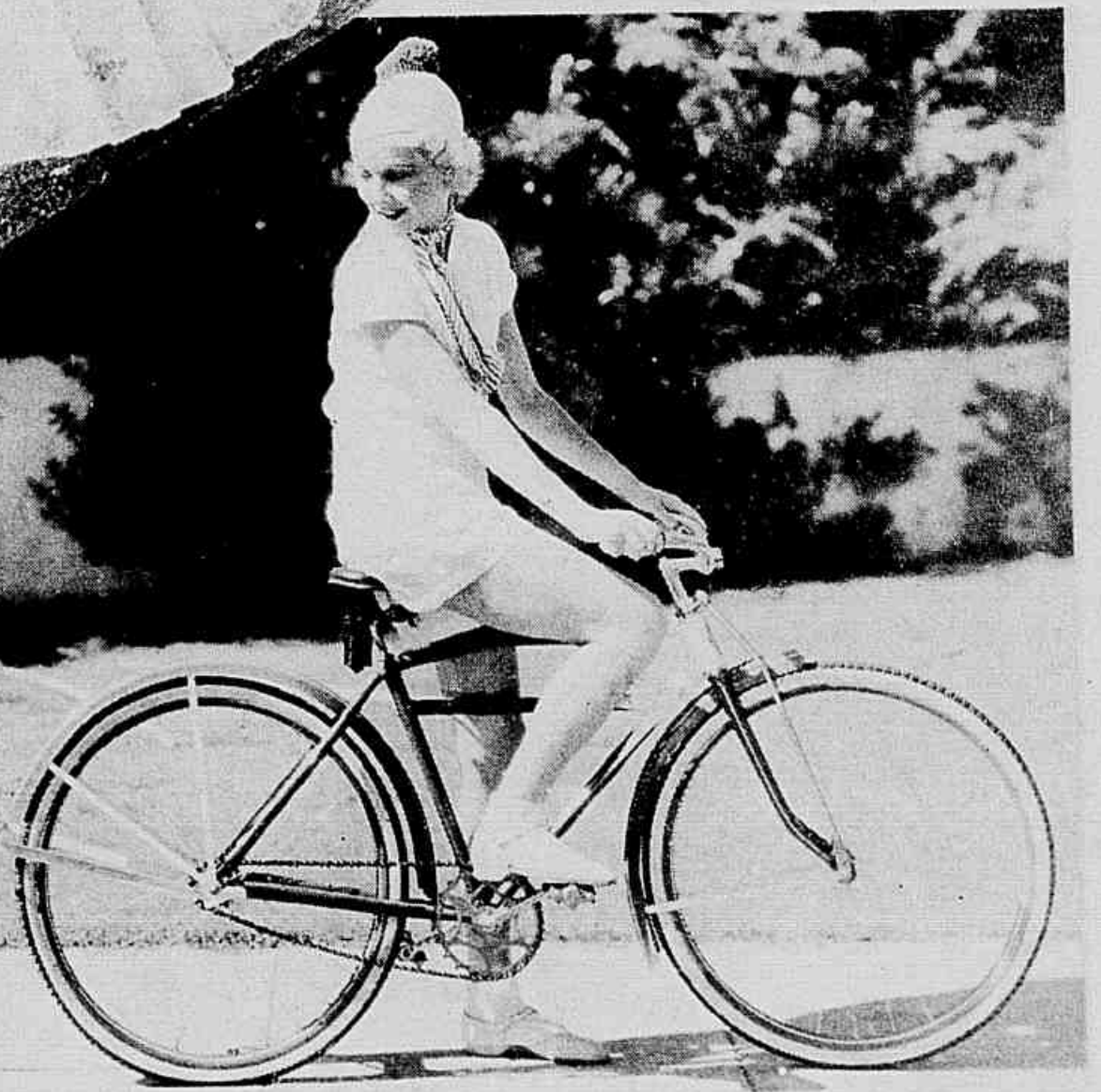
WILLY FRITSCH E LILIAN HARVEY.

JOAN CRAWFORD.

LONA ANDRÉ E O HOMEM LEÃO. BUSTER CRABBE

GARY COOPER E FAY WRAY.

HELEN TWELVETREES E O FILHINHO.

A VOLTA DE

(De C. F. especial para **CINEARTE**)

A nova Alice Brady que Hollywood foi buscar na Broadway

O intercambio de personalidades artisticas entre Broadway e Hollywood tem sido, ultimamente, bastante frequente. Os "fans" de Cinema é que lucram com isso pois desta vez a escolha é criteriosa — os artistas que vêm do palco são nomes que significam talento, são figuras de valor e photogenia reconhecida.

Pola Negri surgirá em breve na peça **A Trip to Pressburg.** Tallulah Bankhead em **Jezebel,** está deixando os criticos, malucos! Olga Baclanova tambem enthusiasma pela sua creação em **$25 an Hour,** onde ainda surge Jean Arthur, Nancy Carroll, Corine Griffith e Rose Hobart estão no drama. Marylin Miller e Ona Munson, na comedia musicada. Lupe Velez de vez em quando, vae pôr um pouquinho de pimenta nas revistas...

Mas os **scouts** de Hollywood tambem fazem suas excursões pela Broadway e trazem para os studios algo como: Miriam Hopkins, Zita Johann, Diana Wynyard, Ann Harding, Verree Teasdale, Herbert Marshall, Otto Kruger, os irmãos Morgan, Brian Aherne, Henrieta Crossman, Helen Hayes, William Cargan, Leslie Howard, Frances Fuller, Katharine Hepburn e muitos outros... não esquecendo a sensacional Mae West. Lynn Fontaine e Alfred Lunt já fizeram um Film. Ina Claire esteve uma larga temporada na Pathé. Até a grande Katherine Cornell está se tornando accessivel ás offertas de Hollywood...

O Cinema tem ido, tambem, buscar as suas antigas "estrellas". Ethel Barrymore veio para a Czarina de **Rasputin.** Billie Burke retorna em varios Films de successo. E a Radio já pensa em trazer de volta Lillian Gish — que triumphou em **Nine Pine Street** — afim de apparecer no Film de estréa do tcheco-slovaco Francis Lederer, outras sensações dos palcos new-yorkinos.

E Hollywood não poderia deixar de trazer para os seus studios a artista que, nas ultimas estações, tem emocionado a Broadway pela perfeição artistica de suas creações, em peças admiraveis — Alice Brady!

Lembram-se de Alice Brady? Poderá um bom "fan" ter esquecido esta esplendida artista?! Alice Brady foi a deliciosa figura que animou uma grande série de Films ha alguns annos atraz, muito antes do Cinema ter vóz, quando só as imagens falavam...

Eram tres as Alices que agradavam nessa epoca — Alice Brady, Alice Joyce e Alice Lake. Tres morenas de porte aristocratico e belleza absolutamente original.

Mas das tres, sempre achei a Brady com algo mais humano na sua arte, algo mais irresistivel na personalidade e algo mais fascinante na formosura... o que a levou mesmo a ser um idolo. As covinhas desta morena e seductora creatura chegaram a ter tantos "fans" quanto os cachos de Mary Pickford e os vestidos extravagantes de Gloria Swanson.

Mas a Brady tambem era elegantissima! As suas **toilettes** rivalisavam com as de Alice Joyce, outro expoente de fina elegancia da epoca. Brady vestia-as não como um simples "manequim", mas dando-lhes um pouco da sua exuberante personalidade. E aquelles chapéos gigantescos que ella usava num abandono unico! Seus vestidos rivalisavam com Joyce mas o seu nariz **retroussé** e petulante era gemeo com o de Alice Lake — esta que hoje anda fazendo papeis de "extra", depois de ter sido uma figura tão querida...

Em Alice Brady houve sempre um **quê** tornando-a differente, invulgar... Não a podiamos chamar uma perfeita formosura, pois suas feições não apresentavam uma regularidade classica. Mas assim mesmo era um conjuncto encantador, com uma suave e envolvente expressão de melancholia. Uma galante **fausse maigre,** cheia de um intenso **it** — naquelle tempo um illustre desconhecido....

E aquelle sorriso tão raro, as covinhas! Mas o que prendia — mais que tudo isto — era a personalidade que irradiava.

Admirei immensamente Alice Brady,porque f o r a m sempre qualidades que encontrei na sua representação: vida, emoção e personalidade.

Foram tantos os s e u s Films naquelles tempos, que esqueço a maior parte delles. Mas uma cousa eu recordo-me sempre: a forte capacidade de para emocionar pelo seu desempenho, que Alice apresentava em todos os Films, mesmo nos fracos. Sim, ella tambem os teve diversos. Mas uma artista que possue talento e não é só uma carinha bonita — faz o seu valor prevalecer, apesar dos deslises do Film. Alice foi sempre assim.

Na World a sua série de Films foi enorme. Recordo-me de **O teu amor, paguei-o!** onde o trabalho de Brady foi tão bonito como o titulo da pellicula. **Maternidade,** onde tambem teve um notavel desempenho e neste Film trabalhava Madge Evans... **"A jaula de ouro", "O Martyrio da Belgica", "Frou-Frou", "A Bohemia", "A Russia Tragica", "Ciumes e remorsos", "Coração faminto", "A cilada", "Viuva e virgem", "A dansa fatal"**...

Presa em suas mãos, com Percy Marmont, marcou a estréa dos Films da Select no Rio. E em quantos outros trabalhos desta fabrica, Alice nos surgiu! **"O atelier de Mme. Marie", "O mundo em que se vive", "Não ha tal cousa", "Abnegação", "A dansa da morte", "Sua cara metade", "Desprezo pelo ouro", "O turbilhão", "Noite nupcial", "Mulher e esposa", "A' mercê dos homens,** e **"O bisturi".** Em **"A Ruiva",** ao lado de Conrad Nagel, Alice esteve adoravel como poucas vezes. Uma **red hair** deliciosissima, quando nem se sonhava com Clara Bow e Jean Harlow...

Na Realart: **"A procella,** onde surgiu optima, ao lado de Reginald Denny. **"Na romantica New York,** um Film encantador. **"Peccadores", "No paiz do sonho", "A terra da esperança", "Marido que desconfia", "O rei-dinheiro", "Odio ou amor", "Mercado de intrigas"**... E Alice Brady nos deu desempenhos em tantos outros bonitos Films, dos quaes não me recordo...

Com o chapéozinho que Shaw criticou...

Quando a Realart falliu, a Paramount comprou o fim do contracto de Alice. E guardo mais nitidamente na memoria, a lembrança dos quatro Films que então ahi fez.

Quem agrada triumpha — a deliciosa historia de uma immigrante e Alicinha esteve encantadora como Anna. **Digna do seu amor,** com o fallecido David Powell. A **Leoparda** com Montagú Love, onde nos surgiu exotica e fascinante como uma esquiva selvagem — apesar do Film não ser grande cousa.

Meu unico amor, onde foi uma noivinha adoravel, para Maurice Flynn, marcou o fim do contracto e de sua série de Films. Uma rapida noticia, mezes depois, trouxe aos seus "fans" a triste nova — Alice Brady deixava o Cinema, afim de regressar ao theatro. Senti pena. Senti a falta que fazia aos Films, o seu rostinho sempre serio e pensativo, mas dono de um **charme** tão especial e captivante; os seus lindos olhos sonhadores e a sua interessantissima personalidade de artista.

Muito tempo manteve-se ella ausente dos studios, não realisando os anseios de muitos "fans". E só hoje, 10 annos apoz, volta a **flirtar** com uma camera!

O Cinema depois que Alice

partiu, soffreu diversas transformações. E' falado que ella o vem encontrar hoje. Mas elle tambem a encontra **differente**, treinadissima... Sim, a Alice Brady de hoje é um tanto differente da de hontem. Já a noticia de sua volta — é algo invulgar, barulhenta.

Alice Brady não é sómente a artista que volta. Ella é o nome artistico de valor immenso que Hollywood foi buscar na Broadway, para vir a ser uma "estrella"!

Logo ao deixar o Cinema em 1923, o successo que Alice alcançou na peça **Drifting,** com Robert Warwick, deu o que falar. Os studios tentaram recuperal-a mas Alice não acceitou — estava cansada... Assim vimos este assumpto em Film, com Priscilla Dean...

E foi ahi que a Brady iniciou suas famosas temporadas na Broadway — onde seu pae William Brady é celebre productor. Os seus desempenhos tanto em ousadas comedias modernas quanto nos vibrantes dramas classicos, firmaram-na cómo um desses nomes que significam Arte — Arte experiente e refinada.

As peças **"Bride of the Lamb", "Zander the Great", "Sour Grapes"** e a delicada **"Forever After"**, marcaram triumphos esplendidos para a Brady em New York, estendendo-se os mesmos a Londres, Chicago e outros centros que tiveram a felicidade de admiral-a pessoalmente.

Mas o seu immenso successo culmina com o admiravel trabalho que deu em **Mademoiselle,** ao lado de sua madrasta Grace George e em **Mourning Becomes Electra** onde surgiu com a russa Nazimova!

Estas duas peças foram as glorias mais perfeitas que Alice alcançou durante a sua permanencia no palco. Tudo isso nos mostra como é differente a Brady que retorna e que o Cinema vae hoje universalisar uma grande artista, no verdadeiro sentido da palavra.

Assim, é dupla a alegria dos seus "fans". Ha dez annos sem vel-a (porque do theatro só os écos longinquos dos seus successos chegavam até nós) vamos ter agora a opportunidade de revel-a e ao mesmo tempo sentir todo o encanto de sua nova personalidade, de sua arte aprimorada.

A sua pose predilecta nos velhos tempos do Cinema silencioso.

Lembram-se de "Meu unico amor", com Maurice Flynn?

Com Ann Harding em "A rival da esposa", mas a rival é Myrna Loy...

—o—

A sua **rentrée** ante as cameras dá-se em **A rival da esposa,** onde a sua attracção pessoal se allia á curiosidade de ser a primeira vez que fala na tela, num papel mais secundario mas divertido. E ao lado de luminares do Cinema moderno como Ann Harding, Robert Montgomery e a nova, a **sophisticated** Myrna Loy — Alice eleva-se neste papel pelo seu desempenho habil e intelligentissimo.

O Film é baseado na peça **When Ladies Meet,** de Rachel Crothers — uma comedia fina, elegantissima e o papel de Alice, sendo muito de accordo com o seu typo actual, é uma surpresa pelo genero.

Bridget é uma viuvinha voluvel, maliciosa, subtil, notavel pela **insouciance** com que tudo encara e as deliciosas inconveniencias, que diz com o ar mais ingenuo do mundo...

Segundo affirmam todos os que viram o Film, Alice rouba-o extraordinaria de graça e espirito. Esta sua Bridget é uma creação que delicia, que fica vivida na imaginação e que faz epoca no Cinema, pela sua adoravel extravagancia, graça subtilissima, ironia mordaz e, principalmente, pela deliciosa **étourderie** com que Alice o interpreta.

Artistas, directores e jornalistas enthusiasmaram-se com o seu desempenho e o cunho de personalidade com que Brady estylisou um typo originalissimo. Todos são unanimes em affirmar que é notavel a volta desta veterana querida — volta modernissima em physico, arte e **toilettes**, atravez um papel que afina pelo mesmo diapasão e communica ao publico as **nuances** mais subtis do seu talento.

Assim a Alice Brady de hoje, sendo uma favorita da Broadway, já é a sensação de Hollywood pela sua arte sempre nova, sempre absorvente. Para não falar no seu humor finissimo que a faz popular no studio e no seu espirito nato que a levou a rebater com presteza, as irreverentes ironias de Bernard Shaw quando este visitou Culver City — dizendo-lhe **que suas pilherias eram tão velhas quanto suas barbas...**

—o—

Assim como Alice Brady é a mesma em talento — só que em differentes **nuances** — tambem o é em belleza. Sua personalidade ainda é exuberante mas sua sensibilidade tornou-se mais apurada, em vibrações mais fortes. Filmemol-a então em **close up** para ver que tal o seu **charme,** depois de 10 annos. Sua belleza não está fanada. Bem ao contrario, está radiante. Alice venceu o tempo porque resurge uma figura cheia de formosura, não formosura gritante, mas sim suave, toda feita de um encanto calmo. E que póde affrontar o tempo porque traz algo muito mais duradouro e forte para ajudal-a — talento e intelligencia. Belleza outomnal repleta de um brilho adoravel, genero Gloria Swanson e Doris Kenyon. Belleza balzaqueana, trazendo um fulgor suave e singularmente irresistivel...

Os annos nada mais fizeram do que espiritualisar a formosura latina desta mulher morena e seductora, dando-lhe algo que lembra as figuras de Chirlandajo...

A Alice Brady que deixou o Cinema em 1923 era um typo delicioso de pequena **soubrette,** viva, nervosa. Hoje, em pleno 1933, Brady ainda é uma morena delgada, dona de uma elegancia "smart" como Hedda Hopper, accrescida de uma adoravel distincção no porte e uma pose sublime. Attitudes cheias de linha e uma encantadora reserva. Só não é, naturalmente, uma garota vivaz e nervosa. Mas o seu espirito tornou-se mais flexivel. Hoje Alice é uma creatura de scintillante intelligencia, vivida, culta, experiente... Perigosa pelas ironias amargas que sabe dizer numa voz doce... Tem todo o espirito de uma imagem de Lubitsch, recitando dialogos de Noel Coward...

—o—

E' preciso notar que sua Arte tem a novidade de trazer outra expressão. A Alice Brady do theatro e do Cinema é uma artista com duas personalidades, sem ter duas figuras. No theatro é o drama. No Cinema, a comedia. Seus papeis no palco foram em geral dramaticos, alguns sombrios com laivos de tragedia.

Aliás é notavel como o seu typo suggere dramatismo. O rosto, tão melancholico e bonito, confirma plenamente uma phrase de Alice: **só sou realmente feliz, quando me sinto infeliz...** O desenho dos seus labios admiraveis, traduz desalento. Os olhos tristes e profundos parecem feitos de tédio... A expressão toda emfim, daquelle rosto lindo e triste, tem qualidades admiraveis para dramatisar as paixões e os sentimentos de muitas creações.

No emtanto, os mesmos olhos immensos e cansados, o mesmo rosto amargo, os mesmos labios tristes arranjaram um brilho novo, uma vivacidade incrivel, uma malicia unica para animar a Bridget de **When Ladies Meet!**

A Brady dos dramas nos dá na comedia, na creação brilhante da futil e frivola viuvinha de **A Rival da esposa,** a prova da artista versatil e completa que é. Revela o fulgor do seu espirito e do seu talento. Confirma que uma artista perfeita póde ter diversas personalidades.

Vel-a-emos no drama? Talvez. A Metro tem bons planos para esta seductora **brune** e embora em **Beauty For Sale** seu papel seja de novo um typo originalissimo, todo comedia fina e deliciosa — já em Broadway To Hollywood (que é a reedição do archivado **March of Time**) sua parte tem **nuances** mais dramaticas. E creio que assim tambem é em **Stage Mother.**

Seria uma grande satisfação para nós e para os seus innumeros fans, poder apprecial-a neste genero, poder applaudir a grande tragica, a artista dramatica de immenso valor — a Alice Brady que fez Broadway delirar em peças fortes!

Alice será bemvinda tanto para os **fans** antigos quanto para os mais recentes. Para estes ella traz as credenciaes de um papel curiosissimo, animado pela sua arte magnetica.

E para aquelles Alice será duplamente bemvinda! São **fans** que já sentiram o encanto inesquecivel de sua personalidade e esperam ansiosos que ella lhes proporcione, atravez os Films, as sensacionaes emoções artisticas que creou no palco.

Na cidade do Cinema, ella vem harmonisar-se á classe das grandes artistas como Helen Hayes, Irene Dunne, Dorothea Wieck e outras. Mas tambem será um **right place** para Alice Brady, este grupo de veteranas queridas que tão grato prazer provoca aos **fans:** Mary Pickford, Bebe Daniels, Doris Kenyon, Gloria Swanson, Marion Davies, Billie Burke e outras. Na época de Garbo e outras exoticas, este grupo é uma recordação gratissima que revive, é o suave perfume do passado, trazendo-nos á imaginação: Dorothy Dalton, June Elvidge, Elsie Ferguson, Dorothy Phillips, Mary Mac Laren, Leatrice Joy, Virginia Valli, Ethel Clayton, Carmel Myers...

Ha quem chame Hollywood de standardisada só para fazer **blague...** mas a verdade é que ella prende mais do que uma **chain-gang...** O actor não póde fugir ao seu poder dominador. Hollywood internacionalisa o artista, o que o palco não consegue. Alice deixou o Cinema quando os Films eram feitos em New York e sendo a primeira vez que vem a Hollywood, esperamos que seja para ficar. Valor não lhe falta para isso. Repito, Alice não é sómente a artista que volta. E' o grande talento que Hollywood foi buscar no theatro onde é queridissima e seu nome, attracção irresistivel para um espectaculo — afim de enriquecer o seu elenco artistico.

E Alice ha de abrilhantal-o, sem duvida. Ella aprimorou aquella arte adoravel que tanto nos deliciou nos Films silenciosos, aperfeiçoando uma de suas grandes qualidades: trazer toda a personalidade ao rosto, numa mobilidade de expressão que encanta.

Ella accrescentou aos seus meritos de perfeita artista Cinematographica, as glorias de notaveis creações nos palcos de Broadway.

Ella resurgiu mais interessante e irresistivel do que nunca, no seu primeiro **talkie.** Em materia de arte, pois, tudo é licito esperar desta querida e esplendida Alice Brady — veterana **de qualidade** que é, comtudo, a mais original e a mais nova das estrellas actuaes!

MAE WEST

MAE WEST, sentada, nunca apruma o busto, salvo quando se enthusiasma: está sempre recostada, numa attitude de displicente abandono.

Fui entrevistal-a ha pouco. A actriz trajava um tenue vestido de crepe preto, com jaquetinha de arminho e mangas guarnecidas de "fofos" enormes. Sobre a loura cabelleira, collocara um chapéuzinho branco, com um pedaço de véo tambem branco, e, nos dedos e sobre o peito, usava "pharoes" (brilhantes, na linguagem usual) do tamanho de bolas de "golf". Ao vel-a, lembrei-me duma gata de pêlo negro e lustroso — olhos semicerrados, dentes ligeiramente á mostra, o gesto molle e insolente, mas capaz de subitas crises de ferocidade.

Mae é sempre cem por cento Mae. No palco ou na téla, Mae pouco representa, não representa mesmo nada. Mae actriz, não é actriz, é ella propria. Nem poderia ser outra coisa, nem quereria ser outra coisa. Mae gosta de ser o que é e dahi não sahe.

Inda menina, no Brooklyn, Mae fazia já andar a cabeça á roda a todos os rapazes. A vizinhança cortava-lhe na casaca. O pae dava-lhe cascudos.

— Mas, felizmente, recorda a actriz, minha mãe comprehendia-me Costumava dizer: "Então! A pequena gosta mais de brincar com rapazes do que com garotas... Que tem isso?". Estas palavras bastavam para me consolar. Andava sempre agarrada com os pequenos e, de quando em quando, beijava-os. Era no tempo em que ainda pensava que a mulher só tem a dar e nada a receber. Agora, a coisa é outra. Tenho idéas muito differentes.

Domino os homens, porque gosto muito de mim mesma. Estou apaixonada por mim propria. Só a minha propria pessoa e as minhas proprias ambições me interessam. Desse modo, assumo um valor enorme aos olhos dos outros, pois não? Se as jovens namoradas me viessem pedir conselho a respeito das suas conquistas, dir-lhes-ia, sem hesitar um segundo: "Amem-se a si proprias, em primeiro logar" E' um dos melhores systemas para conservar os homens.

"Outro que tambem dá excellentes resultados é arrancar-lhes couro e cabello até os fazer gemer. Os homens não terão nenhuma utilidade, desde o momento em que as mulheres não os saibam depennar. Mas depennal-os direito, com sciencia, com vantagem, com lucro.

"Vou-lhe contar como comecei. Apaixonando-me, amando, mas amando de verdade. Amor como aquelle, a mulher só o sente uma vez na vida. Eu era doida por elle, andava desorientada, não via outra coisa deante de mim. Devia ter, naquella epoca, dezeseis ou dezesete annos, mas devo dizer que ninguem me dava essa edade. Muito desenvolvida, mulher feita. O amor veio, e fez de mim gato sapato. Eu tinha um ciume terrivel e, todas as vezes que via o meu amado olhar para outra pequena, ficava furibunda.

"Minha mãe não gostava delle, achava que não me convinha e que tão exaltada paixão seria a desgraça da minha vida. Dei ouvidos a minha mãe. Puz-me a pensar no meu amor, "nelle" e em mim propria. Disse para commigo: "Se continuas assim, adeus Mae West!" E era certo. Se aquillo continuasse, nunca mais haveria Mae West! Desde então, passei a gostar só de mim. Tinha muitas ambições, que queria realizar, custasse o que custasse. As minhas ambições e o meu amor desceram, porém, á liça e houve um combate dos mais sangrentos.

"Se o romance não acabasse, que succederia? Casar-me-ia, teria uma porção de filhos. Ora, eu não queria ter filhos. Não queria nem quero. Casando-me com elle, teria uma porção de filhos, passaria a ser propriedade delle, das aspirações delle, a minha personalidade desappareceria inteiramente do mappa... Perderia em toda a linha. "Não e não!" disse para commigo. Fugi para Chicago e por lá me conservei dois annos, dois annos que quasi deram commigo no cemiterio.

Mae, o director Wesley Ruggles e Helen Hayes

Mae West e Samuel R. Blacke, juiz de menores de Los Angeles.

Mae West e William Le Baron, productor dos seus Films

"Perdi peso. Arranjei olheiras. Fiquei com uma cara que mettia dó. Não havia noite que não estendesse a mão para o telephone, prompta a pedir o numero delle, doida por lhe tornar a ouvir a voz. Todas as noites, por espaço de dois annos, tive que lutar medonhamente, contra a tentação terrivel, e creia que quasi entisiquei. Depois, sempre que me vencia a mim propria nessa horrenda luta que me fazia sangrar o coração, ficava derreada, sem acção para nada, sentindo um vasio desesperador á minha volta. Tentava então distrahir-me. Procurava a companhia de outros homens, mas qual! Nenhum delles me agradava, se não tivesse qualquer coisa do meu amado, as orelhas, os olhos, o modo de andar, o typo... Tinha que repetir, sem cessar, para mim propria: "Não te serve!" Esse amor não te serve! Não te serve! Não te serve!"

"Mas venci finalmente, domei a minha paixão. Foi o meu primeiro e ultimo amor. Nunca mais me succedeu coisa egual. Nunca mais me succederá, e até me admira como me lembrei agora de tocar no assumpto. Nunca mais me succederá, repito, porque hoje em dia o que faço é pegar e largar, com egual facilidade. Em amores, sou exactamente como os homens: hoje aqui, amanhã ali.

"Tenho tido uma porção de romances. Não sou santa. (A proposito, é justamente esse o titulo do novo Film de Mae West **"I'm No Angel"**). Não levei, porém, nenhuma dessas aventuras a serio. Os homens para mim são simples conveniencias, nada mais. Se vejo que me podem ajudar, de qualquer modo, social ou financeiramente, trato-os com amabilidade... (Parece até que estamos ouvindo Mae West a falar).

"O meu primeiro brilhante obtive-o do tal rapaz por quem tive paixão. Elle possuia dois, um em alfinete de gravata, outro em annel. Uma noite falou em dar-me o alfinete. Perguntei-lhe onde o comprara. Respondeu-me que fôra presente duma mulher. Fiquei furiosa, com ganas de matal-o. Depois, exclamei, com um ar muito digno: "Julgas, porventura, que seria capaz de acceitar um presente que uma mulher te deu? Ainda se fosse o annel..." Deu-me logo o annel, muito convencido de que eu lhe fazia um grande favor em acceital-o. Recebendo o presente, dava provas duma grande bondade...

"Arranjo os meus brilhantes, tra-

tando os homens com a maior aspereza possivel. Faço-me de mal-humorada. Deixo de lhes falar. Grito-lhes que não os quero tornar a ver e tão aborrecida me mostro, que elles têm que fazer qualquer coisa para me fazer voltar o bom humor. Dão-me brilhantes.

"Lidar com homens não é o que muitas mulheres pensam. E' uma sciencia, um jogo do qual é preciso conhecer as regras. Por exemplo, quando encontro um typo emproado, um desses actores de Cinema que, de tão incensados, imaginam que todas as mulheres estão babadas por elles... Trato-os sempre com o maior desprezo. Estou no mesmo aposento com elles e não lhes ligo a minima importancia. Finjo que não os vejo. São-me apresentados hoje, mas amanhã faço de conta que nunca os vi. Chega a metter pena. Ha um actor neste studio, que é doido por mim e que já ha muito tempo me arrasta a asa, mas eu, umas vezes o trato com delicadeza, outras me mostro duma reserva glacial. O camarada nunca sabe qual é a cotação que tem commigo. Não. Não lhe digo o nome. Não ficava bem.

"Mas quando o homem é acanhado e timido, o systema a empregar já não é o mesmo. Sempre que me apparece um desses typos, desfaço-me em cortezias. Se apresenta, por exemplo, algum defeito sobre o qual elle proprio não tem nenhuma duvida, começo justamente por lhe elogiar esse defeito, lisonjeando-lhe a vaidade. O homem sente-se logo tão á vontade e tão satisfeito comsigo proprio, que já não vê outra pessoa no mundo senão eu.

"Foi o caso dum pugilista com quem, em certa occasião, travei conhecimento. Como todos os "boxers", tinha o nariz chato, e tal era o seu desgosto, que me falou uma vez em appellar para a cirurgia plastica, mas protestei logo, com energia, dizendo que aquelle nariz amarrotado lhe dava uma expressão tão viril ao rosto, que poucos homens havia que, por esse lado, se lhe pudessem comparar. O pobre rapaz ficou radiante. Já não me largava. Seguia-me por toda a parte como um cachorrinho.

"Para conquistar e conservar os homens, é necessario que as mulheres obedeçam a certos processos. E' preciso pensar e inventar sempre novos "trucs". E' preciso crear constantemente coisas novas dentro duma arte que é já antiquissima. Uma das coisas que mais se recommendam, por exemplo, é causar surpresa aos homens. Vou contar um caso.

"Uma vez, trabalhando eu numa companhia de "vaudeville", precisava que certo "productor" de New York arranjasse um "numero" para mim. Esse "productor" era um homem muito importante, a quem toda a gente adulava. Um dia, fui ao escriptorio delle, em companhia doutra collega que tambem queria fazer um "numero". Emquanto, ella se entendia com o grande homem, falando as estopinhas, sentei-me displicentemente numa cadeira, dei as costas aos dois e... adormeci. Não disse uma palavra ao sujeito, a não ser um simples "como vae?", ao entrar. Quando a collega terminou a sua lenga-lenga, teve que me acordar. Levantei-me, estremunhada e sahi resmungando: "Passar bem." Ao chegar, porém, ao hotel, recebi um telephonema do homem, a convidar-me para jantar.

"Resumindo: o empresario acabou por montar o "numero" que eu desejava, emquanto a collega, que o pedira, ficava a ver navios. Se não tivesse adormecido naquella hora, o typo nem sequer repararia em mim. Assim, o nosso heroe ficou derretidissimo, gastando só em roupas para o "numero" mais de tres mil "dollars". E quasi todos os vestidos me ficaram pertencendo, pois, na realidade, o "numero" só exigia uns dois ou tres. Mas, no auge do enthusiasmo por mim, o homem não olhava a despeza. Não cheguei, porém, a levar a coisa a serio. Todas as vezes que elle ensaiava uma investida, repellia-o, fingindo um grande nervosismo. "Oh! Que é isso?" dizia-lhe. "Não vê como estou com os nervos? Deixe que me volte a calma, quando já não tiver que representar o "numero". E nisso se ficou. Separámo-nos como dois bons amigos.

"Outro conselho que tambem daria ás jovens seria que fizessem o possivel por augmentar de peso e que se vestissem um pouco como "Lou" em **"Uma loura para tres"**. Deviam imitar o modo de vestir de "Lou", porque assim é que as mulheres devem vestir e não como se vê por ahi.

"Logo depois da Grande Guerra, como não havia comida nem dinheiro, as mulheres deram em emmagrecer, especialmente em Paris, que, como toda a gente sabe, é a cidade que impõe a moda. A magreza ficou sendo moda e então os costureiros, os modistas, começaram a desenhar vestidos que davam á mulher uma apparencia de homem. Resultado: as mulheres hoje parecem mais homens do que mulheres. Mas não está certo. Entrando uma mulher numa sala onde estão homens, estes deviam saber que entrou ali MULHER!

Com Adolph Zukor, presidente da Paramount.

Mae West visitou a cadeia de Los Angeles, convidada pelo Sheriff Eugene Biscailuz. O major J. B. Loving mostra-lhe alguns trabalhos feitos pelos presos...

"Quando estava a fazer **"Uma loura para tres"**, com todos aquelles espartilhos, caudas e babados, era de ver como o pessoal subalterno do studio me tratava. Todos corriam a ir buscar cadeiras para mim, todos faziam questão de que me sentasse com o maior conforto. Todos me tratavam com respeito, todos se mostravam delicados e cortezes. E' o mesmo que uma mulher saltar elegantemente duma limousine, comparada com uma lambisgoia que sahe aos pinotes duma "barata". A dama que salta da limousine recebe a melhor cadeira, a pequena da "barata" ageita-se em qualquer canto.

"Lembro-me duma senhora, que costumava ir a nossa casa, quando eu era pequena. Usava golas muito altas e muitas joias e fitas. Tinha uma bella figura e rescendia sempre a perfumes; falava com voz lenta e arrastada, semi-cerrando os olhos. Eu achava-a linda, magnifica. Ella dava uma sensação de mysterio. Fascinava as pessoas. Tinha esplendor. Tinha sexo. Toda a gente o sentia.

A gente para agradar aos homens tem de ser, antes de mais nada, mulher, mas mulher de modo que elles saibam que estão em presença duma mulher. Naturalmente. E' preciso inventar sempre novos "trucs". E tratal-os mal, de maneira que elles façam tudo para que nos volte o bom humor. E' assim que eu faço. E' assim que domino os homens, é assim que arranjo os meus brilhantes.

e os HOMENS

Mae West e Ralf Harolde numa scena de "I'm no Angel" da Paramount

---

Kae Von Nagy é a "estrella" de **Au bout du monde** da Ufa.

Gaby Morlay fundou uma sociedade de producção: **La Société des Films Pierre Maréchal** para a qual a "estrella" de **Melo** fará seis Films, começando com **Jeanne**, de Duvernois. Chegaremos a ver estes Films aqui no Brasil?

Pabst dirige um novo Film. E' **Du haut en bas**, com Catherine Hessling, Margo Lion e outros desconhecidos...

Brigitte Helm é a principal em **Inge et les millions** da Ufa.

Numa scena de "Iem no Angel".

Quem era Renée Adorée

(CONCLUSÃO)

OURO REDEMPTOR — O sonho dourado da velha California... George Duryes foi o galã de Renée. E ella vivia mais uma "señorita" deliciosa e encantadora — a "Josephita"...

TORRENTE EM CHAMMAS — da Universal — Historia de Rex Beach, dirigida por Irvin Willat, com um grande incendio na floresta... Renée fazia a "Rose Morris", a namorada de infancia de Conrad Nagel...

FORÇA QUE SEDUZ — da Caddo, de Howard Hughes — Evelyn Brent com seus perfumes e meneios de "vampiro", seduzia Thomas Meighan, mas Renée Adorée num papel simples seduzia mais o espectador...

REDEMPÇÃO — A tragedia de Tolstoi que Fred Niblo mostrou aos "fans" com tanta arte e tanto sentimento, ajudado pelo talento de John Gilbert, teve um dos seus maiores encantos em Renée Adorée. A cigana "Masha" foi um papel bonito e de muita observação. E Renée foi tão notavel no seu desempenho que offuscou sem querer, o brilho do trabalho de Eleanor Boardman... Foi outro dos mais lindos trabalhos de Renée para o Cinema, inesquecivel mesmo ! E o seu primeiro Film falado.

O PAGÃO — Quem não sente saudades deste poema romantico que a arte de W. S. Van Dyke, compoz com Ramon, Dorothy Janis e Renée Adorée? Pois se elle tinha romance tambem fazia pensar, tinha uma notavel pincelada de arte no papel que Renée Adorée vivia! Aquella sua "Renée" foi uma das mais sympathicas "mulheres de passado" que temos visto nos Films. Não se póde relembrar os papeis lindos do repertorio de Renée Adorée sem sentir saudades tambem do que ella viveu em "O Pagão"...

FATAL INTRIGA — da Pathé — Ainda um Film silencioso, foi entretanto um dos melhores Films de circo que já vimos. Alan Hale e Fred Kohler secundavam Renée e Tay Garnett apresentava uma direcção que se póde qualificar de fina. Quantas vezes Renée, durante a Filmagem não teria se recordado do velho circo em França, em que trabalhou e tantas glorias colheu...?

SEVILHA DOS MEUS AMORES — Foi a despedida de Renée do Cinema e por ella Renée pagou um preço bem amargo. Aquella dansarina "Lolita" apaixonada por Ramon, quando terminou de representar a sua ultima scena, cahiu desfallecida. Este detalhe nós o descrevemos adeante, contando melhor aos leitores o que foi o esforço feito pela querida artista para não complicar a Filmagem. Mas mesmo doente, trabalhando movida por uma força de vontade extraordinaria, Renée fez daquella dansarina hespanhola outro desempenho seu com aquella personalidade que ella emprestava á todos os seus trabalhos — fascinante ! Que linda que era aquella scena do convento, quando Renée contava a Dorothy Jordan que Ramon não a amava e que a scena que Dorothy presenciára fôra falsa ! E que linda tambem aquella outra depois, quando Renée perguntava a Dorothy se este a perdoava e Dorothy a beijava com affeição !

"Lolita" era mais uma "mulher" differente, de uma sympathia irresistevel !

Renée Adorée era talvez a mais linda de todas as moreninhas que a França fez presente ao Cinema americano. Claudette Colbert tambem é um encanto, mas Renée tinha qualquer cousa que a "estrella" de "Esta noite é nossa" e as outras "mademoiselles" do Cinema não tem... Os seus lindos olhos azues brilhantes, vivos e eternamente meigos, já fariam de Renée um encanto de mulher, mas a verdadeira maravilha da sua personalidade era a sua bocca, em cujos labios desenhados com perfeição, havia sempre um sorriso humido, inesquecivel ! Renée não era propriamente bonita, mas era picante e encantadora. Aquillo que ella nos mostrava nos Films existia na realidade: pessoalmente Renée não desilludia ninguem. O segredo dos seus encantos não estava no departamento de "make-up"... Alegre, viva, espirituosa, Renée foi sempre a alegria dos "sets" onde trabalhava. E o maneirismo no falar caracteristicamente francez, era outra cousa deliciosa que a tornava ainda mais original e curiosa.

Os francezes achavam-na o prototypo da carinhosa e loquaz "Madelon" da aldeia franceza. Brilhante, cheia de vida, Renéezinha era como a melhor "Champagne" do seu alegre paiz...

Renée Adorée foi a pequena que amou a vida e fez della uma grande gargalhada até o instante em que a doença transfigurou o seu sorriso. Ultimamente ella era uma lagrima sentida para Hollywood. A Renée de ha dois annos para cá era apenas uma sombra da vivaz e seductora creatura que tanto nos encantou em "The Big Parade". Coitadinha, ella vinha pagando o preço da sua immensa alegria de outróra, num quarto brando do sanatorio de Prescott, no Arizona.

Renée ultimamente estava na penuria. Se não fosse a generosidade de suas amigas leaes e dedicadissimas Dorothy-Sebastian e Marion Davies, pobrezinha de Renée... seus amigos que a rodeavam nos tempos em que ella tinha dinheiro, abandonaram-na como sempre acontece. A chamma da vida de Renée ia fraquejando. Era o começo do fim...

Renée devia ter evitado os excessos de diversões e prazeres, mas ella era toda alegria, não concebia a vida sem diversões e as suas festas eram inesqueciveis. As gentilezas que ella espalhava nessas festas era uma das cousas mais lindas na vida particular de Hollywood. As festas de Renée precioso estimulante para o temperamento da linda francezinha arruinaram-lhe a suade e o futuro. Essas festas devem ter sido o seu unico peccado na terra e já deve ter sido perdoado, porque ella era a creatura mais admiravel deste mundo. O seu coração dava tudo aos outros e nada pedia para si...

Ella foi a menina mais bondosa que Hollywood já viu e esta mesma Hollywood que sempre esquece os seus filhos quando a fatalidade os afasta dos studios, queria bem Renée Adorée até o seu ultimo instante. Quando o "Chineze", exhibia no anno passado em "premiére" de gala "Grand Hotel", no momento em que todas as "estrellas" falavam ao publico no microphone, Joan Crawford só falou para pronunciar palavras dedicadas a Renée que estava longe dali, no seu leito em Arizona. Katherine Albert, conhecida jornalista de quem "CINEARTE" publicou varias reportagens, disse uma vez que só havia uma palavra capaz de definir a meiga Renée: **adoravel** ! E Katherine descreveu tambem o excelso sacrificio da francezinha durante a Filmagem das suas ultimas scenas de "Sevilha dos meus amores", onde para não prejudicar o Film ella trabalhou num esforço supremo, cahindo desmaiada quando Charles Brabin ordenou o "cut" da sua ultima scena. Quem "viu "Sevilha dos meus amores" jámais poderá calcular o estado de Renée quando viveu aquellas scenas, aquelle papel que afinal foi mesmo, infelizmente, o seu ultimo papel... E Katherine tambem disse: — "Uma creatura como Renée Adorée, seria até um crime desapparecer deste mundo: — tão boa, tão meiga, tão amiga!

Ella merece dos productores, quando ficar boa, uma "chance" de continuar o seu successo".

Renée teria essa "chance" sim. A Metro ainda não Filmara "O grande desfile" falado, apenas porque queria que Renée fizesse de novo a "Melissande". Mas Deus não quiz...

O Cinema perdeu muito com a morte de Renée Adorée. Ella não era apenas a francezinha suave e delicada que conheciamos, mas uma das mais intelligentes actrizes de Hollywood. Seu mais lindo trabalho o publico não viu: foi em "La Boheme". Tão extraordinaria era a sua parte como "Musette", que o studio a cortou temendo que a "estrella" Lillian Gish ficasse prejudicada. Da sua notavel "perfomance" ficaram no Film apenas algumas scenas. E este papel de "Musette" era quasi que o verdadeiro caracter de Renée: espontanea, alegre, philosopha, uma verdadeira e fascinante bohemia !

"Mr. Wu" foi outro dos seus mais perfeitos desempenhos. Esse papel foi sempre uma das suas grandes ambições, cuja realização foi uma das suas maiores alegrias. Ella o desejava mas ninguem julgava possivel uma franceza como ella, caracterizar-se de chineza.

(Termina no fim do numero)

FUTURAS ESTRÉAS

(Film vistos em Hollywood por Gilberto Souto)

One Sunday Afternoon (Paramount) — Baseada numa peça theatral do mesmo nome, a nova producção da Paramount acompanha muito de perto o original. O dialogo é o mesmo e as situações quasi que identicas. O Film narra uma historia interessante, tendo a sua maior parte desenrolada no principio do seculo, quando as garotas usavam aquelles vestidos impagaveis e os homens botinas, paletos de gola estreita e **gozadissimo** chapéus côcos.. O que mais impressiona no Film é o trabalho de uma artista que faz a sua estréa. Chama-se Frances Fuller e vem dos palcos de New York. A sua "performance" é realmente, esplendida revestida de tanto sentimento, tanta doçura que, acredito, ella ainda alcançará grande exito na sua vova carreira. No elenco, estão Gary Cooper, Neil Hamilton, Roscoe Karns e Fay Wray. Dirigido por Stephens Roberts e photographado de um modo impeccavel por por Victor Milner. Frances Fuller lembra, em muitas de suas scenas, Lillian Gish. Tem aquelle mesmo ar triste e uma aureola de pureza e de extrema sympathia.

"Too Much Harmony"

"Three Cornered Moon"

x x x

BEAUTY FOR SALE (Metro Goldwyn-Mayer) — Aqui está mais um bom trabalho da M. G. M. e desses que agradarão a todas as platéas. Interessa sob todos os seus aspectos — direcção, photographia, trabalho historia etc. Boleslasvky, o mesmo que dirigiu **Rasputin e a Imperatriz**, surprehendeu os criticos pela maneira habil intelligente, curiosa de tratar uma historia americana. Elle mostra angulos de camera, symbolos, detalhes que dão ao Film um sabor esplendido. Além disso, esta producção tem um movimento extraordinario, as scenas se succedem rapidas, prendendo a attenção da platéa que a ellas assiste deliciada. E que elenco notavel! Madge Evans, linda, admiravel, Alice Brady, novamente, uma elegante, futil, exagerada — mas que rouba o Film inteirinho para si, Phillips Holmes, Mae Robson, Eddie Nugent, que volta, num papel interessante e a que elle deu vida e muita realidade; Louise Carter, Hedda Hooper, Florine Mc Kinney, na sua maior chance e muito boa, Una Merkel, impagavel interessantissima e Charles Grapewin. Estréa neste Film um dos maiores artistas dos theatros de New York — Otto Gruger. A sua estréa é auspiciosa, pois elle provou ser de uma finura e de uma elegancia em representar que espanta para um noviço deante da camera. John Roche faz a sua reaparicão e Isabel Jewell, numa telephonista, esplendida. Ha de tudo neste Film, romance, drama, comedia em larga escala, sentimento e um desempenho homogeneo e perfeito. A Metro tem um Film que fará dinheiro, que agradará intensamente. Richard Boleslasvky conquista um tento, nos dando um Film bastante Cinematographico e Alice Brady renova o seu grande exito de **A Rival da Esposa.**

x x x

THE TORCE SINGER (Paramount) — Poucas artistas me agradam sempre e sempre como essa elegante, bonita e fascinante Claudette Colbert. Ainda não a vi num papel que ella não o tornasse digno de elogios. Ella possue tudo, belleza, um **charme** unico, uma voz que domina o seu publico, um sorriso e que olhos bonitos! Ella sabe ser comediante das mais finas, dramatica, voluvel, coquette. Neste seu novo papel, Claudette impressiona vivamente, interessando a platéa de principio a fim. E que lindas toilettes que ella usa! Que ambientes de um luxo unico! Não deixem de vel-a. Apreciem este Film, pois se trata de uma producção que tem o seu valor. Apparecem ainda Ricardo Cortez, David Manners, Charles Grapewin, a garotinha Cora Sue Collins, Lyda Roberti, num papel curto, mas muito bom; Albert Conti, Florence Roberts e Ethel Griffies. Direcção de George Somnes e Alexander Hall.

x x x

THREZ CORNERED MOON (Paramount) — Apromtem-se para rir, pois esta comedia da Paramount é, como dizem os annuncios dos nossos theatros — "uma fabrica de gargalhadas." A gente ri do principio ao fim, sem parar com as aventuras e as atribulações de uma familia de verdadeiros loucos — os Rimplegars, gente de Broklyn, e que são Mary Boland, Claudette Colbert Tom Brown, Billy Bakewell, Wallace Ford, Hardie Albright, um escriptor a cata de successo, Richard Arlen, um medico, apaixonado por Colbert e Lyda Roberti, a creada da familia, estupida como uma porta. Com estas artistas, Elliot Nugent dirigiu um dos melhores Films do anno, impagavel, divertido, um successo espantoso. Todos os criticos são unanimes em elogiar este Film, cuja carreira está assegurada não só aqui, como no estrangeiro. A vida dessa familia, suas loucuras, miserias e extravagancias serão comprehendidas por qualquer platéa. Ha situações de incrivel comicidade, principalmente pelo desempenho soberbo de Mary Boland. Reparem nella, Mery Boland (que trabalhou nos velhos Films silenciosos) volta a conquistar um logar de grande relevo nos **talkies**. Não deixem de ver, façam todos os sacrificios!

"Beauty for sale"

x x x

TOO MUCH HARMONY (Paramount) — Mais um Film musicado, com córos, bailados, numeros de de dansa e muita comedia, defendida habilmente por Jack Oakie e "Skeets" Gallagher. Dirigido por Eddie Sutherland e com um elenco onde encontramos os nomes de Judith Allen, Lilyan Tashman, Harry Green, Ned Sparks, Henry Armetta, Shirley Chambers, Sammy Cohen e Mrs. Evelyn Offield Oakie, mãe de Jack, que, no Film, interpreta o mesmo papel que representa na vida real. Bing Crosby é o astro do Film, cantando as suas canções com a sua habilidade usual.

x x x

BERKELEY SQUARE (Fox Film) — Jesse Lasky merece ser congratulado pela sua ousadia em lançar ao mundo um trabalho onde arte e belleza se dão as mãos. Os que atacam a industria do Film de Hollywood, taxando-a de commercializada em excesso, devem assistir a este Film, onde cada scena é um momento de delicadeza e subtil fantasia. O Film é dos que se podem incluir na classe dos poemas ou fantasia. Deixa tambem á imaginação do **fan** o trabalho de interpretal-o como bem o entender ou como melhor for capaz a sensibilidade de cada um. O seu dialogo tambem é parte importante — talvez importante em demasia para reclamar-se das platéas estrangeiras uma comprehensão mais apurada deste trabalho. Cada linha do dialogo é parte integrante da sua belleza — por isso não sei como receberão este Film os publicos estrangeiros. Mas, com legendas intelligentes e em numero consideravel, qualquer platéa poderá receber da historia de **Berkeley Square** sensações de verdadeira belleza. Leslie Howard, um grande artista, é o interprete principal. Ao seu lado, brilha uma figurinha — Healher Angel — Prestem attencção nesta nova estrella da Fox; ella tem talento. No resto do elenco estão: Beryl Mercer, Valerie Taylor, Irene Browne, Colin Keith-Johnston, Alan Mowbray, Juliette Compton, Ferdinand Gottschalk, e David Torrence. Direcção de Frank Lloyd, photographia soberba de Ernest Palmer. Scenario de Sonya Levien e John L. Balderston, baseado na peça theatral de John L. Balderston.

x x x

PADDY, THE NEXT BEST THING (Fox Film) — Janet Gaynor, sem Charles Farrell e com um novo director, numa historia que se parece com outras em que ella já tem apparecido, mas onde o seu talento e o seu esplendido bom humor apparecem em larga dóse. Vi este Film em preview, num Cinema daqui — cuja platéa calculada em dois milhares de pessoas, applaudiu com enthusiasmo delirante o desempenho dessa estrellinha cuja popularidade não diminue nunca. E como Warner Baxter está interessante, de uma naturalidade que torna o seu papel um dos melhores da sua carreira. O Film tem na sua historia, nas suas situações e no seu dialogo outras armas de valor para conquistar a platéa. A direcção de Harry Lachman, um dos novos directores da Fox, é muito boa. Harry dirigiu varios Films em Paris e em Londres, antes de vir para Hollywood onde iniciou um contracto com a Fox. O resto do elenco inclue Edward Connolly, Margaret Lindsay, Harvey Stephens, novo artista da Fox e que promette immenso, Claire Mc Dowell, de quem estavamos saudosos e outros Pódem esperar por mais este trabalho da encantadora Janet — ella vae agradar immenso, muito mesmo e a Fox terá com a sua estrella mais querida novo successo de bilheteria.

x x x

SATURDAY MILLIONS (Universal) — Chegou a temporada official de foot-ball americano e por isso os **fans** se preparam para assistir a mais um Film que narra uma historia semelhante a tantas outras já mostradas neste genero. Robert Young é o protagonista Johnny Mac Brown, não poderia deixar de comparecer e Leila Hyams enfeita muitas das scenas com a sua belleza e seu bonito sorriso. Ha o elemento comico defendido por Andy Devine e Mary Carlisle — que, realmente, enchem o Film de optimas situações. Grant Mitchell e Richard Tucker, Paul Porcasi, Mary Doran e Lucille Lund, vencedora de um concurso, tomam parte. Como novidade — o team de Robert Young perde o grande jogo! Edward Sedgwick dirigiu, voltando, assim, á Universal, depois de uma longa ausencia e, como sempre, offerecendo um optimo trabalho.

x x x

GOLDEN HARVEST (Paramount) — Depois de **State Fair**, os assumptos ruraes ficaram em moda. Este aqui, nos leva á região do middle-west americano, onde vivem os fazendeiros e plantadores de trigo. Focaliza, tambem, com grande habilidade os problemas que os **farmers** americanos enfrentaram e as medidas que o governo de Roosevelt realizou em favor delles. E' assim, para o publico yankee um Film de actualidade, que fére de perto problemas internos e que será capaz de prender a attenção das platéas nacionaes. Chester Morris tem um excellente papel, com uma scena notavel, quasi nos derradeiros momentos da historia. Richard Arlen, Burton Churchill, Genevieve Tobin, Julie Haydon, Rosco Ates e Elizabeth Patterson completam o elenco. Ralph Murphy dirigiu e o fez com pulso forte, intercalando scenas de romance, sentimento, a outras de comedia. Ha typos, detalhes e situações que são naturalissimos — coisa que o Film poude apresentar pois a companhia esteve por varias semanas em uma fazenda do interior americano, focalizando seus aspectos e incidentes.

x x x

CHARLIE'S CHAN GREATEST CASE (Fox Film) — O nosso velho conhecido Charlie Chan volta a decifrar um caso complicado, cheio de mysterio... e o faz com sua contumaz perspicacia e acrescentando maximas orientaes e piadas. Hamilton Mc Fadden dirigiu e obedeceram ás suas ordens um grande elenco, composto de Clara Balndick, Claude King, Gloria Roy e Cornelius Keefe. Heather Angel é a heroina. Warner Oland, novamente, usando o seu celebre **make-up** de chinez, chama todas as attencões para a sua pessoa

Com Leslie Howard em "Só para Senhoras", um dos seus Films inglezes.

OS leitores naturalmente nunca ouviram falar no nome de um cavalheiro de Hollywood que se chama Benn Thau. Nome exquisito que parece ter tido a sua origem no Egypto dos Pharaós... mas não é. Elle não entende de mumias e tem outra especialidade: é um descobridor de "estrellas".

Não tem a pretensão de offuscar a memoria de Thomas Ince, nunca pensou em descobrir "estrellas" mais elegantes do que as de Cecil B. De Mille... mas Benn Thau tem muito bom gosto! Elle tem trazido da Inglaterra as mais interessantes contribuições deste paiz para os Studios americanos. Foi elle quem descobriu Diana Wynyard e Benita Hume. E foi elle quem descobriu tambem a deliciosa Elizabeth Allan, aquella pequena tão mimosa que vimos fazendo o papel de "Caroline", a carinhosa filha de Lewis Stone em "O futuro é nosso".

Antes mesmo de descobrir estas revelações inglezas, Benn Thau já merecia a admiração dos "fans" pela protecção que deu à loira Karen Morley, conseguindo para ella aquelle papel tragico, tão lindo, que ella viveu tambem com Lewis Stone, na inspirada "Inspiração" que Clarence Brown dirigiu com Garbo e Montgomery.

Benn Thau portanto merece ser conhecido e antes que eu comece a falar na sua descoberta Elizabeth, fica aqui nestas linhas a minha gratidão em nome dos "fans"...

Elizabeth Allan estreou na America realizando uma proeza notavel: namorando o conhecido "Dr. Frankenstein" — Colin Clive — e mais feliz do que Mae Clarke, casando-se com elle...

Elizabeth é um encanto! E teve a sorte de ser bem tratada pela camera no seu primeiro Film americano, que mostrou lindamente a sua personalidade deliciosa num papel que deve er exactamente a copia do que esta graciosa inglezinha é pessoalmente, na vida real... Ella é uma das mais meigas artistazinhas do Cinema.

O typo da "midinette" que tem juizo, que resiste á tentação da seda e dos perfumes... garotinha seria, que não dá confiança ás promessas do Lee Tracy... Collegial levada, mas que é a mais meiga da escola e tambem a mais applicada! Só tem um defeito e isto mesmo apontado pela mamãe que tem ogerisa a animaes dentro de casa...

Elizabeth gosta muito de cachorro. Tanto quanto vimos na historia de "O futuro é nosso" e em Hollywood o seu "Barky", um "irish-terrier" merece de Elizabeth mais cuidado e carinho do que o que Walt Disney dedica ao "Plutão" dos seus desenhos animados...

Figurinha mimosa, de vivacidade invejavel, olhos azues e cabellos castanhos, Elizabeth Allan é filha da cidadezinha de Lincolnshire, onde nasceu num dia 9 de Abril.

Seu pae era medico e muito pequena ainda a familia mudou-se para Shegness, onde ella foi educada e formou-se como professora.

Certa vez a escola organisou uma festa e para attender aos alumnos, a joven professora representou numa peça de amadores.

Foi ahi que lhe surgiu a primeira "chance" para ingressar na vida artistica na pessoa de um agente theatral que costumava frequentar estes theatrinhos de amadores. Elle viu em Elizabeth personalidade para o palco e viu nas *nuances* da representação da professorinha uma linda promessa como actriz.

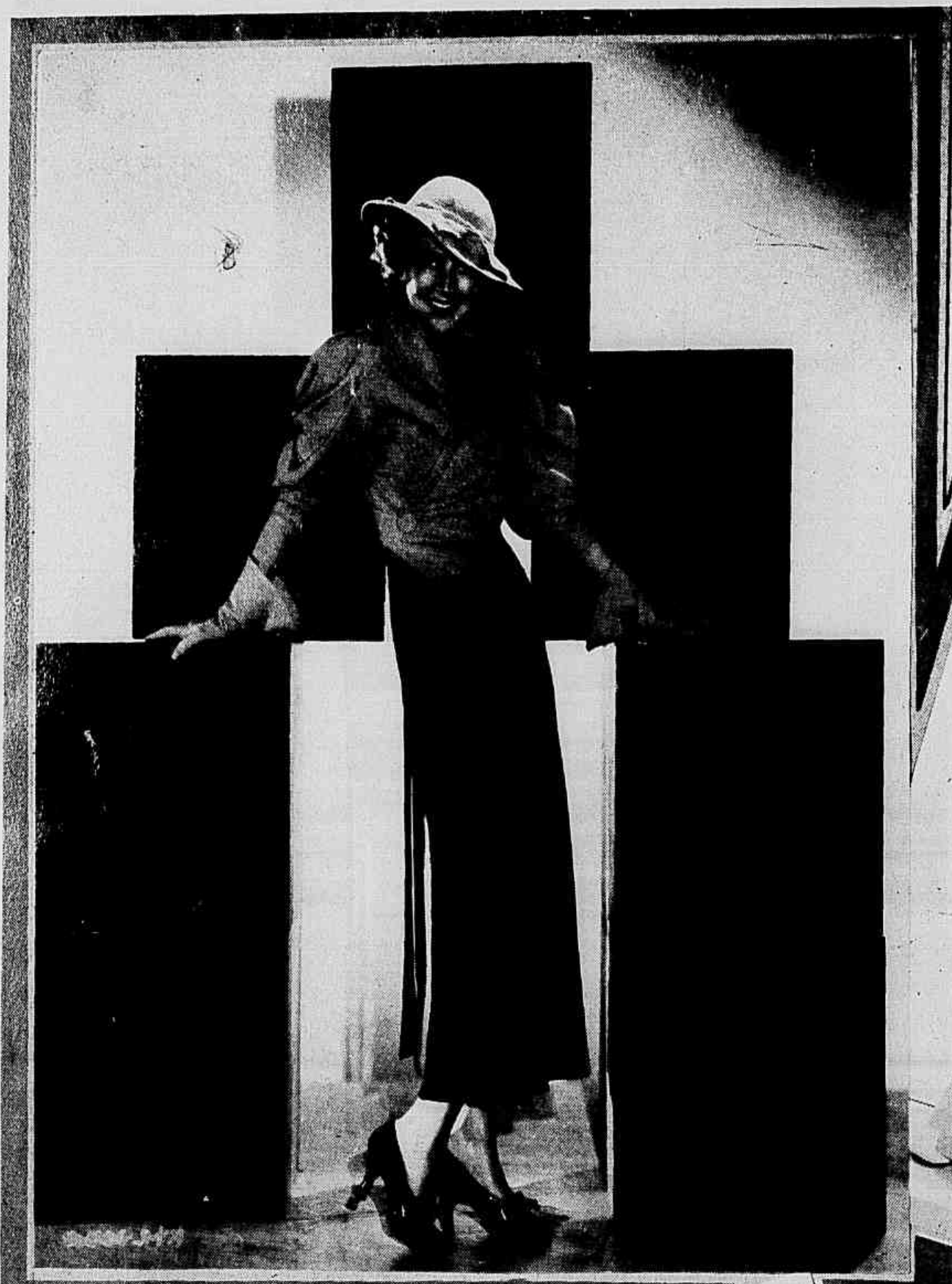
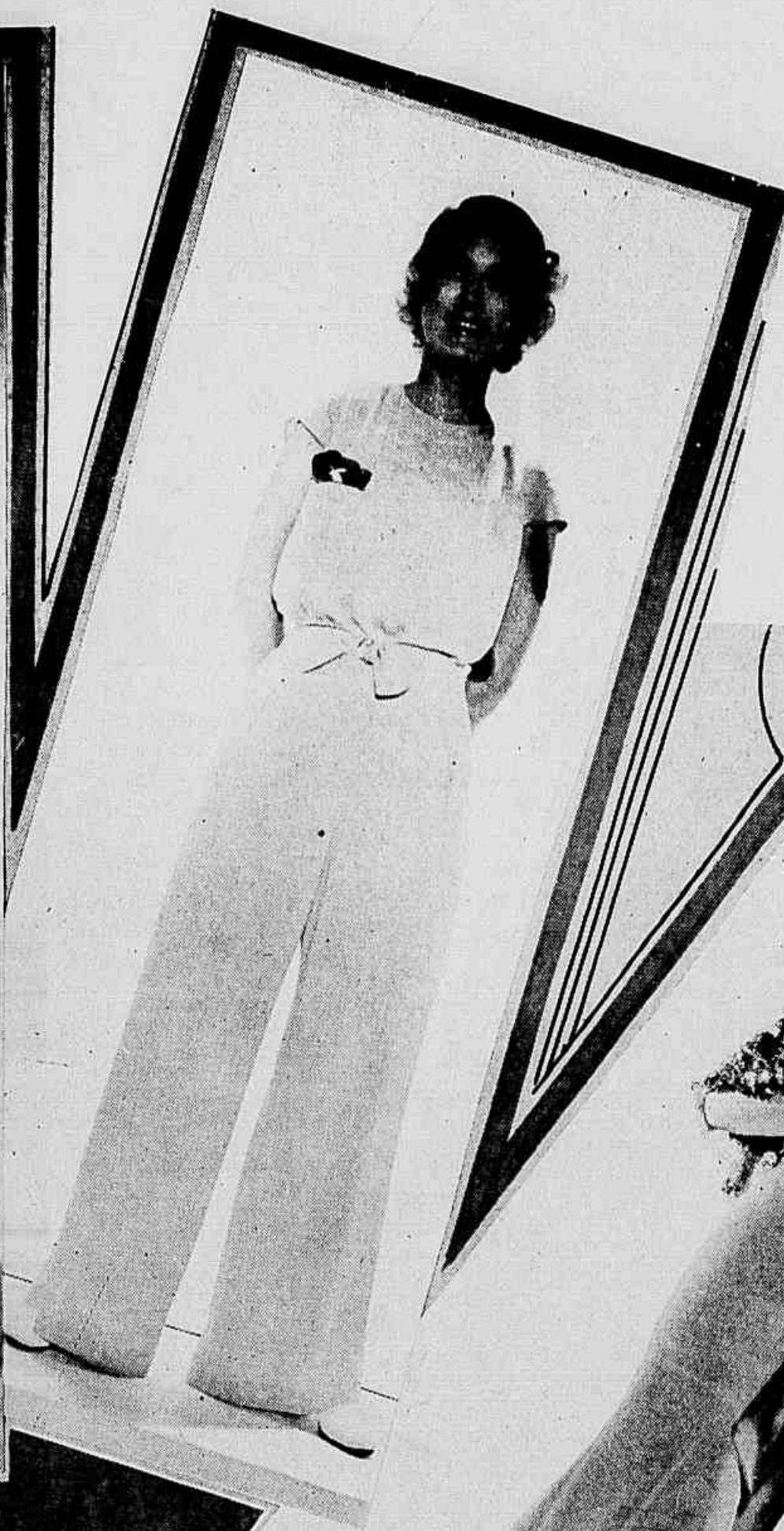
(*Termina no fim do numero*)

Em baixo: com o Doutor Frankenstein Clive em "O Futuro é Nosso".

ELIZABETH

Elissa Landi cada vez melhor...

"I Loved wednesday" que vae passar como "Amores novos". Victor Jory é um dos galãs.

FILM

O "ensemble" de Betty Furness é composto de uma casaquinha de algodão verde sobre vestido de crepe azul. Luvas e chapéo de algodão e sapatos de camurça azul.

SHIRLEY GREY

crepe azul claro e enfeites de metal prateado. Capa do mesmo material. A ultima moda!

BETTY FURNESS

TOBY WING

Toilette para dansa, de crepe marocain branco e preto

DOROTHY LEE

casaco de flanella branca.

OUROS E TRAPOS

(DON'T BET ON LOVE)

Bill Mc Caffery	Lew Ayres
Molly	Ginger Rogers
Goldie	Shirley Grey
Ruby	Merna Kennedy
Scotty	Tom Dugan
Caparillo	Henry Armetta

BILL CODY trabalha numa loja de ferragens, mas o seu ideal seria ser um importante "turfman"... As corridas de cavallo são a seducção de sua vida e a cousa na qual elle gasta todo o dinheiro do seu ordenado, com grande desespero do pae. Este já exgottou todos os recursos possiveis para impedir que o rapaz gaste os seus dollars nas patas dos cavallos e outro tanto a sua namorada, a loira Molly, a mais linda de todas as "manicuras" do mundo, nesta fita é logico...

Ha muito que Bill quer casar-se com ella, porém Ginger Rogers ainda não consentiu que elle marcasse a data para o casamento, mas agora ella prometteu-lhe que lhe dará o "sim" com a condição de que elle em vez de ir fazer apostas no prado, colloque o dinheiro no banco e assim que tiver uma certa quantia, ella concordará em escolher com Bill o dia da grande felicidade...

Desta vez Bill, fazendo um esforço supremo -- pois apostar em cavallos estava na massa do seu sangue... apesar do velho jámais ter comprado uma "poule", em toda a sua vida... – faz a vontade á sua pequena e realiza a entrega da primeira quantia ao banco, com grande alegria de Molly e principalmente do pae. Ambos, entretanto, não acreditaram que Bill, na proxima semana, fizesse o segundo deposito... e realmente assim aconteceu. A tentação de apostar em alguns palpites que elle ouve de algumas "autoridades" no assumpto, faz com que o rapaz jogue mais uma vez e o peor é que elle não só joga o dinheiro da semana, como tambem aquelle que já estava rendendo juros, retirando-o do banco...

Molly zanga-se e quer dizer-lhe que "tudo está terminado"... mas não tem coragem... Demais, Bill lhe jura que aquellas apostas serão definitivamente as ultimas...

Entretanto, quando os dois namorados vão escolher a data do casamento, surge uma nova briga entre elles, porque Molly discorda do local que Bill escolhe para passarem a lua de mel... Bill havia escolhido Saratoga e Molly sabe que neste local existe um prado famoso...

E a briga é séria mesmo, pois dias depois Bill embarca para aquella cidade, em companhia do seu amigo Scotty.

Em Saratoga, dentro em breve Bill torna-se um personagem importante, devido ao seu conhecimento de cavallos e palpites. E em vez de perder como acontecia na sua cidade natal, elle agora ganha sempre, protegido por uma sorte extraordinaria. Em breve Bill reune uma pequena fortuna. Elle escreve para Molly contando-lhe o progresso de sua vida; mas a carta é devolvida, sem mesmo ter sido aberta pela pequena. Escreve outras e não logra interessar Molly em abril-as...

Bill sente-se infeliz. Agora elle ama mais do que nunca a sua pequena, como geralmente acontece com todos os que se afastam de velhos amores, pensando esquecel-os com facilidade...

Nesse interim, surge na sua vida uma nova pequena, muito bonita que últimamente no Cinema vem trabalhando numa quantidade enorme de Films — Shirley Grey. Mas Shirley Grey, ou por outra — Glodie — não é uma pequena que mereça a attenção de pequeno millionario. Ella é, nada mais, nada menos, o que a verdadeira paixão de Bill foi em "Gold Diggers" — uma "cavadora de ouro"... E quem resistiria á seducção de Goldie...?

Pequena esperta como era natural, Goldie logo sabe que Bill possue aquelle maço de cartas devolvidas por Molly... e trata de tirar partido com ellas, não lhe sendo muito difficil tiral-as do joven turfman...

De volta a New York, Bill acha-se envolvido num processo que lhe é movido pela "gold-digger", já se sabe de que geito. O caso faz barulho e Molly que estava zangada com Bill mas não o desprezara de todo; vindo a saber do escandalo, fica mais furiosa do que nunca..

Mas Bill está disposto a ganhar a partida e com a ajuda de Scotty elle consegue, por meio de muita astucia, illudir a "cavadora" e rehaver as cartas.

Entrementes, Sheldon, um jogador de primeira em corridas, revela a Bill o seu plano para os seus cavallos ganharem. Bill pensando que tambem poderá usar esse plano, adquire a "Lady Lightning".

Sheldon que não esperava que Bill aproveitasse a sua revelação, por ignorar que o rapaz tivesse recursos para comprar um cavallo de raça, fica furioso quando sabe do facto e ameaça Bill de morte, caso o seu cavallo ganhe a corrida.

Mas "Lady Lightning" perde a corrida... e com isto Bill fica fallido.

Depois disto a sua vida vae de mal a peor.

Certo dia Scotty consegue trazer Molly ao prado. E ella que já perdoara a Bill lhe diz que o pae delle tambem lhe perdoou e deseja que elle volte a trabalhar na sua loja.

(Termina no fim do numero)

Bill gostava mais das corridas do que de Molly...

Shirley Grey vampirando...

Cinearte

FUNDADOR:
Dr. Mario Behring

DIRECTOR:
Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. — (Registradas) 1 anno 60$000, 6 mezes 30$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Trav. Ouvidor nº 34 — Telephones: Gerencia: 3-4422 — Redacção: 2-8073 — Rio de Janeiro.

Representante em Hollywood.
GILBERTO SOUTO.

Quem era Renée Adorée

(F I M)

Renée tanto pediu que afinal deixaram-na fazer um "test" e depois... ninguem mais duvidou de que ella pudesse ser chineza. Foi um dos seus trabalhos mais artisticos.

E' preciso tornar a falar de THE BIG PARADE...? E' preciso sim! Para dizer que ali Renée trabalhou á vontade, sem controle de King Vidor... elle lhe deu licença para isso e a querida artista viveu aquella "Melissande" como si fosse ella propria, sentindo-a como ella sabia que era uma verdadeira camponeza: amorosa, digna, muito feminina e aquella scena do film que mostra as pequenas presenciando os soldados no banho, symbolisa bem a mulher franceza e foi Renée que fez questão que fosse mostrada como o foi. Ali não havia a menor malicia. Renée dizia que a mulher franceza não é como se pensa...

Por causa dessa deferencia do director de "Felicidade prohibida" para com ella é que Renée o tinha como um dos dois unicos seus directores favoritos. O outro era Tod Browning e tambem dava-lhe liberdade de representar á vontade. Tod e King sabiam bem que especie de artista era Renée.

Na sua despedida ao Cinema, trabalhando como ella trabalhou, de maneira quasi incrivel, ella mostrou pela ultima vez que apezar de tudo, ainda era a artista de THE BIG PARADE.

Raquel Meller, quando visitou Hollywood, disse que Renée "tinha alma de uma verdadeira artista".

Renée ha de ser lembrada sempre nos studios pelos quaes passou. A sua alegria contagiava a todos que tinham a ventura de se approximarem della. O nosso director Adhemar Gonzaga que o diga...

Agora antes de terminarmos recordemos mais estes detalhes da sua vida particular: Em 1926 ella esteve noiva do compositor Rodolf Frim, o autor das musicas do "Rei Vagabundo" e da opereta "Rose Marie", que foi feita com Joan Crawford, mas a primeira escolhida fôra Renée. Esse noivado foi desfeito e em 1928 ella casou-se com Rene Gile.

O brilho dos olhos de Renée Adorée extinguiu-se cedo, aos trinta e um annos.

Renée Adorée viverá sempre no coração dos "fans" brasileiros que tanto a admiraram. E "Cinearte" não podia deixar de prestar-lhe esta pequena homenagem, procurando historiar a sua carreira no cinema. Ella não sabia o quanto nós a queriamos bem... nós amavamos Melissande... vamos sentir muita falta della agora...

Renée Adorée, adeus! — *P.*

SOM...

(F I M)

Mes rotatives
Arrivant
A l'empêcher
Ma fierté
C'est de donner
A chacun le droit d'aimer,
Sauf pourtant, car ell's sont trop,
D'aimer Mario!

QUERIDINHA DO CORAÇÃO (M. G. M.) — Imaginamos como Marion Davies está adoravel nesta encantadora historia da pequena irlandeza! E Marion canta 3 canções:

Sweetheart Darlin' (de Stothart)
I'll Remember (de Brown)
Hold Me (de Oppehein-Schuster)
Boots and Saddles (de Stothart) é cantado pelo grupo de camponezes.

I F 1 NÃO RESPONDE (Ufa) — Ahi vae a letra da canção de Gray-Zimmer que enfeita um dos mais fortes momentos do Film: *Chanson des matelots.*

Tout lá-bas... loin... plus loin que le phare,
Plus loin que la côte... quelque part...
Un petit toit bas,
Lá-bas.
C'est ma demeure...
A tribord, un quart d'heure en marchant
A travers les galets et les champs,
Tu verras au couchant
Fumer ma demeure...
Mes vieux sont lá-bas... la maman dit:
Ça fait plus d'un mois qu'il n'a pas écrit!
Et tous deux suivent d'un long regard,
Dans le soir, le feu tournant du phare...
Puis, en silence,
Mes deux vieux pensent
A moi...

MENTIRAS DA VIDA (M. G. M.) — O forte drama de O' Neil que Norma Shearer e Clark Gable interpretam, traz um acompanhamento musical em surdina. Ahi está elle:

Romance (de Rubinstein)
Nursery Rhymes (de Casini)
Promenade (de Rapee-Axt)
Tender Memories (idem)
There's Love in the Air (de Mc Hugh)
Lovable (de Woods)
Love You Funny Thing (Ahlert)
Love's Old Sweet Song (Molloy)

Os *fans* de Liane Haid poderão ouvil-a no disco Columbia n.º 5441-B onde ella canta as duas canções: *Diga-me quem você é* e *Tambem gosto de sonhar de amor.*

NARCISSUS — (M. G. M.) — Nova reunião da dupla Marie Dressler e Wallace Beery. O *score* musical é o seguinte:

Strike up the band (Ward)
On the Banks of Sacramento
Remember me (O Brien)
So at last it's come (Signorelli)
When the morning rolls around (Woods)
We're together again (Brown)
Till Tomorrow
Two Tickets to Georgia (Coots)
Hello Georgeous (Donaldson)
Dawn of Love (Axt)

O novo amor de Carlito

ANTES de terminar o anno, virá a lume mais outro Film de Chaplin, e, diga-se que não estamos falando por palpite, nem alimentando nenhum sonho vão. Chaplin volta á actividade. Quando em trabalho, o actor costuma enclausurar-se mas, desta vez, tem apparecido em sociedade, renovando relações antigas. Descobriu tambem uma nova forma de diversão, as viagens por mar. Quasi todos os fins de semana os passa elle a bordo do seu barco **Panacéa,** assim chamado porque Chaplin o considera uma especie de "cura para todas as doenças." O que significa que os passeios maritimos lhe têm sido de grande beneficio para a saude.

Charlie pensa até em ir aos mares do sul no seu hiate, mas é bem possivel que os trabalhos do Film não o deixem realizar esse projecto por ora. Têm corrido muitos boatos de que Chaplin e Paulette Goddard já estão casados e que duma hora para a outra se divorciarão. A historia do casamento, principalmente, espalhou-se por toda a parte, dizendo-se que a cerimonia se realizou em pleno oceano. Ha quem affirme, porém, não passar tudo duma fantasia. Chaplin e Paulette têm-na desmentido por diversas vezes ou respondido com evasivas. Os amigos mais intimos de ambos, que sabem tudo ou não sabem nada, não acreditam nella.

O casamento já não parece ser aventura em que Chaplin se metta, depois das duas infelizes experiencias que só lhe deram trabalhos e desgostos. Para o actor, a "princeza inattingivel" deve ter muito mais encanto que a companheira convencional, que a sociedade approva. Como disse, uma vez, um dos amigos mais chegados de Carlitos, "o matrimonio é uma prisão, cujas cadeias não lhe deixam um instante de liberdade, e a sua tendencia natural é para fugir delle. Comtudo, Chaplin poderia ser feliz ao lado duma esposa, se não fosse o inconveniente de ter que aturar os parentes della." Em summa, o casamento em si, pode-se dizer que não é máo, mas implica em obrigações e deveres, que não são nada agradaveis.

E se ha uma pessoa que, pelo menos na apparencia, tenha livrado Chaplin de tudo isso essa pessoa é Paulette Goddard. E' uma companheira ideal, deliciosa, jovial, buliçosa, sempre prompta a ouvir Chaplin, a conversar com elle, a acompanhal-o para toda a parte, ao sabor da fantasia do artista. E note-se que a fantasia de Carlitos não é pequena.

Mas o casal tem sido visto tambem em logares que Chaplin noutros tempos não frequentava, como, por exemplo, nas "premières" das peças mais interessantes. Chaplin e Paulette merendam, e ás vezes, jantam, no Brown Derby, no Levy's e noutros cafés conhecidos de Hollywood. Dansam no Cocoanut Grove. O artista até compras tem feito em companhia de Paulette. Isso quer dizer que ambos estão a fazer o que muita gente de Hollywood faz, signal de que se divertem. E se Chaplin se diverte é porque tem razões para isso, na pessoa duma linda creatura, que o acompanha com prazer.

Paulette é um mysterio para Hollywood, mas, segundo informações fidedignas, está agora com vinte e dois annos, nasceu num suburbio de New York e divorciou-se o anno passado de Edgar James Goddard, ricaço de North Carolina. Dizem que é muita rica. Começou no theatro aos quinze annos, contractada pelo fallecido Florenz Zieffield como corista de "Rio Rita", e entrou para o Cinema como "leading-lady" das comedias de Hall Roach.

Com Paulette a seu lado, Chaplin deixou de ser "o homem solitario", mesmo porque já não lhe é possivel manter essa attitute, por haver adquirido uma vasta roda de relações.

Noutros tempos, o artista costumava parar pensativamente deante de vitrinas, quando descia á meia noite o Boulevard, a recordar talvez os dias attribulados da sua infancia de miseria. Muitas vezes se misturava com a turba, pobremente vestido, a observar aquelles motivos humanos, que, depois, transformava em gargalhadas, onde havia um estranho fundo de tristeza. Doutras occasiões, apparecia quasi de surpresa em publico, ao lado de Mildred Harris Chaplin ou de Lita Grey Chaplin, conforme a epoca de vida matrimonial com uma ou outra. Depois, havia momentos em que só era visto em companhia dos seus collegas das comedias, só homens, como, por exemplo Harry d'Arrast, Harry Crocker, Carlyle Robinson, Monta Bell, seu irmão Syd e outros nos quaes parecia confiar.

Os annos passaram e Chaplin conservou quasi todas essas amisades, mas teve bastantes desillusões. Não gosta de ser explorado, mas tem encontrado muita gente que se ha aproveitado da amisade delle, ou mesmo dum simples contacto de alguns dias, para lhe trabalhar o espirito, afim de o convencer da venda de certas preciosidades antigas que Chaplin possue, ou para lhe impingir argumentos — coisa que o artista nunca compra. Chaplin tem sido perseguido por toda a especie de aproveitadores.

E' então de admirar que se tenha isolado do mundo? Que se tenha tornado cada vez mais inaccessivel? Que se haja mostrado taciturno e arredio, apesar de dar provas, de vez em quando, de estranhos rasgos de orgulho, que se poderiam confundir com os impulsos duma vaidade vulgar? (Em certa occasião, Chaplin recusou-se a receber um escriptor por pretender o homem mistural-o com outros numa chronica, em vez de lhe dedicar um artigo em separado).

Chaplin acabou por se tornar um personagem errante. Era difficilimo uma pessoa approximar-se delle ou comprehendel-o. Para lhe falar, era necessario apparecer-lhe de surpresa. Chaplin não marcava entrevistas com ninguem, ou, quando as marcava, não cumpria o promettido, salvo em circumstancias especialissimas. As formalidades sociaes e as exigencias do protocollo mundano causavam-lhe horror. Só perdia tempo com os companheiros de trabalho, Douglas Fairbanks, Mary Pickford e poucos mais, considerados amigos do peito. Era um perfeito misanthropo.

O Chaplin de hoje, não se pode dizer que tenha mudado de habitos, mas abrandou-os. Tem agora um maior e o mais humano interesse pelas coisas que o rodeiam. Acima de tudo, **gosa** a vida, com nova exuberancia. E' como o velho Chaplin. Talvez a sua viagem pelo mundo tenha concorrido um pouco para isso, pois Chaplin divertiu-se, tanto assim que se sentiu tentado a escrever uma serie de artigos a esse respeito. Mas o verdadeiro começo foi durante os alegres dias do verão do anno passado, quando a belleza invadiu Hollywood, uma invasão como a cidade nunca vira. Foi durante a Filmação de "O meu boi morreu" de Eddie Cantor, quando os admiradores dos encantos femininos correram a galope para o Studio da United Artists, entre elles, muito sorrateira e silenciosamente, o proprio Chaplin.

Paulette Goddard, naturalmente, fazia parte do elenco. Ouvi apregoarem-lhe o nome logo no primeiro dia. A sua belleza e fascinação deram immediatamente

(Termina no fim do numero)

Os Artistas Que

Lew Ayres

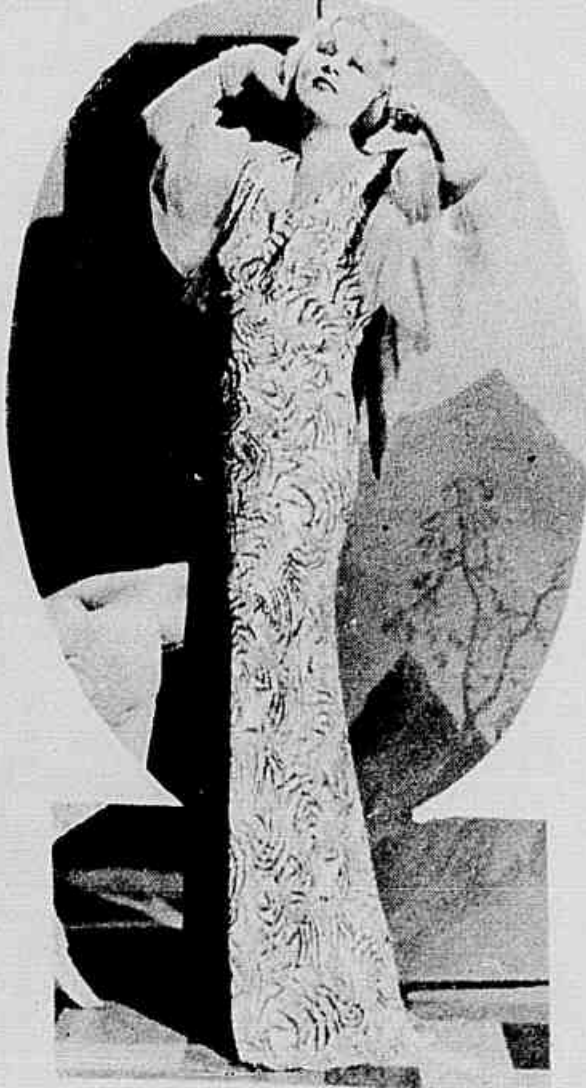
E assim que a coisa, mais ou menos, se passa: Pedro Perfil recebe uma copia do argumento da nova producção em que vae tomar parte. Lê a historia attentamente e verifica, com raiva, que o papel que lhe cabe, por esta ou aquella razão, não lhe serve. Fica furioso e quasi lhe dá uma crise de nervos. Depois, serenando um pouco, precipita-se para o escriptorio da companhia, onde esbarra com uma porção de "supervisores", berrando, possesso:

— Esta porcaria deste papel não é o meu genero, ouviram? Não estou disposto a representar pachuchadas! O meu publico...

E assim por deante, até Pedro observar que o chefe não lhe está prestando a devida attenção. O artista como que adivinha então o que o grande homem lhe vae dizer em resposta.

— Muito bem, Pedro, diz o chefe. Pensavamos que o papel se adaptava ao teu typo e que o publico ia dar pinotes de contente com o teu trabalho. Mas agora vemos que não. Não faz mal. Daremos o Film ao joven David Lindeza.

Mae West

E Pedro Perfil, sabendo bem que Lindeza tem todas as qualidades (excepto a sorte) que o tornaram famoso na téla, começa a achar que o papel não é assim tão ruim como lhe parecia.

Doutras vezes, porém, succede que o artista não quer dar o braço a torcer. Tem a coragem ou a burrice de não transigir.

Exclama:

— Pois então dêem o papel ao David, façam-no "estrella" logo duma vez!

Mas isso é raro, porque, na maioria dos casos, o joven David, representando o papel que devia caber ao "estrello", alcança enorme successo, abarrotando as bilheterias e creando Nome. Na verdade, hoje mais do que nunca, o que o publico quer é ver caras novas.

Kent Douglass

O caso mais recente é o de Jack La Rue. Jack andava obscuramente por Hollywood, sem haver despertado attenção com as "pontas" que conseguira fazer em alguns Films. Apparecia quasi sempre na pelle desses malandrões morenos, que se approximam do heroe, de mãos nos bolsos, para lhe aconselharem, em tom de mofa, a ser "bom rapaz". Naturalmente, Jack é um actor competente. Entre os muitos papeis que representou no theatro figura o do admirador estrangeiro de Mae West em "Diamond Lil", a peça que, depois, foi no Cinema a phenomenal "Uma loura para tres". Em Hollywood, porém, ha muitos jovens actores competentes, que só occasionalmente conseguem apparecer num Film. Surgiu então George Raft.

George subiu no Cinema da noite para o dia. Dum pequeno papel em "Scarface", guindou-se a uma daquellas posições, que fazem os productores segredar aos directores que distribuem os papeis: "Vê se o tratas com cuidado". O studio viu logo sagazmente que tinha um grande nome a explorar, e, assim, tratou de segurar a sua propriedade contra accidentes, alugando os serviços dum rapaz, cuja semelhança com Raft alguem notou de repente. Esse rapaz chamava-se Jack La Rue.

Depois, succedeu o que sempre succede. George começou a exigir augmento de salario. Principiou a torcer o nariz aos papeis de "gangster" que sempre lhe davam. Dizia preferir fazer "personal appearances" a ter que representar papeis eguaes ao que lhe offereceram, por exemplo, em "Levada á força" (The Story of Temple Drake) — o terrivel assassino Trigger. Porque o seu publico...

William Powell

— Muito bem! exclamou o studio. Não farás esse Film. Temos ahi o joven Jack La Rue, que é muito parecido comtigo e que ficará contentissimo quando lhe perguntarmos se quer fazer o papel. Hoje em dia, quando um actor tem qualidades não precisa senão duma coisa para crear nome: opportunidade!

Mas George não arredou pé. Em vez do Film, preferiu fazer a **personal appearance.** Foi assim que Jack La Rue se viu incumbido de representar na tela aquelle typo que tanto mal fazia a Miriam Hopkins. "The Story of Temple Drake" foi Filmada e o resto o leitor já sabe. Jack obteve tamanho triumpho no papel, que a Paramount tem agora **dois** bellos galãs morenos, que podem fazer exactamente o mesmo genero de Films. São rivaes um do outro e a companhia já não receia aborrecimentos...

CARY, A AMEAÇA DE GARY

A opportunidade de Archie Leach só veio, quando Gary Cooper se começou a tornar "difficil de aturar". Archie é um joven e elegante inglez, que andou pelo theatro musicado, até se resolver a dar um passeio de automovel pelo paiz. Chegando a Hollywood, foi descoberto por um executivo, que o achou parecido com Gary Cooper. Contractaram-no logo, mudaram-lhe o nome para Cary Grant e deram-lhe uma serie de papeis do mesmo genero dos de Cooper. Um dia, finalmente, Cary substituiu Gary, no momento preso á M.G.M., fazendo o papel que a Cooper cabia em "Dragões da morte". E tão bem se desempenhou, que o fizeram "astro".

A Warner Brothers tambem tem tido sorte em arranjar rivaes dos grandes nomes.

Robert Montgomery

Warren William

Quando William Powell se recusou terminantemente a fazer "Pela mão de sua dama", entregaram calmamente o papel a Warren William. O mesmo succedeu, quando Powell repelliu "Surpresas convencionaes". Foi substituido por Warren. Estes dois exemplos provam mais uma vez que um actor nem sempre é bom juiz de peças, pois tanto "The Mouthpiece" como "The Dark Horse" alcançaram grande successo. Foram exitos que teriam, talvez, melhorado a cotação de Powell, não muito boa no momento, exitos que fizeram logo Warren rival de Powell.

Talvez Powell tenha achado não dever temer concurrencia no seu genero de papeis. Durante a sua ultima phase na Paramount, annulou a ameaça de Paul Lukas, sem grande difficuldade. Mas, desta vez, o caso muda de figura. Warren tem-lhe feito sombra e é um rival muito serio.

Lew Ayres, que passou um anno bastante socegado, está a pique de deixar a Universal.

— A companhia nunca soube o que fazer commigo, diz o actor. Nunca me soube aproveitar.

Emquanto a Universal o experimentava em differentes typos de papeis, Ayres nunca andou contente. Sentia bem que os Films que lhe davam não lhe convinham e, por espaço de algum tempo, ninguem poude com elle no studio. Foi quando a Universal fez todo o possivel por contractar os serviços de Kent Douglass. Este provara em "Ponte de Waterloo" e em "Casa da discordia" que estava perfeitamente apto a desempenhar o mesmo papel sympathico que consagrara

Robert Young

AMEAÇAM OS ASTROS

Ayres em "Sem novidade no front". Kent, porém, não gostando do Cinema, deu um pontapé nas immensas vantagens que lhe offereceram, preferindo voltar ao theatro e deixando assim de constituir ameaça para Ayres. Mas agora elle voltou ao Cinema em "Little Women".

Robert Montgomery póde talvez considerar-se tranquillo. Aquelle outro alto e bello Robert, de sobrenome Young, não tem recebido grandes favores do studio. Mas desempenhou-se cabalmente em "O meu boi morreu" e "Vivamos hoje!" e, além de ser tão insinuante como Montgomery, está a adquirir rapidamente o antigo aprumo do xará e aquella mesma elegancia. Um dia, terá a sua opportunidade e então...

Na Metro, temos tambem Franchot Tone, que alterna, imaginem com quem! Com Clark Gable! Em "Vivamos hoje!" e "O despertar de uma Nação", Franchot tão bem se sahiu, que, havendo uma desintelligencia, o puzeram no logar de Clark em "Felicidade prohibida", com Miriam Hopkins. Gable tem feito muitos banzés no studio, e, sem duvida alguma, os homens da direcção vêem, com grande allivio, o despontar dum novo "astro", que póde substituir perfeitamente o turbulento actor. Mas é bom avisar! Esse rapaz, o Tone, descende do grande patriota irlandez Wolfe Tone e tambem não é homem que se sujeite a representar papeis de que não gosta!

A Fox não tem tido muita sorte com os "astros substituidos". Charles Morton não provou como um segundo Farrel, e Arthur Peirson nunca tirou o somno a James Dunn. Mesmo porque tirar o somno a James Dunn é difficil. Só duas coisas o aborreciam: não haver mulheres no mundo, nem clubs nocturnos.

AS RIVAES DA GARBO

Embora o studio nunca fizesse nenhuma tentativa nesse sentido, não ha actriz no Cinema que tenha sido mais "ameaçada" por collegas rivaes do que Greta Garbo. Mas nenhuma lhe chegou a fazer sombra, nem mesmo a "garbosa" Dietrich, nem mesmo Elissa Landi. E outros nomes nos acodem á memoria. Tala Birell, Gwill André, Lil Dagover... Esperanças que se foram por agua abaixo... Fala-se agora em Mae West, como terrivel competidora da Garbo. Mae tem de facto personalidade differente de todas as outras. Veremos!

Interessante é que as "ameaças", por sua vez, tambem têm as suas "ameaças". A ingleza Patricia Nathan, por exemplo, quando foi importada com o nome de Sari Maritza e sotaque viennense, teve quem a chamasse de "segunda Dietrich"!

Maritza póde ser demasiado joven para ameaçar o logar de Marlene, mas não é mais joven que a pequena que deu preoccupações a Ann Harding na RKO. Não é verdade que Julie Haydon se parece com Ann de modo surprehendente? Em "The Conquerors", Julie fez de filha de Ann e qual executivo deixaria de reparar no facto de que a joven, sendo uma promettedora actrizinha de alguns "dollars" por semana, era quasi a duplicata da outra, que recebia uma fortuna?

Com as finanças abaladas e vendo fugir o publico dos Cinemas, os fazedores de pelliculas têm que lançar mão de todos os recursos para combater o que chamam as absurdas e malcreadas exigencias dos artistas. A idéa dos "substitutos" parece ser a mais efficaz, uma vez que, dispondo de "material" conveniente, o studio póde crear rapidamente um novo "astro" pelo modelo que o publico já approvou.

O proprio "rato" Mickey não está seguro! Se o Mick e mais a cara metade começarem de repente a fazer fosquinhas e a falarem no "seu publico", o esperto Mr. Walt Disney, gerente delles, pode taparlhes a bocca com o facto de os exhibidores dizerem que a serie das suas "Symphonias" tem tanta acceitação como as historias do "Rato"!

Em summa, outro problema acaba de surgir para amofinar ainda mais um grupo de pessoas que toda a gente inveja, mas que têm já a apoquental-as uma infinidade de preoccupações: despesas muito grandes, córtes no salario, symptomas de diminuição de popularidade, a edade sempre a augmentar, etc. Não invejem os artistas de Cinema! Não vale a pena. Elles tambem soffrem!

Ao contrario do que se esperava, não será Gaby Morlay a interprete de **Voleur,** de Bernstein, que Maurice Tourneur dirige para Vandal-Delac. Madeleine Renaud substitue Gaby mas o galã é, fatalmente, Victor Francen...

Gary Cooper

Lolita Benavente, a dansarina que vimos ha pouco em **Espera-me, coração!** é a "estrella" de **Grand Bluff** da G.F.A. Pierre Etchparre tem um papel assim como a encantadora Florelle...

George Raft

Jack La Rue

Mireille, o poema de Mistral, está sendo Filmado. Mireille Lury é a interprete.

Meg Lemonnier é a interprete da versão franceza de **Georges et Georgette,** da Ufa.

Herbert Marshall e Madeleine Carroll estão ao lado de Conrad Veidt no Film da Gaumont-British: **I Was a Spy.**

Marlene

Gwilli André

Jack Buchanan é o galã do Film inglez: **That's A Good Girl** dirigido por Herbert Wilcox.

A 20 de Setembro passado, Marlene Dietrich deixou Paris e declarou aos jornalistas: "Levo de minha estadia em França a mais deliciosa lembrança. Adoro Paris, Versailles e a **Côte d'Azur.** Passei ahi dias inesqueciveis...

Não é exacto que eu vá apparecer no palco na peça de Max Reinhardt **La Chauve - Souris**... Já de ha muito, Sternberg decidiu confiar-me o papel de **Catharina, a grande.** E elle chama-me de Hollywood afim de começar o Film.

Se voltarei a Paris? E' o meu maior desejo... e o mais breve possivel...

Cary Grant

E a **Venus loura** não embarcou em **traje unico.** Bem ao contrario, trazia uma encantadora e feminina **toilette** de Lanvin...

Victor Boucher fez as pazes com o Cinema e vae voltar no Film **Le Sexe faible** da Nero Film. Ao seu lado estão Betty Stockfeld, Jeanne Cheirel, Nadine Picard, Marguerite Moreno e outros.

Jacqueline Francell, antes de embarcar para os Estados Unidos afim de ser a pequena de Chevalier no seu proximo Film, foi a "estrella" de **Tout pour rien** da Pathé Nathan.

Henny Porten ainda trabalha! Está em **Mere et enfant** da N.D.L. de Berlim.

PERGUNTAS INDISCRETAS A LILIAN HARVEY

(FIM)

— Como consegue comer tres sobremesas e toda a especie de doces, sem augmentar de peso?

— E' a minha energia nervosa que dá cabo das calorias. Como doces e pasteis, justamente para engordar um pouco, mas não me adeanta nada. Quer dizer: se não os comesse, era bem capaz de ir minguando, minguando, até desapparecer inteiramente da ordem das coisas...

— Os americanos namoram com a mesma sciencia dos europeus?

— Não sei porque estou aqui ha pouco tempo. Talvez ao fim dum anno lhe possa responder. Que acha?

— Qual é a sua opinião a respeito de Janet Gaynor? Considera-se rival della?

— A minha opinião é que Janet é deliciosa, encantadora, linda. Quanto á historia de sermos rivaes, não a posso levar a serio, porque eu e Janet somos duas actrizes de typo muito differente. Quando vinha a caminho de Hollywood, preveniram-me que Janet talvez entendesse de me considerar intrusa. Tambem me disseram que as mulheres americanas em questões de negocios são impiedosas e crueis. Foi por isso, que quando me apresentaram Janet, me sentia muito nervosa, mas logo Miss Gaynor me poz á vontade com o seu encanto simples e a sua graça desaffectada.

— Você é estouvada?

— Sou. Gosto de fazer o que os homens fazem. Agradam-me todos os sportes ao ar livre. Gosto de escalar alturas, de correr, de nadar. Detesto os chás, as partidas de bridge e outras modalidades das diversões femininas.

— Em que está empregando o seu salario?

— Principalmente em brilhantes. Além de gostar delles, é um dinheiro muito bem empregado e garantido. Os diamantes vendem-se a qualquer hora...

— Quaes são as mulheres mais livres e independentes, as da Europa ou as da America?

— As da America longe! As mulheres européas seguem ainda velhos costumes. Não fazem viagens longas sózinhas. As casadas não apparecem em publico com outros homens senão com os maridos. As filhas obedecem aos paes. O divorcio é quasi uma novidade ali.

— A quantos governos paga impostos sobre a renda?

— Este anno tenho que pagar taxas a quatro: Estados Unidos, Inglaterra, Allemanha e França. Naturalmente tenho tudo muito bem dividido, de modo que não pagarei mais aos quatro do que ordinariamente pagaria a um só governo.

— E' verdade que costuma dar alcunhas aos conhecidos?

— Tenho o costume de formar impressões immediatas sobre as pessoas que vou conhecendo e invento nomes para exprimir essas impressões. Chamo Gary Cooper de "Compridão Bonito", Maurice Chevalier é o meu "Vizinho encantado", pois os nossos castellos na França são perto um do outro. Gene Scott é o "rapaz louro que não é louro". Um director casado e um desenhista, que conheci na Europa e que ás vezes jantam commigo, são os "dois inoffensivos".

— E' verdade que Wilhelm Fritsch talvez venha para a America?

— Talvez. Já com esse fito, Wilhelm está disposto a não renovar o contracto, que termina no proximo outomno.

— Dizem que v. gosta da velocidade. Quaes são as velocidades maiores que tem experimentado?

— Já dirigi um automovel a uma velocidade superior a cento e vinte milhas por hora. Já viajei num automovel a cento e quarenta milhas. Já voei num avião a trezentas milhas. Cento e vinte milhas na terra parecem velocidade muito maior que trezentas milhas no ar.

— Gosta dos entrevistadores e jornalistas americanos?

— Muito! Elles são tão finos, tão espertos! Um entrevistador americano tem sempre um repertorio de truques dos mais engenhosos e eu gosto muito de exercitar a intelligencia com alguem, embora geralmente os jornalistas me vençam nesse jogo de perguntas e respostas.

VENDO O MUNDO ATRAVÉS DE OCULOS SEM VIDROS

(F I M)

"Adaptação e re-adaptação eis as lições que temos de aprender. Se nos recusarmos, seremos obrigados a mettel-as na cabeça pelos mais severos e terriveis mestres que temos conhecido. Seja qual fôr a explosão a dar-se entre o velho e o novo será uma coisa differente.

"No todo, porém, sou decidido optimista. Tudo correrá ás mil maravilhas. Mais do que qualquer outra razão, temos ao leme do barco um homem que nos conduzirá com toda a segurança para o porto da salvação".

O MALHO apparece todas as quintas-feiras e a proxima quinta-feira é amanhã... Logo... não se esqueça de adquirir um exemplar, onde encontrá o melhor passatempo para as horas de lazer. O MALHO é o primeiro magazine do Brasil.

Elizabeth

(FIM)

Quando terminou o espectaculo o agente fazia o convite para ella trabalhar numa peça em Londres. E Elizabeth ficou tão contente que acceitou incontinente a offerta, sem mesmo reflectir que o "yess" com que acceitava a proposta talvez influisse na sua reputação, por força do eterno preconceito...

Mas ella não ligou á este e teve a felicidade de vêr a sua resolução approvada pelos paes.

Foi assim que a escola de Skegness perdeu a sua professora e Elizabeth partiu para Londres, onde estreou, logo depois, numa peça ao lado de Herbert Marshall, o "Gaston Monescu" de "Ladrão de alcôva".

Foi tão grande o successo de Elizabeth na peça da estréa que o contracto foi renovado e ella representou em muitas outras.

Elizabeth é casada e veiu com o seu marido para Hollywood. Por falar nisso conta-se que ao chegar a New York, no momento em que teve de preencher a ficha da immigração, as autoridades lhe perguntaram a profissão artistica:

— Miss Allan — estrella do Cinema Inglez?...

— Figurante apenas... — respondeu Elizabeth, na sua modestia caracteristica.

Elizabeth é muito amiga de Benita Hume. Quando representaram juntas em "O futuro é nosso", todas as vezes que sahiam de scena, nos intervallos, continuavam "representando" os papeis da historia, mas Elizabeth não podia manter a physionomia seria, accusando Benita de trahir Lewis Stone e as duas terminavam dando uma grande gargalhada... Lewis Stone, presenciava essa brincadeira com aquelle seu sorriso caracteristico de calma quando está em scenas de Film, á espera de alguem... e Lionel Barrymore completava as gargalhadas de Benita e Elizabeth com uma daquellas suas.

Diana Wynyard tambem é grande amiga de Elizabeth e outra das suas maiores amizades é Heather Tratcher aquella ingleza de monoculo em "Conquistador irresistivel" de Robert Montgomery.

Dos seus films inglezes, entre outros, figuram "Alibi", "The Rosary" e "Só para Senhoras", com Leslie Howard e Benita, que a Paramount vae nos mostrar muito breve.

Falando em "Só para senhoras" reme referi á este Film no artigo de Benita, dizendo que elle era "A Duqueza e o Garçon". "Reserved for Ladies" é "Garçon galante" que Menjou fez com a então sua esposa Kathryn Carver, engano este meu muito natural porque ambos os Films tratavam de um garçon...

Nos Estados Unidos, depois de "O futuro é nosso" Elizabeth foi emprestada a Fox e por esta designada para o Film "Shanghai Madness", com Spencer Tracy. Mas Elizabeth recusou interpretar esse papel e foi substituida por Mimi Jordan que tambem acabou recusando e afinal quem o fez foi Fay Wray.

Solicitada pela RKO, Elizabeth teve o seu segundo Film americano ao lado de Richard Dix em "No Marriage Ties", uma historia de jornalismo sob um aspecto novo, onde ella faz uma artista apaixonada por Richard, que está compromettido com Doris Kenyon...

Depois fez, de novo com Richard Dix, para a mesma RKO — "Ace of Aces" — uma historia de guerra genero "Lição ao mundo", no qual Richard vive um caracter que tem pontos de contacto com o que Phillips Holmes interpretou naquelle Film de Diana Wynyard. Elizabeth está linda neste Film!

De volta ao Studio de Culver City, Elizabeth trabalhou em "Solitaire Man", com Herbert Marshall e Lionel Atwill faz mais um ladrão internacional.

E assim Elizabeth trabalhou no Cinema com o artista com quem trabalhara na sua estréa no palco. Pena é que o papel da inglezinha seja pequeno neste Film.

Elizabeth Allan é mais uma inglezinha que contraria a tradicional... tradição ingleza: ella prova que Londres não se resume na Abbadia de Wenstminster, torre de Londres, o Trafalgar Square, o Hyde Park ou até mesmo o aristocratico Piccadily. A Inglaterra tambem tem maravilhas como Elizabeth Allan e os Films que ella fez em sua patria, por peores que fossem, sempre seriam uma delicia por causa da sua figurinha delicada e meiga.

Eu agora corro os olhos nas paginas das revistas que se referem á inglezas que Hollywood attrahe... ou puxa!

Passando em revista a colonia ingleza mais recentemente installada em Hollywood, veremos que existe nella uma serie de pequenas interessantissimas que ainda irão longe no Cinema... Naquelle Film de Elizabeth — "O futuro é nosso" — mesmo, havia outra inglezinha linda — Viva Tattershall. Era aquella filha de Lionel Barrymore... repararam no seu typo? Ursula Jeans, a dansarina de "Cavalcade" não foi um dos maiores encantos da obra prima de Franck Lloyd?...

Elizabeth Allan é assim uma especie de figurinha de Noel Coward de "Vidas particulares" numa peça theatral em que elle imaginasse uma ingenua com a delicadeza de King Vidor. Eu não acreditava mais em ingenuas. A ingenua é sempre a June Clyde que inveja Irene Dunne e no fim da historia é mais ousada do que esta ultima... Mas Elizabeth fez-me acreditar. Ella é uma menina-mulher vestida com innocencia real, sem exaggeros, como nos mostrou tão bem naquella scena de "O futuro é nosso" em que mostra as suas pernas admiraveis a Colin Clive, sem intenção maliciosa, com a naturalidade de todas as cousas.

Nas suas primeiras photographias, Elizabeth deu-nos a impressão de ser feiasinha, mas nos enganamos: ella é encantadora e a sua voz com o sotaque caracteristico da loira Albion, empresta-lhe ainda mais personalidade.

Em "Só para senhoras" vamos vel-a novamente trabalhando ao lado da sua amiguinha Benita Hume e teremos occasião de verificar o quanto ellas lucraram trocando o "make-up" dos Studios londrinos pelo dos de Hollywood.

Elizabeth, como Benita é de uma gentileza captivante para com os fans que lhe escrevem. Ninguem fica sem resposta, isto é, sem ser attendido no pedido.

Ella tem um adoravel narizinho, petulante... lembrando o de Norma Talmadge, Alice Brady, Alice Lake, Gloria Swanson e outras artistas queridas e numa scena de "No Marriage Ties" está muito parecida com Nancy Carroll... differente, radiante de formosura!

E' muito quiétinha mas quando tira uma photographia de pernas á mostra, o que acontece raramente, é uma verdadeira fascinação.

Eis ahi alguma cousa desta inglezinha maravilhosa que se chama Elizabeth Allan... — **P.**

SEGREDOS DE BELEZA

Beleza e saude andam sempre juntas, porquanto uma é base da outra. Um bonito corpo é raro; um corpo que se torna bonito pelo uso da gimnastica, de exercicios fisicos, é commum hoje em dia, nos paizes de alta civilização. No entanto, um professor de ginastica tem a mesma responsabilidade do medico: se este emprega determinada receita para cada especie de molestia, aquele deve estudar a fórma de cada corpo para ministrar-lhe o exercicio que o redusa — se necessario, — que o augmente de volume — quando preciso, — ou lhe corrija os defeitos.

As mamãs de agora muito se tratam. E, desde cedo, tambem tratam das filhas, acompanhando-lhes atentas o crescimento como cuidadosas devem ser da formação do espirito dos pequeninos sêres pelos quais são responsaveis.

O rosto de uma menina de dez anos já deve ser examinado com o mesmo criterio que o de uma joven de vinte, ou uma de trinta.

Na primeira juventude sempre aparecem cravos, espinhas, brotoejas que maltratam a epiderme. Sem tratamento adequado, mais tarde muito rosto que poderia ser bonito, parece feio.

A *"acne"* juvenil cura quando tratada bem e a tempo. No entanto, tive oportunidade de verificar, nos meus largos tempos de cabeleireiro, que, entre a clientela do sexo bonito que frequentava diariamente os meus salões, o erro na escolha de preparados da péle era continuo, constante, persistente.

Conhecedor e estudioso da arte de produtos para a péle, comecei a obter resultados que me levaram a intensificar mais a industria que me atraía soberanamente. Daí vieram vindo os tonicos, os crémes, as loções, os perfumes que assino consciente de que não procuro iludir o publico.

As péles secas são, antes da massagem com o "creme" Auto-Massagem (A. Dorét), lavadas com agua e sabão de qualidade esplendida. O Creme Auto-Massagem é nutritivo, e em pouco menos de tres dias juvenilisa a epiderme; as péles gordurosas são lavadas, em leve fricção, com o "Jouvence Fluide", tratamento que dará resultado bom logo depois de cinco dias de uso.

Como fixativo do pó d'arroz: Emulsina A. Dorét, n. 12 — péle normal; — n. 15 — péle seca. Na péle gordurosa o pó d'arroz por mim carinhosamente preparado, uma vez em uso não mais será substituido.

Os produtos A. Dorét acham-se á venda: na Casa A. Dorét — rua Alcindo Guanabara n. 5-A; Casa Cirio — Ouvidor, 183; Drogaria Huber — 7 de Setembro, 63; Drogaria Giffoni — 1° de Março; Guido Delio — Uruguayana n. 16; Ormonde — Cabeleireiro — S. José, 120 — 1°; Julio Araujo Mendes — Barão de Mesquita n. 234.

No mais, informações para a fabrica A. Dorét — Rua Gurupy n. 147 — Rio.

CURIOSIDADES DE HOLLYWOOD CONTADAS POR MERVYN LE ROY

(FIM)

estrella. A proposito, Mervyn extranha que Mary não seja hoje uma estrella de primeira grandeza e revela á curiosidade dos "fans" a ogerisa que Mary tem pelos papeis de "senhora" que os productores teimam em querer dar-lhe...

Mervyn não se cansa de elogiar Mary e diz que a unica cousa della de que elle não gosta é do nome de "Harroti" que ella deu á sua filhinha...

Helen Vinson, que elle dirigiu em "O fugitivo" e agora fez tão linda em "Precioso ridiculo", é outra das predilectas de Mervyn e uma pequena que irá longe... diz o director.

Mervyn Le Roy não bebe, mas em compensação fuma "prá-burro"...! Talvez devido aos seus nervos...

Dos artistas que elle tem dirigido, o maior na sua opinião, é Paul Muni. E Mervyn assim o classifica porque Paul Muni nunca está satisfeito com o que faz.

Por falar em Paul, elle e Mervyn, acabam de receber uma verdadeira consagração popular, na noite da estréa do ultimo film que fizeram juntos, em Hollywood — "The World changes". Durante dez minutos a platéa do Cinema ovacionou-os enthusiasticamente!

Eis ahi um pouco de Mervyn Le Roy e algumas cousas interessantes de Hollywood que o director de "Sede de escandalo", "Dois segundos", "Narcissus" que vimos agora e tantos outros films estupendos revela á curiosidade dos "fans".

GRANDE PRESEPE DE NATAL D'O TICO-TICO

Como de praxe, O TICO-TICO está publicando este anno um grande presepe, de armar, para enlevo de todos os seus leitores.

A publicação da linda lapinha foi iniciada no numero de 30 de Agosto d'O TICO-TICO e para ella chamamos a attenção de todos os nossos amiguinhos porque o grande presepe que está sendo publicado este anno é dos maiores e mais artisticos até hoje vistos.

OURO E TRAPOS

(FIM)

Bill reluta, mas Molly consegue dominar a altivez do seu namorado e o rapaz se convence de que deve, de uma vez para sempre, deixar as corridas em paz, pois ellas sempre hão de ser a causa do seu fracasso na vida.

O pae de Bill, sem que este saiba, transformara a pequena loja de ferragens num grande estabelecimento, com o dinheiro que Bill lhe enviara, quando a fortuna lhe sorria.

E assim, quando o filho chega a New-York, tem uma grande surpresa quando o velho lhe diz que a casa é de sua propriedade e que agora, casado com Molly, elle iniciará nova vida para cujo successo o seu pae em tudo o ajudará com a sua longa pratica.

Quem não gostou da cousa foi "Lady Lightning"... pois foi vendida a Scotty para puxar a carroça da sua lavanderia... Mas não tem outro remedio senão conformar-se, raciocinando que a democracia tomou conta do mundo...

O CASAMENTO CUSTA DINHEIRO A BETTE DAVIS

(FIM)

tos do Ambassador, parecia-me estranhamente joven para ser mulher de tão praticas attitudes. Coisa que ella propria attribue ao facto de proceder da Nova Inglaterra.

Bette nasceu em Lowell, Massachusetts, duma familia que nunca teve nenhum membro no theatro. Comtudo a mãe della sempre se lamentou de não ter sido actriz, e, por consequencia, muito se alegrou quando a filha lhe manifestou o desejo de entrar para o palco.

A sra. Davis fez tudo para que Bette seguisse a carreira que escolhera e, quando a moça sahiu do collegio na sua cidade natal, foi mandada para Nova York a cursar as aulas da John Murry Anderson School of the Theatre.

A proposito, foi na escola que Bette conheceu o que é hoje seu marido. Harmon O. Nelson occupava a carteira ao lado da de Bette.

Depois da aprendizagem na escola dramatica, Bette entrou para uma companhia de Rochester, fazendo, depois, uma temporada de verão com a Provincetown Player, no Cape Cod.

Foi ahi que a actriz renovou a amisade com o antigo condiscipulo Ham, o qual, na época, tocava numa orchestra de hotel.

Voltando a Nova York, Bette encontrou as portas da Broadway abertas, recebendo, diariamente, cartas de Ham, que lhe alegravam a existencia.

Appareceu em "The Earth Betwen", em "Broken Dishes" e em "The Solid South", com Richard Bennett. Foi nessa ultima peça que um "scout" da Universal a viu, sendo então contractada para o Cinema, trabalhando nos films "Garota rebelde" e "Filhos".

Durante o seu primeiro anno de Hollywood, Bette tomou parte em varios Films sem importancia, fazendo, como ella propria o diz, os peores trabalhos da sua carreira.

Comtudo, George Arliss viu-lhe um "test" e quando a Universal deixou de renovar o contracto de Bette, foi aquelle sagaz inglez que concorreu para que lhe dessem um papel principal no film "O homem Deus".

Bette foi de novo contractada e, depois, de trabalhar em "No palco da vida" e outros Films, chegou a estrella em "Amante de seu marido".

No ultimo verão, não podendo resistir mais á separação, Mr. Nelson embarcou para Hollywood, a encontrar-se com Bette. Foi assim que os dois se casaram.

— Sem duvida, disse-me Bette, ao separarmo-nos, é tolice affirmar coisas sobre o futuro. Ninguem sabe o que o Destino nos reserva. Mas, a não ser por fogo, inundação ou terremoto, se eu e Ham ainda estivermos vivos, pode estar certa de que será convidada para o quinto anniversario do nosso casamento. E' talvez a influencia da Nova Inglaterra. Lá a gente não descasa com facilidade!

Entre os films de Bette contam-se os seguintes: "Negocios de familia", tambem com George Arliss; "20.000 annos em Sing-Sing", com Spencer Tracy; "Escravos da terra", com Barthelmess; "Erros do coração", com Ruth Chatterton; "Tres ainda é bom", "Surpresas convencionaes", com Warren William; "Ponte de Waterloo", com Mae Clarke; "Way Back Home", da RKO, "The Menace", um film mysterioso da Columbia e "Hell's House", da Capitol, ainda não exhibidos no Brasil. Um dos seus ultimos trabalhos é em "Bureau of Missing Persons", da First National, ao lado de Lewis Stone.

O NOVO E SENSACIONAL ROMANCE D'O TICO-TICO

O MATADOR DE OURO

um titulo suggestivo de maravilhoso romance — um relato vivamente impressionante, de empolgantes aventuras.

Logo que termine a publicação do romance *O Passaro de Aço*, que tanto successo tem alcançado, O TICO-TICO iniciará um novo e sensacional romance de aventuras empolgantes, para leitura dos meninos, sob o titulo

O MATADOR DE OURO

O heróe do romance, creatura de raro poder e de inconcebivel bravura, transforma o ouro e todos os metaes preciosos da terra em lama. Uma verdadeira maravilha será

O ROMANCE D'O TICO-TICO

Como fizemos com *O Passaro de Aço*, daremos, absolutamente gratis aos nossos leitores, dentro de uma edição d'O TICO-TICO, previamente designada, a capa, colorida, para encadernação do

O MATADOR DE OURO

romance dos mais empolgantes e que alcançará, estamos certos, grande successo.

Aguardem os proximos numeros d'O TICO-TICO.

O NOVO AMOR DE CHARLES CHAPLIN

(FIM)

na vista. Não passou despercebida no monturo, apesar da cabelleira loura.

Não appareceu em todos os retratos que se tiraram das lindas coristas que tomaram parte no Film. Tratou de evitar a publicidade excessiva e só algumas photographias lhe mostravam o esplendor da face, o cabello, "platinum" e aquella expressão vaidosa mas muito feminina, que, sem duvida alguma, encantou Chaplin.

O artista já por diversas vezes tem dito, referindo-se a ella, que Paulette é "maravilhosa", o que indica que a acha bellissima. "Ella tem uma luz", exclama o comediante, com um gesto que suggere uma aureola na linda cabeça da actriz.

Não deixa de ser um tanto surprehendente que Paulette tenha chamado a attenção de Chaplin, quando appareceu no Film de Eddie Cantor, pois, apesar do facto de se distinguir muito entre as outras, a actriz não tinha essa originalidade de typo, que hoje lhe conhecemos. O cabello louro, na colonia do Film, torna todas as mulheres mais ou menos eguaes.

Diz-se que suaviza as feições, mas, em Paulette, o effeito foi exactamente o contrario. Depois que a deixaram fazer voltar o cabello á sua natural côr escura, a sua belleza tornou-se infinitamente menos deslumbrante e perturbadora do que na época de "O meu boi morreu". E' agora mais delicada e harmoniosa. Hollywood confessa que só depois disso a veio a conhecer verdadeiramente, inclusive as suas possibilidades na Tela. A colonia não lhe viu nenhum futuro no Cinema. Uma vez mais, portanto, Chaplin apparece como descobridor.

—oOo—

Miss Goddard já recusou varias offertas de diversos Studios. Está á espera da estréa com Chaplin, o qual affirma que será das mais auspiciosas.

Apparecer como "leading-lady" num Film de Chaplin equivale a um grande passo para qualquer actriz jovem que deseje fazer carreira no Cinema.

Resta saber se Paulette sonha realmente com a ephemera gloria cinematographica. Talvez as suas aspirações sejam outras, de caracter mais duradouro. Ella é esperta, toda a gente o diz, inclusive o proprio Chaplin.

Certa occasião em que o actor fazia compras com ella disse a uma amiga que, por acaso, os encontrou:

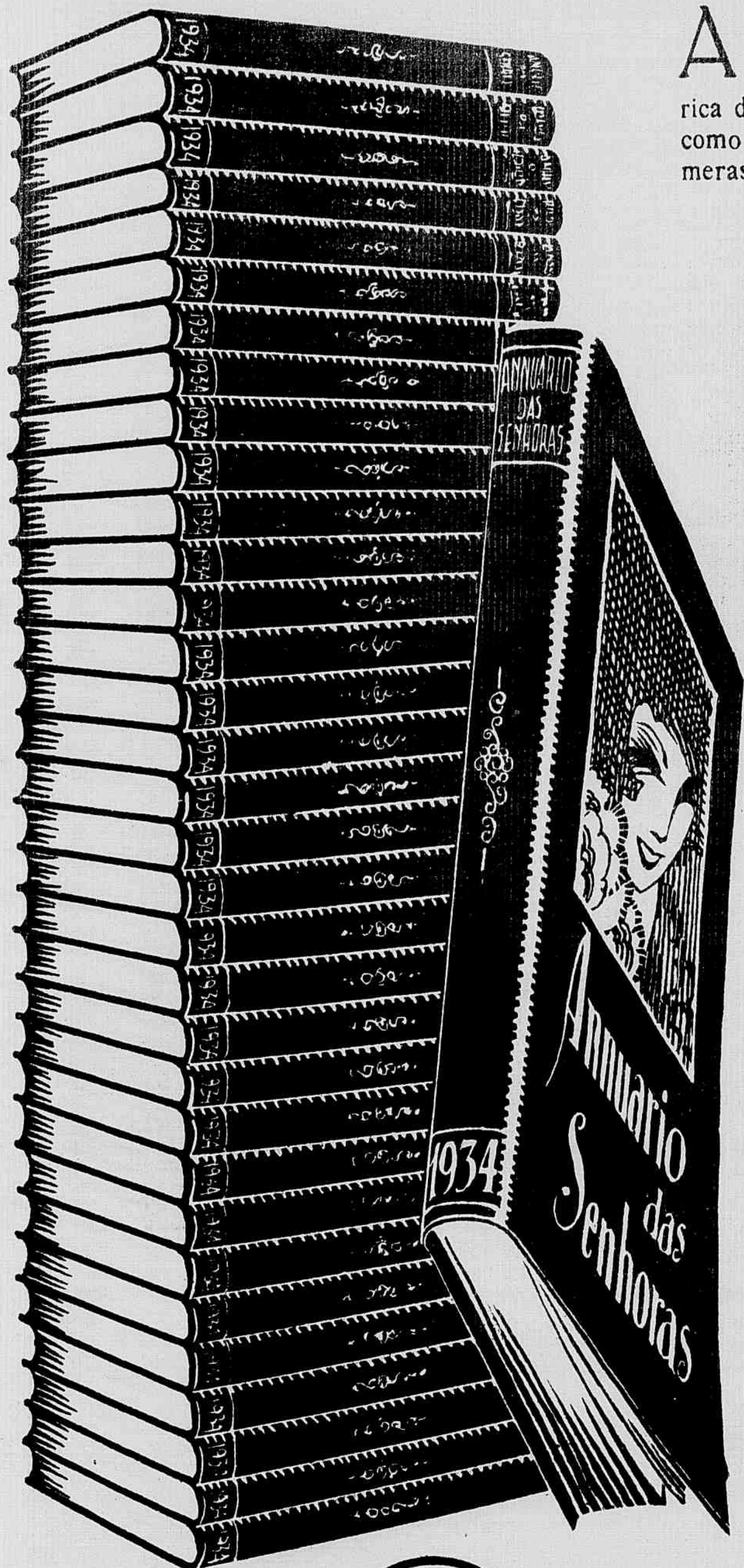
"Você não calcula como Paulette é intelligente! Mais intelligente que a maioria das pequenas. Duma sagacidade a toda a prova. Sabe ter dinheiro, entende de finanças, e admiro-lhe a independencia.

Sabe o que tem a comprar e como deve comprar. Em questões de gosto, é dum descernimento excepcional".

Paulette deixou de nariz á banda todos os que imaginavam conhecer Chaplin a fundo, as suas venetas e a sua volubilidade. E' capaz de ser já a Sra. Chaplin, mas sabe guardar segredo como o proprio comediante. E olhem que, neste caso, a tarefa não é nada facil!

Pessoalmente, não acredito que Chaplin e Paulette tenham casado já, mas acho que é fatalmente o que vae acontecer. O casamento (ou o annuncio do casamento já realizado) virá como remate do Film, pois, pelo visto, tanto um como o outro têm um sentimento profundo do dramatico. Seria muito menos interessante vêr Chaplin numa Pellicula ao lado da esposa do que com a mulher por quem está profundamente enamorado.

Embora, talvez, o proprio artista não perceba isso. E Paulette? Duvido que não o comprehenda!

Uma Verdadeira Joia!

A direcção de MODA E BORDADO, incontestavelmente a mais bem feita revista de Modas que até hoje se publica na America do Sul, apresentará no fim do corrente anno, como demonstração de alto apreço ás suas innumeras leitoras, uma verdadeira joia que será o

Annuario das Senhoras

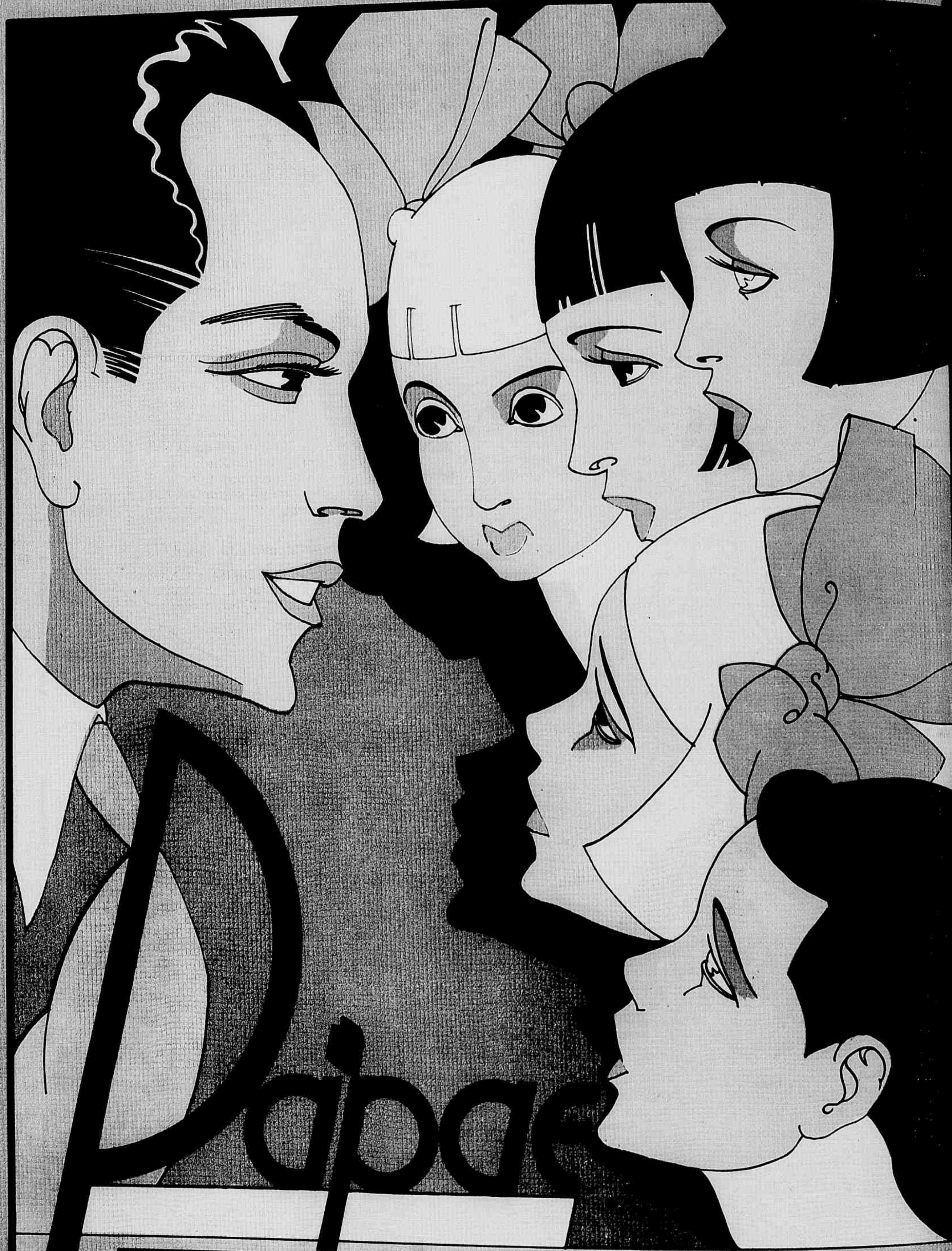
contendo, em suas bellissimas paginas em rotogravura, um milhão de assumptos para a mulher e para o lar.

Modas, Bordados, Crochet, Tricots, Decoração e arranjos da casa, Assumptos de Belleza, Receitas Culinarias, Penteados, Musica, Arte, Poesia, Contos, Novellas, Dialogos, Litteratura, Illustrações, Sport, Cinema, Chiromancia, Adornos em geral, Conselhos ás Mães e ás jovens, e uma infindavel quantidade de suggestivos assumptos que interessarão a todos os espiritos femininos.

Uma verdadeira joia

será, portanto, o "Annuario das Senhoras", que conterá perto de 400 paginas, em rotogravura, ricamente, artisticamente illustradas e com uma magnifica encadernação.

Annuario das Senhoras

deve ser desde já pedido ao seu fornecedor para a reserva do exemplar. Em todos os vendedores de jornaes e revistas e em todas as livrarias e casas de figurinos do Brasil será encontrado á venda em meados de Dezembro do corrente anno. Pedidos, desde já, á Empresa Editora de Moda e Bordado ou S. A. O MALHO, Travessa Ouvidor, 34 — Rio. Preço sem augmento para remessas para o interior do Brasil — 6$000 cada exemplar.

A gravura que ahi está é uma reproducção exacta do novo livro da BIBLIOTHECA INFANTIL d'O TICO-TICO. Quem o escreveu foi JORACY CAMARGO, uma das expressões mais altas da literatura nacional contemporanea. MONTEIRO FILHO, que o illustrou, já é um nome consagrado, entre os jovens desenhistas do paiz. A obra é uma das mais encantadoras e finas que a intelligencia, a graça e a vivacidade das creanças já inspiraram a um espirito cultivado e observador. "PAPAE" tem as illustrações mais suggestivas, as historias mais bonitas e os ensinamentos mais interessantes que se possam imaginar. São verdadeiras lições de cousas, dadas de maneira engenhosa e attrahente. É um trabalho que honra a BIBLIOTHECA INFANTIL d'O TICO-TICO, pelo cuidado da impressão, o bom gosto das illustrações, a perfeição literaria e a delicadeza do texto. Não prive os seus filhos do encanto deste livro alegre, sadio e instructivo. PEDIDOS Á BIBLIOTHECA INFANTIL d'O TICO-TICO TRAVESSA DO OUVIDOR, 34-RIO — PREÇO EM TODO O BRASIL 5$000

LIVROS DA MESMA SERIE, JÁ PUBLICADOS: "CONTOS DA MÃE PRETA", de Oswaldo Orico; "NO MUNDO DOS BICHOS", de Carlos Manhães; "RÉCO-RÉCO, BOLÃO E AZEITONA", de Luiz Sá; "CHIQUINHO d'O TICO-TICO", aventuras infantis; "QUANDO O CÉO SE ENCHE DE BALÕES...", de Leonor Posada; "HISTORIAS MARAVILHOSAS", de Humberto de Campos; "MINHA BÁBÁ", de J. Carlos; "ZÉ-MACACO E FAUSTINA", de Alfredo Storni; "PANDARECO, PARACHOQUE E VIRALATA", de Max Yantock.